Diário de Lisboa

Maio de 1977
Segunda-feira
2

N.º 19342
ANO 57.º
6 escudos

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Piteira Santos**

PRIMEIRO DE MAIO EM TODO O PAÍS

A maior manifestação de sempre

. Os trabalhadores portugueses deram ontem, em todo o País, um prova cabal de consciência da hora histórica em que vivemos. Num dia de festa, de consagração das conquistas do 25 de Abril e de luta por um país novo, o mundo do trabalho veio para a rua organizadamente, numa exemplar manifestação de unidade e determinação. Se o 1.º de Maio de 1974 foi uma explosão popular festiva e plena de emotividade, o 1.º de Maio deste ano assumiu um alto conteúdo de lucidez política e de consciência de classe.

Para além dos números, e num momento em que os trabalhadores enfrentam perigos e ameaças por parte dos representantes internos e externos do imperialismo, o dia de ontem constituiu a melhor resposta em defesa da independência nacional e da democracia portuguesa a caminho do socialismo. Também nesse sentido o 1.º de Maio de 77 foi a maior manifestação de sempre dos trabalhadores portugueses. Operários, camponeses e trabalhadores de todos os quadrantes da vida nacional vieram demonstrar a sua força e a sua unidade, a sua capacidade de resposta e o seu empenho na reconstrução da economia portuguesa, mas que seja uma recuperação ao serviço de todos os portugueses e não ao serviço do capitalismo.

Na base deste grandioso e incontestável êxito esteve o poder de organização e a aderência das massas trabalhadoras às posições unitárias e de luta consequente da Confederação Geral de Trabalhadores Portugueses — Intersindical. Foi este espírito, esta euforia unitária e esta determinação pelo avanço da Revolução de Abril que fez das manifestações de ontem um marco importante na marcha irreversível da democracia portuguesa para uma sociedade que termine, definitivamente com explorados e exploradores. Aqueles que, com intuitos bem precisos, vêm tentando alimentar o divisionismo, ficaram mais, e talvez definitivamente, isolados.

As grandes manifestações de ontem estenderam-se de norte a sul do País, abrangendo, segundo os primeiros cálculos divulgados pela CGTP-IN, cerca de um milhão de trabalhadores, dos quais cerca de 600 mil em Lisboa, 200 mil no Porto, 50 mil em Beja e 25 mil em Évora.

De qualquer modo, a grande jornada de ontem permanecerá como um grande exemplo da determinação de um povo na construção do seu futuro.

(Reportagem nas págs. 6, 7, 8 e 9)

"Diário de Lisboa" no desfile

O «Diário de Lisboa» também esteve presente no grandioso desfile do Primeiro de Maio. Prolongadas ovações assinalaram em todo o percurso a passagem da delegação de trabalhadores do nosso jornal, redobrando de calor à entrada do Estádio. Entretanto, a generalidade das empresas das regiões de Lisboa e Setúbal associaram-se à manifestação com deputações e cartazes

Política de A a Z

UM PAÍS NOVO

Uma tempestade de aplausos coroaria ontem no «Estádio 1.º de Maio», a afirmação de um dirigente sindical: «Um País novo constrói-se com o Povo». A frase singela, no seu recorte simples, traduzia a consciência dos trabalhadores, a sua determinação, uma vontade de participação, uma certeza política. Em poucas palavras uma grande lição. E uma séria advertência.

Se não tivermos esquecido o importante discurso do general Lemos Ferreira que interpretou, por seu turno, uma profunda preocupação de independência nacional e indicou a necessidade de não repousarmos nas ajudas externas para encontrarmos as soluções nacionais urgentes, poderemos concluir que, em certos meios militares e no mundo do trabalho, se reforça a vontade de contarmos com as nossas próprias forças, de sermos nós a decidir o nosso caminho, de assegurar, tal como a Constituição preconiza, a presença dos trabalhadores nas linhas de produção e nos centros de decisão.

A tarefa iniciada em 25 de Abril de 1974 é a construção de um «País novo». E, como se afirmou ontem, no «Estádio 1.º de Maio», um «País novo» constrói-se com o Povo. Não ouvimos uma simples frase.

No «Estádio 1.º de Maio», e por ocasião do dia em que, obedecendo a uma longa tradição, as classes trabalhadoras passam em revista as suas forças, a frase adquiriu extraordinária ressonância. E a força dos milhares e milhares de vozes que a repetiram, e a força dos milhares e milhares de braços que se ergueram a aclamar o orador, e a força dos milhares e milhares de mãos que o aplaudiram, não poderá ser ignorada pelo Presidente da República como garante do projecto constitucional e pelo Governo como executor da vontade popular, da vontade da Nação.

Porque esta Revolução Portuguesa de 25 de Abril de 1974 fez-se para devolver ao Povo liberdades e abrir os caminhos do Futuro. A vontade da Nação é a vontade do seu Povo, a vontade das forças do Trabalho e da Cultura irmanadas. O mandato nacional confirmado nos actos eleitorais é preciso: institucionalizar a vida democrática, abrir a via da construção socialista. E é com o Povo que este caminho deverá ser percorrido. E é com o Povo que este «País novo» deverá ser construído.

O «25 de Abril» não se fez para governar sem o Povo, nas costas do Povo ou contra o Povo. Todos os democratas verdadeiros tinham esta consciência. Ontem, do Minho ao Algarve, em manifestações que não poderão ser ignoradas e cujo significado político, de afirmação unitária, de consciência de classe, não poderá ser minimizado, esta verdade foi proclamada. Proclamada em palavras e por um acto de presença dos trabalhadores na vida pública que pesará no curso histórico. O Presidente da República terá que contabilizá-lo (em termos numéricos e em termos políticos). Os Capitães de Abril terão que considerá-lo a melhor prova de que «valeu a pena». O Governo ficou obrigado a reflectir.

OS TRABALHADORES UNIDOS

Em Lisboa, no Porto, e não citemos mais para não cometer pecados de omissão, os trabalhadores estavam nas manifestações e encontraram, independentemente das ideologias, das crenças, das divisões verificadas num passado recente, uma linguagem unitária, uma decisão comum, uma expressiva fraternidade. Se alguma vez teve significado o juízo conhecido — importa valorizar o que nos une e não realçar o que nos divide — foi neste 1.º de Maio. Concretização popular plena de uma vontade de convergência, de entendimento, de confraternização.

A contestação do carácter unitário, aberto e democrático da organização sindical, sofreu neste dia 1.º de Maio uma estrondosa derrota. Se a CGTP-Intersindical Nacional foi capaz de mobilizar os trabalhadores de Bragança a Faro, nas regiões da Reforma Agrária e nas zonas industriais, se encheu a Praça Humberto Delgado e o Estádio 1.º de Maio, é porque o movimento não é estreito, fechado, dogmático, burocrático, sectário. E melhor do que qualquer comentador, proclamou-o na tribuna do «Estádio 1.º de Maio», o militante socialista Kalidás Barreto.

Voz insuspeita a sua. Voz autorizada nesta particular matéria, ele próprio sindicalista contestatário, ontem, dirigente nacional, hoje, da Confederação Geral dos Trabalhadores Portugueses. E pela sua voz, e com os milhares e milhares de vozes que à sua se juntaram o que ficou proclamado — e o Governo terá que reflectir — é uma refutação enérgica de qualquer divisionismo sindical.

OS DEMOCRATAS E O PAÍS

Perante o Portugal novo que ressurge e uma vez mais se reencontra na decisão de vencer a crise, reconstruir a economia nacional, defender a Democracia, os democratas verdadeiros deverão fazer um sério, severo, exame de consciência.

As recentes manobras da «direita» puseram a claro o projecto de inverter o curso histórico, de contrariar a vontade popular, de constranger o Partido Socialista a aceitar integrar-se numa «coligação» ou de se considerar obrigado, para manter o «poder», a resvalar de concessões de princípios em cedências de posições num deslizar perigoso para as instituições democráticas. As manifestações do dia 1.º de Maio constituem uma resposta política às manobras da «direita». E deverão ser interpretadas, também, como uma reafirmação de que o «25 de Abril» está vivo.

Aspectos de crítica à acção governativa ou de contestação da orientação dos homens políticos que governam neste momento o País, deverão ser considerados como legítimos e úteis. Deles os governantes deverão tirar argumentos e forças para resistir às pressões da «direita», para repelirem «coligações» contrárias à letra e ao espírito do projecto de avanço para o Socialismo, em democracia, inscrito na Constituição.

Face ao País, as manifestações do 1.º de Maio, reforçaram a posição dos democratas. Reafirmaram a opção socialista.

CONTROVÉRSIA NO CR

Melo Antunes clarifica declarações à MTI

«O projecto de transformação da sociedade portuguesa no momento actual, a solução possível para o cumprimento da Constituição, seria a de um projecto político global entre forças políticas, entre homens políticos, entre partidos e formações políticas diversas, sendo as próprias Forças Armadas, a quem constitucionalmente compete, pelo artigo 273 da Constituição, a defesa e garantia da marcha para o socialismo e a consolidação da democracia, um fermento de todo este projecto».

Esta declaração foi feita pelo major Melo Antunes, membro do Conselho da Revolução e presidente da Comissão Constitucional, à agência ANOP que o interrogou a propósito de notícias surgidas ultimamente quanto à controvérsia que a sua recente entrevista à agência húngara M.T.I. teria provocado na reunião da semana passada do Conselho da Revolução.

«A passagem que deu origem a esse debate foi aquela em que eu faço referência ao facto de em Portugal uma sociedade socialista só poder ser alcançada, a nível institucional, através de alianças entre forças políticas situadas à esquerda e em que fazia referência às Forças Armadas, responsáveis pelo 25 de Abril» — esclareceu Melo Antunes, que adiantou não ter pretendido com tal afirmação «provocar qualquer ideia de uma solução possível para os problemas políticos que o País vive neste momento, o que nem sequer me compete.

«Eu apenas quis exprimir a minha opinião pessoal quanto à forma como, de acordo com o espírito e a letra da Constituição, a sociedade portuguesa pode reforçar e conciliar a democracia e caminhar para o socialismo», sublinhou Melo Antunes.

«Relativamente à referência que faço às Forças Armadas, ela aparece nos jornais a seguir a um parêntesis em que se elimina uma parte das minhas declarações, o que de certa maneira prejudicou a sua interpretação».

«A frase completa das declarações — diz Melo Antunes — era a seguinte: penso que a nível institucional esta finalidade, este objectivo, só poderá ser alcançado com verdadeiras formas práticas de aliança entre partidos políticos de esquerda e formações políticas que desenvolvem a sua actividade à esquerda, isto é, que desenvolvem um projecto político de esquerda, entre, portanto, as forças políticas, os homens políticos, os partidos e mesmo os elementos das Forças Armadas, que foram inicialmente responsáveis pelo 25 de Abril e que hoje continuam a ser um elemento bastante importante da Revolução Portuguesa»

«Isto quer dizer — continua Melo Antunes — que o projecto de transformação da sociedade portuguesa no momento actual, a solução possível para o cumprimento da Constituição, seria a de um projecto político global entre forças políticas, entre homens políticos, entre partidos e formações políticas diversas, sendo as próprias Forças Armadas, a quem constitucionalmente compete, pelo artigo 273 da Constituição, a defesa e garantia da marcha para o socialismo e a consolidação da democracia, um fermento de todo este projecto».

A terminar e salientando que não se referia só àqueles elementos que arrancaram para o 25 de Abril mas sim a todas as Forças Armadas e a todos que aderiram à Revolução iniciada em 25 de Abril, Melo Antunes sublinhou que pensa não ser possível conceber que «uma solução política em Portugal passe por uma participação exclusiva dos homens que arrancaram no 25 de Abril, pois a própria experiência da Revolução demonstrou que muitos dos que não tiveram oportunidade de participar directamente nos acontecimentos de 25 de Abril deram provas de serem capazes de assumir as suas responsabilidades na consolidação do novo regime e no avanço para uma nova sociedade».

FREITAS DO AMARAL

"Sete anos para o Governo resolver a crise"

O presidente do CDS, Diogo Freitas do Amaral, afirmou no sábado passado na Póvoa de Varzim que, na previsão do seu partido, serão precisos sete anos para que o Governo actual resolva a crise com que o País presentemente se defronta: «Se o CDS tivesse ganho as eleições, a crise seria vencida nesse período, com dois anos iniciais de esforços e sacrifícios e um espaço complementar de cinco anos, de perfeita acalmia e recuperação.» Transcrevemos do quotidiano «O Primeiro de Janeiro». A afirmação foi feita na ocasião de um almoço em que participaram cerca de três centenas de centristas com Diogo Freitas do Amaral naquela cidade do Norte em vésperas do 1.º de Maio. Falando aos jornalistas, Freitas do Amaral teve oportunidade de se pronunciar acerca do último discurso do Presidente da República, a atitude do partido do Centro perante o actual Governo e ao Dia do Trabalhador. a assinalar no dia seguinte.

Sobre o último discurso de Ramalho Eanes: «Foi uma análise muito realista da situação», disse o presidente do CDS. «A importância desse discurso está precisamente no facto de ele abordar o agravamento da situação económica» «dupla importância», acrescentou: «É errado insistir na ideia de que não há alternativa para o Governo. Em democracia há sempre alternativas, e, nesta fase, que inevitavelmente é de descontentamento popular, dar ao povo a ideia de que não há alternativa, isso significa empurrar todos os descontentes para fora da democracia.» Depois: «Quando se fala em alternativa para o Governo, pensa-se na queda do Governo; ora — acrescentou — não é necessário isso: existem várias modalidades, desde as alterações simples no Governo até às plataformas de entendimento com a oposição. Agora, se as alternativas forem afastadas, então pode falar-se em substituição do Governo e o CDS está à vontade para falar nisso, pois temos mantido um comportamento altamente responsável, e fomos nós que preconizámos a fórmula de acalmia política para vencer a crise económica. Para além disso, o CDS continua aberto ao diálogo com todos os partidos democráticos.»

Garantiu Freitas do Amaral que «o CDS não fará oposição sistemática ao Governo. Isso depende das soluções que o Governo der aos problemas nacionais», acrescentou.

Sobre o 1.º de Maio: «O CDS não tomou qualquer posição explícita porque entendeu não a tomar. Nós seguimos a doutrina social da Igreja e esta manda comemorar a data como 'o dia do trabalho', mas no sentido cristão da palavra. Assim faremos.»

NO PORTO

Custo de vida aumentou 19 por cento num ano

Segundo dados fornecidos pelo Instituto Nacional de Estatística, o custo de vida no Porto subiu 19 por cento num ano — entre Fevereiro de 1976 e Fevereiro de 1977. Verificou-se igualmente que num só mês deste ano também (Janeiro-Fevereiro de 1977), esse aumento foi de cerca de 5 por cento.

No referente aos custos da alimentação os preços tiveram, nesse mesmo mês, uma subida em flecha: 70 por cento demarcando-se claramente uma alta em relação a 1976, a qual se cifra em mais 23 por cento.

..Ainda através da I. N. E., sabe-se que na cidade do Porto foram constituídas, em Janeiro último, nada menos de 60 sociedades, cujo capital social ascende a 46 854 contos, tendo-se dissolvido, no referido período, quatro empresas com o capital de 660 contos. Como em Janeiro de 1976 se haviam constituído apenas 31 sociedades com um capital de 11 196 contos, e dissolvidas três com um capital de 2350 contos, quer dizer que os números sobre Janeiro deste ano referem um aumento de quase 50 por cento neste sector das sociedades comerciais.

FRANCISCO MATA LANÇA

"RODA LIVRE"

Na Livraria Opinião, à Rua Nova da Trindade, o jornalista Francisco Mata apresenta depois de amanhã, a partir das 17 horas, o seu novo livro «Roda Livre». Há nomeadamente uma sessão de autógrafos.

Além desta obra de Francisco Mata a Editorial Forja lançará na mesma ocasião o romance de estreia de Torres Caeiro «A Sombra das Palavras».

PUB

FEDERAÇÃO DOS SINDICATOS DOS TRANSPORTES RODOVIÁRIOS

AV. COLUMBANO BORDALO PINHEIRO, 71 - 6.º-A LISBOA

COMUNICADO

A FEDERAÇÃO DOS SINDICATOS DE TRANSPORTES RODOVIÁRIOS comunica a todos os trabalhadores rodoviários que, conforme ofício do Ministério dos Transportes e Comunicações, datado de 30 de Abril de 1977, «seguiu para publicação no Boletim de Trabalho e Emprego, a Portaria de Regulamentação de Trabalho (PRT) para os trabalhadores rodoviários do sector privado, dado o facto das respectivas entidades patronais terem abandonado as negociações do Contrato Colectivo de Trabalho Vertical».

Ainda segundo o mesmo ofício «foi também criado por despacho conjunto dos senhores Secretários de Estado do Trabalho e dos Transportes e Comunicações, um Grupo de Trabalho integrando representantes do Conselho de Gerência da Rodoviária Nacional, dos Sindicatos e das Secretarias de Estado atrás mencionadas. Este Grupo de Trabalho visa, essencialmente, analisar os problemas decorrentes da falta de cumprimento, na data prevista, do pagamento dos retroactivos, a interpretação de cláusulas do Acordo Colectivo de Trabalho que têm suscitado dúvidas, bem como o estudo dos problemas específicos da exploração dos transportes rodoviários e seus reflexos no campo laboral».

A Federação exorta todos os trabalhadores a manterem-se unidos e organizados em torno dos seus Sindicatos.

A LUTA CONTINUA!

Lisboa, 30 de Abril de 1977

Pel'O SECRETARIADO

(Assin. ilegível)

post-scriptum

Coisas incompreensíveis

Quando ando um bocado atrapalhado com o que oiço sobre política leio então com mais atenção o DL e a coisa lá vai, com mais ou menos interrogação.

Desde quarta-feira, dia 20/4 estou completamente baralhado, terá o sr. director paciência para me atender?

E se possível esclarecer ou mandar, pois custa-me imenso roubar-lhe tempo.

Nos tempos dos salazares e caetanos quando um reputado técnico não pertencia à UN ou à ANP ou dizia qualquer coisa que não agradasse aos «senhores», simplesmente, rua.

Veio o 25 de Abril começam a chegar os técnicos que abnegadamente deixam situações estáveis para as suas famílias mas, resolvem vir dar os seus conhecimentos ao País e tentar fazer ir isto p'ra frente.

Passam-se alguns tempos e, de repente, Mário Ruivo não presta, temos cá muito melhor, rua.

Estará a FAO enganada quanto ao valor do especiade Mário Ruivo?

Estará a FAO enganada quanto ao valor do espeicalista português no sector das pescas?

Terá Mário Ruivo sido eleito presidente da COFI ao abrigo da lei do compadrio?

Sr. director, acuda-me que eu não percebo nada disto.

Vítor Franco
ODIVELAS

Casa Pia

Passados que são 3 anos sobre o início da Revolução, é altura de se fazer a pergunta ácerca do que se fez para desfascizar a Casa Pia. A resposta, que cabe ao Governo, assume um carácter de urgência, tanto porque o futuro social, político e até físico de centenas de jovens está, neste momento, em perigo, como também porque dezenas de milhares de contos são anual e infrutiferamente gastos, na Instituição.

Evidentemente que a situação não foi criada, nem sequer agravada substancialmente, nos últimos três anos. O que constrange é que, com uma letargia arrepiante, o Governo pactue com uma situação criada pelo fascismo, sem aparentemente dar sinais de querer começar a resolver o problema.

E qual é o problema? Poderíamos proceder a uma enumeração de factos longa e por vezes cruel, que remontaria pelo menos aos primórdios da acção fascista na Casa Pia, por volta de 1940, através do seu principal vector, Braga Paixão. Não temos, porém, o tempo o espaço e o engenho suficientes para tal. Por isso limitar-nos-emos a dizer que a característica fundamental do drama casapiano é a de o antigo regime ter, numa acção deliberada, destruído a Escola que a Casa Pia era, para a tornar num Asilo, onde se amontoavam parte dos jóvens mais tocados pelas contradições do regime capitalista-fascista, sem a intenção efectiva de os educar integralmente, mas de os reter, de os esconder por um lapso de tempo da própria sociedade que os engendrava.

E nesta acção tudo valia. Desde a propaganda e a «praxis» nazi dos dirigentes, ao corte na qualidade e quantidade dos estudos ministrados — as filhas das criadas não podiam ser outra coisa, argumentava Braga Paixão — passando pela diminuição da qualidade da alimentação, do vestuário, do tipo de vida, das actividades culturais, dos quadros, que progressivamente foram sendo substituídos por inqualificados e inadaptados, ou por oportunistas de toda a espécie, desde os politicoides aos viciados.

Este o quadro que, actualmente, para além das forçosas «modernizações», se mantém nalguns aspectos, e daí o atribuirmos carácter de urgência à sua reformulação.

Apesar da delicadeza do trabalho a executar, ele é possível e apaixonante, porque a Casa Pia, reposta no seu papel de Escola, cujo estatuto particular seja o de se destinar às classes mais desfavorecidas, tem um lugar na sociedade portuguesa actual.

Demétrio Carlos Alves
CARREGADO

DÊ-NOS NOTÍCIAS PELO TELEFONE 320272

Contacte a Redacção do «Diário de Lisboa» através do nosso serviço automático de gravação de telefonemas, ao seu dispor entre as 21 horas e as 8 da manhã.

REFLEXOES SOBRE UM DISCURSO PRESIDENCIAL

VÍTOR BENTO

— Que é feito da tolerância e do respeito com que decidimos conviver?»

Não é fácil abordar este tema, na sociedade, tão habituada ela foi à palavra «indiscutível» dos dirigentes e quando está, ainda, excessivamente sensível à crítica dos cidadãos a ideias e decisões dos que por eles foram eleitos, para funções transitórias. Contudo é na capacidade (e necessidade) da discussão e da crítica que assenta um dos valores da democracia. Discussão que nos parece urgente quando, em momento grave, a palavra nos vem de quem assume, não só institucionalmente mas, sobretudo, na situação histórica concreta, o papel de pêndulo da vida política nacional. De quem se propôs «tomar as medidas necessárias e correctas que assegurem a viabilidade da nação como sociedade livre onde valha a pena viver». Proposta que incondicionalmente merece o nosso apoio. Mas, conterá essa proposta, aceite na generalidade, termos suficientemente claros e coerentes, na especialidade?

— «Que é feito das torrentes de alegria com que nos lançámos na construção de um País diferente, de uma Pátria renovada?».

Estamos numa parte do processo político que é agora de refluxo para quantos perderam certa euforia inicial, com evidente contrapartida para outros, para quem ele é agora animador. Como tudo na vida, são perdas e ganhos que não devem, porém, abafar excessivamente os eternos derrotados, nem amolecer abusivamente os vencedores. Quando do jogo se esmaga o parceiro até à penúria, acaba por se perder o cliente. Talvez esteja aí a razão para a falta de alegria, pois quem começa a dar o jogo é demasiado conhecido.

O discurso do Presidente da República na Assembleia terá entusiasmado os sectores mais conservadores e aqueles mais contrários à mudança e esfriado os sectores considerados mais progressistas. Em nossa opinião, tais reacções talvez provenham de leituras demasiado apressadas. Colagem oportunista, gritarão os críticos maledicentes! Não haja ilusões... Além da atitude realista de preferimos uma solução de tipo «presidencialista» (mesmo «frentista») à alternativa repressiva e hiper-inflacionária do tipo «sul-americano» para onde o diagnóstico da situação económica e política nos aponta, encontramos na mensagem do general Eanes motivos suficientes para que se levantem várias questões que, deixadas sem esclarecimento, prolongarão o vazio de «normas claras de orientação nos campos económico e social».

— «Que é feito do trabalho que prometemos redobrar?»

Entendemos que se trate aqui de trabalho — tarefa nacional — e não do trabalho — função social, ao qual tem sido oferecido o desemprego.

Damos o nosso aplauso à crítica feita aos parlamentares que não tornaram «viável um modelo constitucional» dentro da responsabilidade que lhes está incumbida de «traduzir» os ideais da revolução na realidade concreta do dia-a-dia dos cidadãos» que «aguardam com sacrifícios, soluções concretas». Mas chegarão as leis? Igualmente à crítica da «partilha política da administração pública facilitando manobras dos que vivem à sombra da função» e participaram no assalto ao Poder. Averigue-se quais os critérios de colocação de funcionários públicos, de nível de director de serviços e superior, de nomeação de gestores para empresas públicas e de membros do corpo diplomático e faça-se um «livro branco» sobre critérios de competência. A nossa Administração Pública tem em lugares de elevada responsabilidade gente que não seria aceite por grande número de empresas do sector privado. A política deveria ser exclusivamente deixada aos governantes, que entram e saiem. Daí «para baixo» obedeceria apenas a estudo e aplicação de alternativas técnicas. Quem são as forças políticas que não têm «telhados de vidro» nesta matéria? Ou, de outro modo: será igual a responsabilidade de quem foi chamado no momento «revolucionário» e «bombeirista» do processo e a de quem está a ocupar, calma e despudoradamente, o seu «lugar ao sol» nos tempos em que se recomenda austeridade (para os outros...)?

É com satisfação que vemos o Presidente da República registar que o «País tem desfrutado de um período de acalmia política e de harmonização de forças sociais que os mais optimistas não se atreveriam a prever há dois anos atrás». Nós juntaríamos, mesmo, que esta é uma situação rara quando comparada com o que se passa em outros países com larga tradição democrática e onde a maior riqueza alivia o peso da crise que os aflige.

Mas deve-se esta «acalmia» aos partidos? Não certamente àqueles que «violam lá fora os preceitos que se votam na Assembleia»? Ou deve-se antes à consciencialização dos parceiros sociais? Estarão então os parceiros sociais, agora em raro «período de acalmia política e de harmonização», representados pelos «democratas na Assembleia que fomentam lá fora a agitação e o desemprego das leis»? Se não, quem os poderá representar? Até quando vai permanecer esta «calma» sobretudo do parceiro mais numeroso e que mais sofre com dificuldades que não compreende e vê «cada vez mais incerto o futuro»?

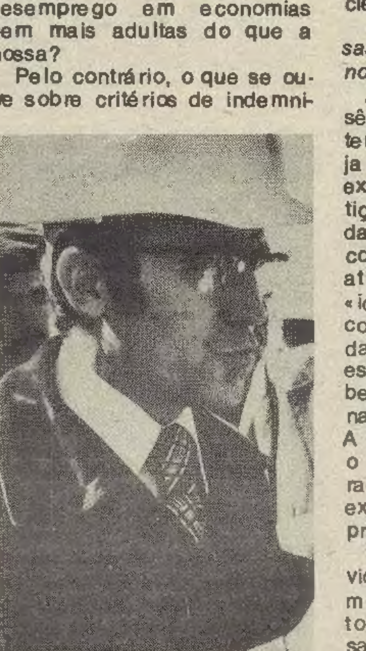
— «Que é feito da riqueza que protestámos aumentar?»

É no campo da economia que mais dúvidas se nos levantam e mais questões poderiam surgir. Não sendo tradicional ser esta uma matéria familiar a militares, talvez que o conjunto de informações disponíveis não tenha sido suficientemente confrontado com pontos de vista diferentes, tanto mais que não se vê viabilidade nos caminhos que vamos trilhando.

É bem claro que, vivendo hoje, como sempre, numa economia de mercado, em que a predominância do emprego e da capacidade exportadora se situa no sector privado, «as metas nacionais de recuperação da economia dependem em larga medida do dinamismo da iniciativa privada». Precisamos também de «quadros, de quadros qualificados e motivados para conceber e realizar programas audaciosos que multipliquem os empregos».

Mas onde se situavam os níveis de riqueza deste país em 24 de Abril de 1974, quando a iniciativa privada portuguesa era então o parceiro social especificamente privilegiado? Onde estavam as tecnologias portuguesas, a capacidade gestora, científica e de investigação que nos tornassem menos dependentes do estrangeiro? Quantos empregos produtivos se multiplicaram, para além dos da França e da Alemanha? Porquê a «iniciativa» (de cuja ausência se queixavam os governantes e relatórios oficiais do anterior regime) vai agora aumentar, quando o outro parceiro social já tem voz activa? Porquê, agora, se nem aquelas medidas que são elementares em qualquer social-democracia, de pressão fiscal sobre a inércia e de incentivo ao dinamismo, obrigando a «fugir para a frente», foram utilizadas? Porquê, agora, quando a ausência de controlos reais nos movimentos financeiros com o estrangeiro tem permitido estratégicos e fraudulentos malabarismos cambiais (sub e sobrefacturação)? Porquê, quando existe uma situação de crise económica internacional, que leva à retracção do investimento e cria desemprego em economias bem mais adultas do que a nossa?

Pelo contrário, o que se ouve sobre critérios de indemnizações leva a pensar que o 25 de Abril pode permitir a «colectivização dos prejuízos e privatizações dos lucros».



«Que é feito da riqueza que protestámos aumentar?»

É preciso formar poupança que permita novos investimentos? Certo! Mas através do mercado financeiro, cuja vivacidade nos últimos anos se deveu quase exclusivamente ao «eldorado» especulativo? Agora quando a inflação vai certamente atingir valores recordes, as taxas correntes de juro são elevadas e existe uma psicose de consumo nos sectores que poderiam poupar? Estarão os actuais detentores do capital e os novos-ricos da especulação e do oportunismo interessados no mercado financeiro? Os dois meses de financiamento da Bolsa não serão já indicador que confirma a retracção? A regulamentação das indemnizações é urgente, mas antes para aqueles que *efectivamente* perderam com as nacionalizações aquilo que era para eles segurança e que também perguntarão: «que é feito da Justiça que afirmaram respeitar?»

Que não haja dúvidas! Pois que se as há devemos tentar esclarecê-las, todos quantos nos impusemos uma atitude de «cidadania consciente» nesta oportunidade histórica que vemos permanente e aceleradamente ser destruída: a herança é pesada; a crise do sistema capitalista internacional é uma dura realidade e exacerba as defesas nacionalistas; a resposta da «iniciativa» exige ambiente psicológico e uma perspectiva de lucro que não se descortinam. Que também não haja dúvidas de que o modelo económico que herdámos gera prejuízo e com ele a falência.

Entretanto, os campos não produzem tanto quanto o engenho humano e o esclarecimento técnico permitiriam, os mares guardam riquezas que não sabemos explorar, há equipamentos mal aproveitados esperando por braços que, desempregados, não podem alimentar bocas; há mercados e portas abertas em outros países que aguardam, já descrentes, a nossa iniciativa e presença. Enquanto isto, discute-se, promete-se, apontam-se miragens para daqui a 10 ou 15 anos, enquanto o amanhã é «resolvido» na pedinchice que compromete um «povo cuja esperança há que respeitar» na aceitação de ingerências exteriores que roçam o escandaloso. Recorrer ao crédito é operação normal, mas, aceitar que se dissipe no consumo crescente é inconsciência.

— «Que é feito das promessas de uma vida melhor que nos propusemos atingir?»

A hora é de sacrifício e sê-lo-á ainda durante bastante tempo. Que também aí não haja dúvidas! Esses sacrifícios exigirão justiça na sua repartição e terá de ser compreendida a sua razão de ser. Ambas condições que ainda não foram atingidas entre nós, onde os «ideais de Abril continuam por concretizar» e todas as dificuldades são antes atribuídas a estes ou aqueles não se estabelecendo uma política nacional de rendimentos e preços. A divisão entre aqueles a quem o 25 de Abril trazia esperanças, pode facilitar soluções excepcionais que não serão de progresso.

Sacrifícios de consumo, da vida melhor que nos propusemos. Mobilização para o auto da produção de que precisamos, e cujos benefícios só virão para os nossos filhos. Mobilização de trabalhadores, sobretudo!

Há quem pense que a criação duma «sólida base social de apoio» só é possível como reflexo da «contabilidade parlamentar». O próprio general Eanes conseguiu em apoio da sua candidatura uma vasta «plataforma programática que suscitou entendimento». Apetece-nos sugerir que se experimente esse mesmo largo bloco percentual de apoio, desde que se mantenha a garantia já assumida pelos militares de fazer cumprir a Constituição. Daí se concluiria se as ficiências da nossa economia e de modo geral da nossa sociedade são ou não de fundo, estruturais, se são ou não resolúveis, em exclusivo, na legalidade que é a voz da Assembleia. Por aí se veria se, em momento de crise, a mobilização do povo português passa pela capacidade parlamentar e dos políticos ou, de preferência, pelo concerto voluntariamente compreendido e aceite pelos parceiros sociais e patrocinado por quem não está envolvido no negócio eleitoral. Daí se concluiria que uma leitura exclusivamente parlamentarista da Constituição nos levará à repetição dos erros da I República.

É que ao contrário do que o general Eanes e nós desejamos, há quem pense que «há regresso neste caminho». Há quem queira cegamente recuperar um «modelo» que não é o *desta* Constituição. Pode haver mesmo quem, assim, venha a encontrar o seu «bloco social de apoio» neste «povo atónito» a quem não foram explicadas as razões profundas dos seus problemas. Estarão ao menos os responsáveis conscientes deles? É que há quem pense que fascismo, democracia cristã, social democracia, socialismo, comunismo, etc., não representam as soluções políticas de resposta a situações sociais concretas, mas, antes, artigos de consumo, que se importam como as modas, ao gosto das clientelas!

ANUNCIOU RUI VILAR

Dotação de 450 mil contos para melhorar aeroportos

O ministro dos Transportes e Comunicações anunciou anteontem a aprovação de um programa de melhoramentos da rede de transportes do Continente e Ilhas, orçamentado em 450 mil contos.

Esta informação foi prestada no decorrer da tomada de posse da Comissão de Instalação da Empresa Pública de Aerogares e Navegação Aérea, constituída pelo eng. José Viana Baptista e pelos drs. José Baganha, Álvaro da Silva Duarte, Ludgero Bernardino Dias e eng. Jorge Correia Mendes.

A maior verba deste montante foi atribuída ao aeroporto de Pedras Rubras (Porto): exactamente 144 mil contos, estando ainda prevista a criação de uma nova aerogare e dum terminal de carga. No que respeita ao Aeroporto de Lisboa, com 60 mil contos, para além das beneficiações deste ano (alteração da entrada de aerogare e da zona de desembarque dos passageiros dos voos internacionais há a prever a saturação a curto prazo, pelo que se pensa na construção de uma nova aerogare com terminal de carga e respectivos acessos.

Para a remodelação da aerogare de Faro e outras beneficiações serão entregues 36 mil contos; para os aeroportos da Madeira (Porto Santo e Funchal), 103.700 contos; enfim para o desenvolvimento da rede secundária de aeroportos do Continente e dos Açores, 43 mil contos.

O dr. Rui Vilar apontou a necessidade do estudo de «outras melhorias» a introduzir nos aeroportos internacionais, «para que possamos corresponder o melhor possível, com aquilo que o País tem, ao bom ano turístico que se avizinha».

Lisnave e Setenave fazem promoção na Alemanha Federal

Terá lugar amanhã na cidade de Hamburgo (Alemanha Federal) uma reunião de promoção comercial levada a efeito pelos Estaleiros Navais da Lisnave e da Setenave junto dos armadores alemães.

A reunião, que se insere no âmbito do acordo de colaboração e promoção comercial conjunta das duas empresas, tem como objectivo levar ao conhecimento dos armadores alemães as reais capacidades dos dois estaleiros portugueses.

A reunião, promovida com a colaboração do agente da Lisnave-Setenave na Alemanha Federal, conta com a presença do embaixador de Portugal naquele país, dr. Ernâni Rodrigues Lopes, adido comercial e elementos do Fundo de Fomento de Exportação.

Núcleo do MAPRU em Malpica do Tejo

Durante uma reunião que decorreu em Malpica do Tejo, distrito de Castelo Branco, constituiu-se um núcleo do MAPRU (Movimento de Agricultores para uma Melhor Previdência Rural).

Os agricultores que participaram na sessão de esclarecimento, onde se debateram questões relacionados com os problemas que mais afectam as populações rurais no sector da Previdência e Assistência, manifestaram o seu apoio ao caderno reivindicativo aprovado no I Encontro da Previdência, que decorreu em Coimbra no mês passado.

PUB

SINDICATO DOS CAPITÃES, OFICIAIS PILOTOS, COMISSÁRIOS E RADIOTÉCNICOS DA MARINHA MERCANTE

CONVOCATÓRIA
REUNIÕES GERAIS DE SÓCIOS

Efectuar-se-ão nos próximos dias abaixo designados, c/ início às 21 h na sede do Sindicato — Praça de D. Luís, 9-1.º Dt.º em Lisboa — reuniões gerais de sócios, com as seguintes ordens de trabalhos:

Dia 2 de Maio, segunda-feira:
– Empresas em que os trabalhadores tenham assumido a gestão após 25 de Abril de 1974: Projecto de Lei n.º 41/I
– Instituto Nacional das Empresas em Autogestão: Proposta de Lei n.º 56/I
– Normas relativas ao funcionamento das empresas em autogestão:
Proposta de Lei n.º 60/I
Dia 18 de Maio, quarta-feira:
– Associações sindicais:
Projecto de Lei n.º 42/I
Lisboa, 14 de Abril de 1977

A Direcção

FARMACÊUTICA/O

Precisa-se para Farmácia, próximo de Aveiro
Carta à Delegação deste jornal, Porto ao n.º 103.

Serviços de Finanças têm que ir ao encontro do contribuinte

«A justiça tributária não é atingida só com a elaboração dos textos legislativos, por melhores que sejam: ela encontra a sua expressão essencialmente nos quadros administrativos que a têm de executar» — afirmou anteontem o dr. Rodrigues Pardal, director-geral das Contribuições e Impostos, na tomada de posse de dezasseis novos directores de Finanças. Na cerimónia esteve presente o ministro das Finanças, acompanhados pelo secretário e subsecretário de Estado do Orçamento.

«Não é só necessário ter funcionários competentes» — acentuaria o dr. Rodrigues Pardal, que referiu o facto de estas posses revelarem «o triunfo da competência sobre a promoção administrativa».

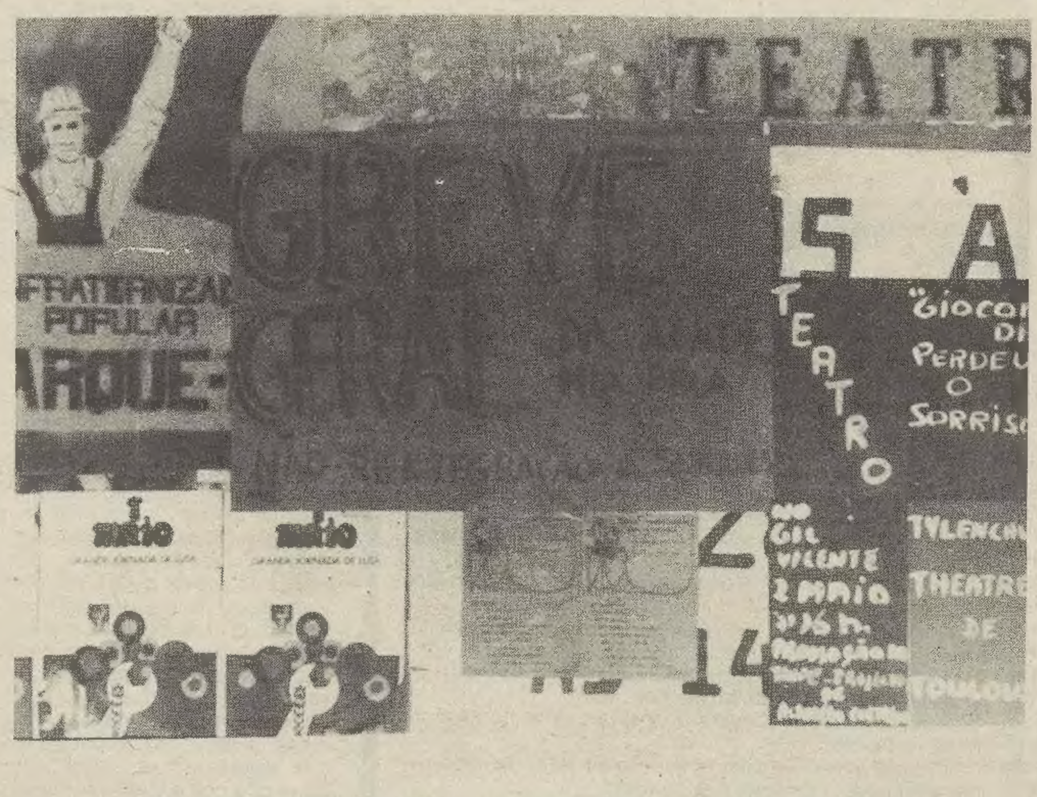
«É preciso» — continuou — «também ter lugares adequados para que os agentes tributários possam exercer, em condições condignas, as suas funções. Não é curial exigir produtividade aos funcionários e não lhes proporcionar locais acolhedores que não tornem penosa a estadia».

Depois de anunciar a criação de novos Bairros Administrativos em Lisboa e Porto e de Repartições de Finanças em diversos concelhos do País, o director-geral das Contribuições e Impostos concluiu:

«Os contribuintes também devem ser atendidos em instalações dignas. Nos grandes centros os serviços têm de ir ao encontro do contribuinte para que não haja perda de tempo, quer com as deslocações, quer com as aglomerações, à espera de ser atendido».

Câmara de Comércio Árabe-Portuguesa

Foi referido por lapso na nossa edição de anteontem que o dr. Habchi Abdelkader, presidente da recém-formada Câmara de Comércio e Indústria Árabe-Portuguesa, exerce idênticas funções em Madrid. A esse respeito solicita-nos a mencionada entidade que rectifiquemos a informação: o dr. Abdelkader é na capital espanhola tão somente presidente de várias associações e sociedades.



Um cartaz anunciando a greve académica na Universidade de Coimbra

Greve da Academia de Coimbra cumprida a 100 por cento

COIMBRA, 2 — Continua até quarta-feira, data em que se realizará uma nova Assembleia Magna, a greve da Academia de Coimbra, que de acordo com as declarações prestadas ao «D.L.» por José Neves, presidente da Direcção-Geral da AAC, está a ser cumprida a 100 por cento.

Recorda-se a propósito que esta greve, declarada «pela defesa da democracia nas escolas, pela reabertura da Faculdade de Ciências e Tecnologia e contra o regresso dos saneados», foi provocada pela reintegração dos professores Simões Redinha, Pinto Coelho, Barros Neves, Vítor Crespo e Rocha Gonçalves da FCTUC. Contestada e repudiada pela Assembleia dos Representantes da Assembleia Geral da escola, a reintegração foi objecto de uma nota oficiosa do MEIC que atribuiu ao Conselho Directivo a responsabilidade pela criação das condições necessárias à sua concretização. Perante esta exigência do MEIC, e face à posição assumida pelo Assembleia de Representantes, o Conselho Directivo da FCTUC demitiu-se.

De acordo com as declarações de José Neves, a Direcção-Geral da AAC contactou o professor Férrer Correia, reitor interino da Universidade, e o brigadeiro Hugo dos Santos, a fim de obter audiências com o Presidente da República, Conselho da Revolução e Primeiro-Ministro, esperando-se que estas audiências tenham lugar até amanhã.

Entretanto, e para manter os estudantes em estado de mobilização permanente, foi ontem exibido um filme na AAC, estando prevista para hoje a realização de um colóquio subordinado ao tema «Ensino e Recuperação Capitalista».

ESTUDANTES SAUDARAM TRABALHADORES

Ontem, durante as comemorações do Primeiro de Maio, em que se integraram largas centenas de estudantes, foi lida uma saudação da Academia aos trabalhadores presentes «que continuam a tradição da luta pelo socialismo lado a lado com os trabalhadores de todo o mundo».

De acordo com esta saudação, «estudantes e trabalhadores travam uma só luta com um só objectivo: defender as conquistas da revolução e avançar para o socialismo».

José António Saraiva comenta crítica de Mário Castrim

Endereçada ao nosso director, recebemos de José António Saraiva a seguinte carta:

«Na página 15 do exemplar de terça-feira, 26 de Abril de 1977 do jornal que V. Ex.ª dirige, na rubrica 'Canal da Crítica' de que é responsável Mário Castrim, na parte referente ao programa 'O 25 de Abril — três anos depois' apresentado na RTP cerca das 22 horas do dia 25 de Abril p.p., de que fui apresentador e autor do texto, pode ler-se a certa altura:

'Quer nos aspectos pontuais, quer nas questões de fundo, o documentário apresenta-se como simplesmente repugnante.

«'Vejamos os casos da Rádio Renascença e do jornal **República**. Sabe-se que o PCP não foi motor do processo. Sabe-se, isto é, sabem algumas pessoas mais leitoras dos jornais de opinião. No entanto, a multidão gritava gritava diante do **República: O jornal é do povo, não é de Moscovo!**

«'Nenhum esclarecimento cabal foi dado pelo responsável do programa. Logo, as imagens valeram como justas...'

«Ora em relação a este ponto, devo esclarecer o seguinte.

«Os 'casos' Renascença e do jornal 'República' foram apresentados no programa em causa justamente como casos exemplares da dificuldade que o governo de Vasco Gonçalves começava a dar mostras para controlar as movimentações à sua esquerda. Daí naturalmente o estar fora de causa, no âmbito do programa, a possibilidade daquelas acções de ocupação terem sido levadas a efeito pela força política que naquela altura constituía o mais forte apoio do primeiro-ministro e era a principal interessada na estabilidade do governo — o PCP.

«De resto, em simultâneo com as primeiras imagens relativas ao 'caso **República**', foi lido o seguinte texto:

«'A ocupação da **Rádio Renascença** e do jornal **República**, que mereceriam a Vasco Gonçalves acerbas críticas, era a confirmação da ultrapassagem do governo pela extrema-esquerda.'

«Noutro passo da sua azeda crítica ao programa em causa escreve o crítico de TV do 'DL':

«'Com a ior das simplicidades, José António Saraiva esquece o terrorismo, os atentados bombistas e as averiguações das relações com eles de elementos dos partidos da direita.'

«Em relação a esta afirmação devo esclarecer o seguinte:

«Entre outras referências a acções da direita, e sobre uma sequência longa que mostra os efeitos de um assalto a um centro de trabalho do PCP, foi lido o seguinte texto:

«'Entretanto, no Centro, como no Norte do País e nos Açores, prosseguiam os atentados — e os saques às sedes do Partido Comunista Português.'

«Feitos estes esclarecimentos — que dizem respeito a matéria rigorosamente objectiva e portanto não passível de interpretações diversas —, e agradecendo antecipadamente a publicação desta carta, subscrevo-me

José António Saraiva.»

P.S. — Junto ao edifício do «República», na manifestação de apoio organizada pelo PS à direcção do jornal, os presentes gritavam **O «República» é do povo, não é de Moscovo** — e não **O jornal é do povo, não é de Moscovo**, como escreveu Mário Castrim.»

CUNHAL EM SANTARÉM E ALVERCA

"Política antipopular do Governo reduz base de apoio do PS"

A política governamental foi alvo, no sábado, de severas críticas por parte do secretário-geral do PCP, Álvaro Cunhal, ao usar da palavra em dois comícios realizados no Ribatejo (em Santarém e em Alverca), integrados na «Campanha dos 50 mil contos» que aquele partido está a realizar. No último destes dois comícios, Álvaro Cunhal referiria ainda a actuação da direcção do PS e analisaria os resultados das grandes manifestações populares em 25 de Abril último.

«O PCP vê com a máxima apreensão como lesivas de uma política nacional independente a chamada integração no Mercado Comum, as facilidades que se projectam às multinacionais e, essa política, se política se pode chamar, de andar a correr atrás de empréstimos gigantes» — disse o secretário-geral do PCP em Santarém, prosseguindo: «O que se impõe não é um empréstimo gigante, mas um gigantesco esforço nacional e patriótico para sair da crise e esse esforço só pode ser realizado com os trabalhadores e nunca contra eles. Não se pode considerar uma política económica nacional daquela que consiste em fazer depender tudo da concessão de empréstimos externos».

Depois de afirmar que «é falso que o agravamento das condições de vida do povo seja favorável à recuperação económica», Álvaro Cunhal passou a focar factos concretos da política governamental, tais como as desintervenções e as nacionalizações, a Reforma Agrária e a defesa das liberdades.

«Empresas que os trabalhadores salvaram da ruína» — disse, referindo o primeiro ponto — «da falência e do encerramento, empresas que se revitalizaram, que pagaram dívidas, que aumentaram a produção devido à dedicação, aos sacrifícios e à capacidade dos trabalhadores são restituídas àqueles que as defraudaram, arruinaram, conduziram à falência técnica e à beira do encerramento». Citando casos concretos, como a ORMIS, a COPAM, a CORAME e a Joaquim Francisco dos Santos, acrescentaria ser necessário que se «suspendam todas as intervenções, em todas as empresas intervencionadas, se examine com os trabalhadores qual será a melhor solução» pois a restituição das empresas ao antigo patronato «nem serve os interesses dos trabalhadores, nem os interesses da economia nacional».

NACIONALIZAÇÕES E REFORMA AGRÁRIA

Quanto às nacionalizações, foi dado destaque à proposta de lei em debate na Assembleia da República sobre o sector público e o sector privado, proposta que foi classificada como «uma séria ameaça às nacionalizações». «Esta proposta resulta de um acordo directo entre o PS e o PPD — disse Álvaro Cunhal — desmentindo as afirmações de dirigentes do PS segundo as quais não fazem alianças à direita».

Focando a Reforma Agrária, denunciou ser «toda a política do MAP dirigida contra ela, não olhando às situações concretas»: «O Governo não ouve nem quer ouvir os trabalhadores. Coloca nos CRRA gente ao serviço dos grandes agrários. Toma medidas administrativas. Impõe soluções arbitrárias, ilegais e inconstitucionais».

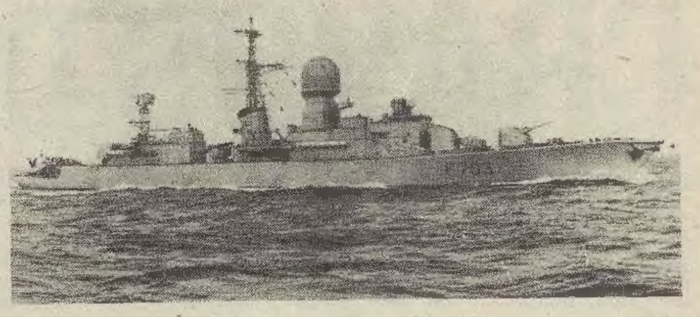
Insistindo, noutra passagem, que «a defesa das liberdades é inseparável das outras conquistas da Revolução», o secretário-geral do PCP acrescentaria: «A política de recuperação capitalista, a política de agravamento brutal da exploração e das condições de vida dos trabalhadores e de protecção dos interesses do grande capital, a ofensiva contra a Reforma Agrária, contra o controlo operário e a gestão de empresas pelos trabalhadores, contra as nacionalizações, são acompanhadas do recurso cada vez mais frequente e insistente a medidas administrativas e repressivas».

A «LIÇÃO» DO 25 DE ABRIL

Falando, entretanto, num outro comício, em Alverca, Álvaro Cunhal salientaria «a lição» das comemorações populares do 25 de Abril «poderosa afirmação dos progressos verificados em numerosos sectores da vida nacional», acrescentando que, contra «uma nova campanha metendo medo com o papão comunista», a «corrente unitária é cada vez mais forte e não está longe o dia em que se tornará determinante de uma alternativa democrática para a política actual».

Referindo particularmente a direcção do PS, considerou que aquelas comemorações constituíram «uma séria lição», confirmando «a redução da base de apoio e da capacidade de mobilização do PS».

«O PS está roído por conflitos e contradições internas e vê reduzir-se a sua base de apoio, porque a política de recuperação capitalista não serve nem o povo nem o País» — disse, frisando ainda que, apesar disso, «a democracia portuguesa não está interessada no súbito enfraquecimento do PS» e que «os trabalhadores gostariam de ver um PS forte e unido, mas para a defesa dos seus interesses».



A corvet: francesa «Aconit»

Filho de De Gaulle comanda esquadra francesa no Tejo

O filho do falecido general Charles De Gaulle, vice-almirante Philippe De Gaulle é o comandante dos seis navios da Esquadra Francesa do Atlântico que a partir de hoje, e até ao próximo dia 6, fazem escala em Lisboa.

Os navios (um escoltador, duas fragatas, uma corveta, um escoltador rápido e um petroleiro-abastecedor) que hoje chegaram a Lisboa têm uma tonelagem global de 37.600 toneladas e uma tripulação de 1450 oficiais e marinheiros.

Entretanto os Serviços de Informação e Imprensa da Embaixada de França informam que dois dos navios da esquadra estarão ancorados na doca da Marinha e poderão ser visitados pelo público, amanhã e na quinta-feira, das 13.30 às 17.30.

PORTUGAL NA CEE

Ministro italiano manifesta-se contra

O ministro italiano da Agricultura afirmou-se no sábado passado «absolutamente contrário» à entrada da Espanha, da Grécia e de Portugal no Mercado Comum: a Agricultura italiana não quer «pagar os pratos partidos» de uma ampliação da Comunidade Económica Europeia, com a entrada daqueles países — disse o ministro, confirmando, aliás, palavras idênticas dias antes publicadas pelo jornal «Corriere della Sera».

Entretanto, em Itália, comunistas e socialistas consideram que Giovani Marcora, adopta, nestas afirmações, «uma linha paternalista» similar à do ex-presidente da Federação dos Cultivadores Directos, Paolo Bonomi, e pedem que os países em questão entrem, quanto antes na CEE.

Posição de comunistas e socialistas; já que os referidos países dispõem de vantagens mediante acordos comerciais, o seu ingresso levá-los-ia a assumir igualmente as responsabilidades. Depois, a admissão de Espanha Portugal e Grécia é — para os socialistas e comunistas italianos — a única forma de «criar uma frente meridional suficiente numa comunidade tão setentrional».

PAPEL DE PAREDE

Os melhores padrões, milhares de rolos para entrega imediata
Desde **130$00** por rolo

Barros e Barros Lda.
R. José Duro 22-E Lisboa - 5 — ALVALADE

CRAVOS DE ABRIL NO MAIO DA UNIDADE

Cravos rubros de Abril deram ontem o tom às comemorações do Primeiro de Maio em Lisboa, que reuniram perto de quatrocentos mil trabalhadores numa manifestação inesquecível envergadura, porventura bem maior do que aquela que, há três anos, traduziu o plebiscito popular do Movimento dos Capitães recém-triunfante. Sob o signo da unidade, o povo voltou a descer à rua, massivamente, desta feita para defender as conquistas da Revolução ou, como diria Kalidás Barreto no decurso do comício realizado no Estádio Primeiro de Maio, para exigir o «cumprimento exacto da Constituição».

A imponência do desfile que partiu da Alameda Afonso Henriques para desembocar algumas horas mais tarde no Estádio, a consciência e civismo revelados pelos trabalhadores ao longo desta jornada de luta, evidenciaram o profundo enraizamento do Movimento Sindical unitário, que promoveu as comemorações. A voz de quem trabalha fez-se ouvir através de palavras de ordem que traduziam os objectivos das comemorações: recuperação económica ao serviço dos trabalhadores, defesa do poder de compra, do direito ao trabalho, da Reforma Agrária, das regalias conquistadas, da democracia.

Todas estas preocupações transpareceram nas alocuções proferidas durante o comício pelos dirigentes sindicais.

Afirmaria um dos oradores, Ribeiro da Silva, que falava em nome da União dos Sindicatos de Lisboa:

«Em resultado do processo de recuperação capitalista, agrária e imperialista em curso, o patronato reaccionário põe em causa, na prática, os direitos constitucionais, legais e contratuais das classes trabalhadoras, para o que conta com um Governo cedendo numa política claramente contrária aos interesses dos trabalhadores».

Ribeiro da Silva lembrou toda a legislação já publicada, ou anunciada, em desfavor das classes trabalhadoras, traduzindo a «obediência a diversas formas de pressão e de chantagem do grande capital nacional e internacional», deixando implícita uma condenação do Governo pela política que está a pôr em causa as principais conquistas da população trabalhadora portuguesa. Citou, a este respeito, o aumento do custo de vida, as restrições de ordem salarial, os atentados à Reforma Agrária.

Ora — segundo disse — «uma tal política (...) vai permitir (...) a formação a curto ou médio prazo de novos grupos monopolistas ou a recomposição dos antigos». Essa seria uma das consequências da política de recuperação capitalista, caso fosse bem sucedida. Então, ficaríamos ainda perante «o agravamento contínuo das condições de vida das classes trabalhadoras» e «o regresso por alguns sonhados ao 24 de Abril», já que «o poder do grande capital, uma vez recomposto, não se vai limitar ao sector económico».

Idênticas preocupações seriam de um modo ou de outro evidenciadas pelos outros oradores.

RESOLVER A CRISE — A FAVOR DE QUEM

«É tempo do governo constitucional deixar de acreditar na recuperação económica ao lado exclusivamente do patronato, e desprezar a possibilidade real de recuperação económica apoiada na iniciativa e capacidade criadora das massas trabalhadoras», diria Artur Matias, falando em nome do secretariado das comissões de trabalhadores da Cintura Industrial de Lisboa. O orador analisara antes a política de devolução aos antigos patrões das empresas sob intervenção estatal, citando, a título de exemplo, os casos da Sanimar, da Intento, da Guérin, da DMC, da Auto-Reconstrutora do Barreiro, e condenando esse tipo de actuação. Desse modo, «o Governo não está a respeitar o seu programa nem o plano, e contraria a Constituição. (...) Dá força e alento aos inimigos da democracia, despreza e reduz a sua própria base social de apoio», disse.

A crise económica é um facto, que os sindicatos bem conhecem. Mas, «falar em recuperação da economia sem ter em conta os verdadeiros e únicos produtores da riqueza nacional, os trabalhadores, assim como os seus interesses, falar em legalidade democrática enviando forças militarizadas para expulsar os trabalhadores despedidos arbitrariamente ou que recusam a entrada de sabotadores e criminosos que não foram julgados, falar em direitos e liberdades constitucionais e não aceitar o diálogo com os trabalhadores publicando ou propondo legislação antioperária (...) — é uma política errada, é prática inconstitucional, beneficiando e galvanizando apenas aqueles que no passado fascista já deram provas do que são capazes quando estavam à frente das empresas, praticando reincidências quando lhes são devolvidas novamente».

Bem pelo contrário, «a resolução dos problemas económicos do nosso país só é possível com o empenhamento e galvanização dos trabalhadores na superação da crise económica», segundo afirmaria no encerramento do comício Armando Teixeira, do Secretariado da CGTP-Intersindical Nacional. Para isso, haverá sacrifícios a fazer; «a questão está em saber se esses sacrifícios só a eles são exigidos e se o fruto do seu trabalho reverterá a favor deles, dos seus filhos, do nosso Povo».

ASSIM, NÃO

Armando Teixeira sublinhou também que «os trabalhadores portugueses não estão interessados nem na instabilidade política nem na destruição da nossa economia. Quem aposta na desorganização da actividade produtiva nacional são as forças políticas e sociais interessadas no regresso ao passado de opressão e de exploração».

Mas, segundo salientou, não é possível galvanizar os trabalhadores para as tarefas de recuperação económica congelando os seus salários, criando leis que favorecem os despedimentos, preparando a entrega de terras aos latifundiários, devolvendo empresas a quem as sabotou, restringindo direitos e liberdades democráticas conquistadas no 25 de Abril, exigindo austeridade para, ao mesmo tempo, pagar indemnizações «aos grandes exploradores do nosso Povo». Enfim, «não se pode construir um País novo com receitas do passado ou com soluções que não tenham em conta as transformações económicas e sociais que se operaram em Portugal depois do 25 de Abril».

A política seguida pelo Governo foi aliás bastante criticada pelos diversos oradores, particularmente no que se refere à ofensiva patronal no campo dos despedimentos, aos limites impostos à contratação e à ofensiva contra o Movimento Sindical e as comissões de trabalhadores («obstáculos em que tropeça sistematicamente a recuperação capitalista», havia dito Ribeiro da Silva).

Armando Teixeira lembrou, aliás, que «o tristemente célebre e antipopular *pacote* de medidas económicas que no final do mês de Fevereiro tanta alegria causou às organizações políticas e sociais do patronato, não veio resolver os problemas económicos do País. Muito longe disso.»

Ainda Armando Teixeira:

«As dificuldades postas pelo capitalismo internacional à concessão do chamado *empréstimo gigante* vêm demonstrar mais uma vez que a recuperação económica tem de ser feita fundamentalmente a contar com aquilo que temos e com aquilo que somos: o nosso Povo, as classes trabalhadoras.

«Não será o capitalismo internacional, que não está em condições de resolver os seus próprios e graves problemas, que irá solucionar os nossos. E muito menos poderá ajudar a construir o projecto socialista que a Constituição define.»

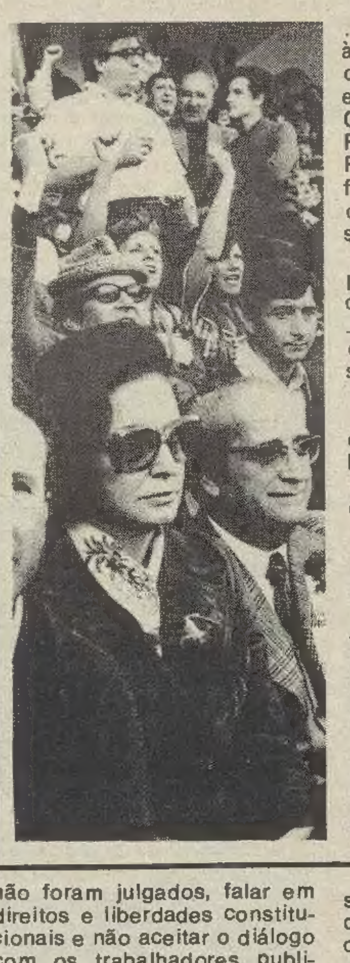
DIÁLOGO

Sublinhando o papel de responsabilidade do Movimento Sindical em todo o processo, Armando Teixeira, falando em nome do Secretariado da Central Sindical, reafirmou «que estamos dispostos a dialogar com o Governo», havendo, naturalmente, «propostas concretas e construtivas a apresentar». Ressalvou, no entanto, que «a recusa em dar satisfação aos justos anseios dos trabalhadores levará inevitavelmente à agudização desses conflitos e ao agravamento das tensões sociais, o que só interessa aos inimigos da democracia, e de cujas consequências o Governo se torna o principal responsável».

Salientou, ainda, a importância do caderno reivindicativo imediato aprovado no Congresso de Todos os Sindicatos, que mostra o «realismo e prudência» postos na sua elaboração. Caderno que, apesar de entregue ao Governo há três meses, ainda não obteve resposta.

Armando Teixeira, a finalizar, deixou uma nota de optimismo: «Nós estamos do lado da História e por isso temos a certeza de que o futuro nos pertence. As dificuldades que hoje existem são grandes, mas não são suficientes para fazer alterar o sentido da marcha deste País, que tanto amamos, na senda da democracia e do Socialismo».

Costa Gomes presente



Na bancada, entre o povo, à esquerda da tribuna onde os oradores se sucediam, encontrava-se o general Costa Gomes, Presidente da República dos Governos Provisórios. Gravata, fato a fugir para o castanho, um cravo vermelho na lapela. A seu lado, a mulher.

Quando, lentamente, as pessoas o foram descobrindo, a palavra passou rápida — e todo o Estádio vibrou com um cadenciado e entusiástico «MFA! MFA! MFA!».

Costa Gomes, muito calmo, mantinha-se, por assim dizer, como um observador. De quando em quando, tinha um sorriso dirigido a toda a multidão.

No final do comício, com todos os trabalhadores a cantarem o Hino Nacional, o general Costa Gomes ergueu-se e ficou em sentido. Terminado o Hino, Costa Gomes retirou-se, com a mulher, pelas traseiras do Estádio.

Dado que a sua saída não passou despercebida, novamente o Estádio rompeu num enorme «MFA! MFA! MFA!».

Vasco e Otelo

Quando o comício terminou, milhares de pessoas, à Avenida dos Estados Unidos da América, junto à residência do general Vasco Gonçalves, gritaram pelo seu nome.

«Vasco amigo, o povo está contigo!»

Era uma enorme multidão, aplaudindo aquele que, em 1975, no Estádio 1.º de Maio, anunciou a Unicidade Sindical. Durante cerca de uma hora, essas milhares de pessoas, perante as janelas cerradas da residência de Vasco Gonçalves, mostraram à evidência que jamais se poderá esquecer «um homem do MFA».

À entrada do Estádio, por sua vez, o general Otelo Saraiva de Carvalho também foi muito ovacionado, tendo-se vendido muitos exemplares do livro «Otelo — O Povo é quem mais ordena», com prefácio da sua autoria. O major Otelo Saraiva de Carvalho manteve-se durante algum tempo numa varanda fronteira ao Estádio, onde também se encontrava Maria Eugénia Varela Gomes. Noutros pontos do percurso, muitos oficiais.

O Estádio Primeiro de Maio apresentava uma panorâmica que a foto só tenuamente pode documentar

Rosa Coutinho saúda o povo

Faltava ainda uma hora para que o desfile entrasse no Estádio (milhares de pessoas ficaram no exterior) quando, a uma janela da Almirante Reis, apareceu Rosa Coutinho.

O desfile (uma fracção, e depois outra, e depois mais outra...) deteve-se e saudou o almirante. O grito de «MFA! MFA! MFA» fez-se ouvir de braços levantados.

Rosa Coutinho, muito risonho, ergueu também os braços, assim correspondendo à saudação dos trabalhadores. Os fotógrafos disparavam, os operadores filmavam. E o «Venceremos» fez-se ouvir gritado com aquele entusiasmo que, por duas ocasiões, levaram o povo a votar numa maioria de esquerda.

KALIDÁS BARRETO

"A unidade é urgente e necessária"

«Unidade» foi o tema central da intervenção de Kalidás Barreto e foi aliás com gritos de «unidade»! unidade!» que os milhares de trabalhadores presentes no Estádio 1.º de Maio saudaram o dirigente sindical de Leiria, ex-deputado do Partido Socialista e membro do Secretariado da CGTP-IN eleito no Congresso de Todos os Sindicatos.

Kalidás Barreto começou por lembrar a relação das duas datas que os trabalhadores portugueses não podem dissociar — o 1.º de Maio e o 25 de Abril: «É o 1.º de Maio de 1974 que consagra e dá conteúdo ao 25 de Abril. Se a primeira data representa a decisão, a segunda representa a adesão, a expressão, o conteúdo dessa mesma revolução virada para os ideais de Liberdade, da Democracia e do Socialismo», afirmou. «Saúdo pois os heróicos militares de Abril que coroando a longa resistência do Povo Português e interpretando os seus sentimentos mais profundos, derrubaram o regime fascista.»

Lembrando o apelo à unidade feito no 1.º de Maio de 76, por se ter «a perfeita noção de que nuvens negras se iriam acumulando no horizonte», e lamentando que nem toda a gente quisesse então ter ouvido esse apelo, o membro do Secretariado da CGTP-IN salientou que unidade não é só sentimento, mas pressupõe diálogo, entendimento, coragem de se dizer na frente o que se murmura nas costas, respeito pelas opiniões dos outros, discussão viva de toda a problemática. Unidade não é porém um fim; há-de antes ser o meio indispensável à consecução do objectivo final: a construção da sociedade sem exploradores nem explorados!»

Perante essa verdade, Kalidás Barreto acentuou como é cada vez menos entendível o comportamento divisionista dos sindicatos que se marginalizam quando os inimigos dos trabalhadores lhes querem impor uma «clara recuperação capitalista». «Acreditamos ainda na boa-fé das pessoas, mas será que dividindo-nos conseguimos melhor fazer frente a todos estes problemas?» — perguntou. E prosseguiu: «Serão assim mais suaves os efeitos da degradação económica que tende a esmagar os trabalhadores ou estar-se-á a fazer, talvez inconscientemente, o jogo que interessa ao patronato? É tempo de se tomarem atitudes claras e límpidas perante a História que a todos nos julgará. É tempo de combate ao sectarismo e ao divisionismo, se desejamos efectivamente salvar o País, salvando a Revolução. É tempo de opção. De opção pela unidade! Há um ano alguém disse que a unidade era possível; hoje dizemos que a unidade é urgente e necessária!»

Salientando que foi na unidade que o Povo conseguiu as maiores conquistas e que, unido, as tem defensido, razão por que as forças reaccionárias tudo farão para dividir o Povo, Kalidás Barreto admitiu que hoje é fácil estar descontente e frustrado, o que conduz à desmobilização. «Mas as dificuldades económicas com que o País se debate», afirmou, «pesem todos os erros cometidos, são fruto, não do 25 de Abril que apontou uma sociedade mais justa, mas da herança de 48 anos de fascismo, da crise internacional do capitalismo, dos custos da nossa dependência dos países altamente industrializados».

«Não é com desencantados nem com frustrados que este país se constrói», prosseguiu, «É no trabalho que os trabalhadores se hão-de encontrar; é mobilizando-se que a Revolução, avançará. Porque doa muito aos saudosistas, a Revolução não acabou!»

Os trabalhadores estãos dispostos a sacrifícios, mas é preciso que se cumpra a Constituição — lembrou o dirigente do Sindicato dos Têxteis de Leiria. É preciso que nenhuma das conquistas dos trabalhadores sofra retrocesso, que os trabalhadores sejam participantes e determinadores do seu destino. É preciso que os trabalhadores saibam se o País segue a via do capitalismo ou a via da Constituição.

«A CGTP-IN exorta todos os trabalhadores portugueses à unidade, à reconstrução do País, como o definiu tão bem o Programa de Acção aprovado no Congresso de Todos os Sindicatos», afirmou Kalidás Barreto que, lembrando que os inimigos dos trabalhadores gostariam dos trabalhadores gostariam de os ver divididos, declarou mais adiante: «Se os trabalhadores que se encontram concentrados, nesta hora, aqui e em mais quarenta sedes de concelho e dezóito distritos incluindo as ilhas, não são democratas; se toda esta gente que anseia pela unidade e quer um Movimento Sindical Unitário e uma Central Única, não é democrata, então onde é que estão os democratas?»

Kalidás Barreto terminou a sua intervenção, exortando os trabalhadores à mobilização para a luta de reconstrução do nosso país. «Para os que amam a democracia e a liberdade sem sofismas, mas com o espírito revolucionário que animou os Capitães de Abril, o caminho da esperança num país novo está ainda aberto! Neste 1.º de Maio, jornada de luta dos trabalhadores, unamo-nos em torno do nosso ideal, na decisão de prosseguir a jornada iniciada em 25 de Abril de 1974, a caminho da sociedade socialista!»

O AUSENTE

Um homem, «um homem do MFA», não presente no comício, esteve quase sempre na boca dos trabalhadores: Vasco Gonçalves.

Até ao momento em que as representações foram dando entrada no recinto, milhares e milhares de vozes erguiam-se a pedir a presença do Primeiro-Ministro de quatro Governos Provisórios.

«Vasco! Vasco! Vasco!».

Este nome atingia os acessos ao Estádio, sendo ouvido a centenas de metros. Mas Vasco não apareceu, embora continue no pensamento e na força de combate de todos quantos o souberam sempre admirar pela sua dignidade, integridade de carácter e coerência política.

Reformados na frente

Os reformados, que a despeito da idade, das más condições de vida e em muitos casos até das más condições de saúde, têm sido exemplo da luta que os portugueses conscientes dos seus direitos vêm desenvolvendo, fizeram-se representar na manifestação do Dia Mundial do Trabalhador, por várias comissões, como sejam, as do Barreiro, Baixa da Banheira, Amadora e Cacém.

Explorados enquanto produtores de trabalho no tempo do fascismo, relegados para lugar secundário agora, que se encontram no passivo, os trabalhadores reformados têm-se organizado por todo o País, demonstrando a sua capacidade de luta, ajudando a construir um presente que é seu e um futuro que será o de todos os trabalhadores activos de hoje.

NO ESTÁDIO 1º DE MAIO

Manhã desportiva

Lisboa assistiu e participou, durante a manhã, nas diversas provas desportivas integradas nas comemorações do 1.º de Maio organizadas pelos Sindicatos.

Bem cedo partiram de Paço de Arcos 54 ciclistas, trabalhadores das zonas de Lisboa e Setúbal, para um percurso de 65 quilómetros que viria a ser ganho por Georgino Seixas, do Bombarralense, com o tempo de 1 hora 43m 21s (média horária de 37,735 km). Com o mesmo tempo, deram entrada na linha de chegada do Estádio 1.º de Maio mais 21 corredores. No final houve medalhas para todos os participantes e taças para os vencedores.

Também durante a manhã decorreram no Estádio diversas provas de atletismo, seguidas com atenção por milhares de pessoas. Nos 5.000 metros saiu vencedor Fernando José, do Sindicato da Construção Civil, com 23m 13,6 segundos, seguido de mais 191 concorrentes. Nos 200 metros, venceu Adelaide Romão, dos Ases (femininos) e Manuel Gomes, da Carris (masculinos). A vitória, nos 400 metros coube a Altino Mesquita (Artes Gráficas) e, nos 1500, a Joaquim Norberto (Profabril). No comprimento destacou-se Vítor Silva, com 6,08 metros.

Outras provas foram disputadas ao longo da manhã em modalidades como o voleibol, andebol de sete, futebol de cinco, lançamentos e saltos. No campo de futebol principal, a selecção da União dos Sindicatos de Setúbal venceu a da União dos Sindicatos de Lisboa por 3-1.

No Porto a multidão é calculada em mais de 200 mil pessoas

O Norte não dorme

— "enchente" na baixa portuense

Uma multidão comparável à do 1.º de Maio de 1974 encheu ontem a baixa portuense, numa demonstração de que os trabalhadores do Norte não dormem.

Foram dezenas de milhares de trabalhadores que, depois de percorrerem várias ruas, numa grandiosa manifestação, fizeram transbordar a Praça General Humberto Delgado, a Avenida dos Aliados e a Praça da Liberdade. Como é óbvio esta manifestação de força, patenteada na confraternização e na luta, supera o significado do primeiro dia do trabalhador comemorado logo após a queda do fascismo. Em 1974 era a explosão de alegria resultante do derrube da ditadura. Ontem foi, a par da alegria, a luta contra a recuperação capitalista, pelas conquistas da Revolução, pela defesa da Constituição.

Estes aspectos ficaram bem definidos ao longo do desfile memorável, através de palavras de ordem gritadas com vigor e decisão: «Trabalho sim, desemprego não», «Revolução não falha, servindo a quem trabalha», «Contra o imperialismo, independência nacional», «Constituição é garantia de liberdade e democracia», «Capitalismo não é via para salvar a economia». Outras palavras de ordem gritadas com insistência pela imensa mole humana que se estendeu por cerca de dois quilómetros constituíram um veemente apelo à unidade dos trabalhadores e um «não» ao aumento do custo de vida. Ouviu-se, assim, estritamente: «Unidos na acção trabalhadores vencerão», «CGTP-Unidade sindical», «Custo de vida aumenta, e o povo não aguenta». Um «Avante pela Reforma Agrária» ecoou também com vigor.

No desfile os trabalhadores empunhavam dezenas de cartazes de oposição ao regresso dos patrões sabotadores, pela saída dos contratos, pelas nacionalizações e muitos outros. «Os ricos que paguem a crise», outro cartaz, manifestou a presença de militantes da UDP. A presença de reformados em luta por melhores pensões tornou-se também notória sobretudo pelo empunhar de um cartaz que haveria de chamar a atenção não só dos manifestantes, mas também das pessoas que ladeavam as ruas por onde o cortejo passou. Lia-se: «Sou reformado e antes que me vá, vim participar na nossa festa».

Entre os muitos grupos de trabalhadores de empresas viam-se professores, a Academia do Porto, pequenos agricultores, funcionários públicos, comissões de moradores, Facar (com um cartaz muito significativo, que dizia «não ao regresso dos patrões, sim às nacionalizações» e sob o qual se viam trabalhadores de várias opções partidárias, desde o PPD até à UDP), etc.

«Os trabalhadores portugueses e o Movimento Sindical reafirmam que estão dispostos ao diálogo, estão dispostos a todos os sacrifícios necessários para ultrapassar as dificuldades», afirmou Manuel Galindro, membro da Comissão de Trabalhadores da Facar, no comício efectuado na Praça General Humberto Delgado». Mas, acrescentou aquele trabalhador «no que não colaboramos é com medidas que façam recair exclusivamente sobre os trabalhadores as dificuldades do momento, aumentando os preços, limitando ou congelando salários, entregando empresas aos sabotadores, atacando a Reforma Agrária, fazendo ouvidos de mercador à vontade dos trabalhadores e do Movimento Sindical, desrespeitanto a Constituição, aceitando as imposições do imperialismo internacional».

Estas palavras podem considerar-se, pela forma como decorreu a grande concentração-comício e pelo teor das intervenções, como uma síntese geral do significado atribuído pelo Sindicato do Norte e pela massa de trabalhadores do Porto à jornada de luta do 1.º de Maio. Os fortes aplausos às palavras de Manuel Galindro não deixaram dúvidas, quando este afirmou: «Os trabalhadores tomaram em mão o destino de centenas de empresas, aumentaram a produção, pagaram dívidas deixadas pelos patrões, aumentaram a produção, conseguiram colocar os produtos fabricados mesmo com o boicote do capitalismo estrangeiro, conseguiram manter e, nalguns casos, criar novos postos de trabalho. Aquele trabalhador acrescentou: «Apesar de tudo camaradas, continuam a dizer na Rádio, na Televisão, a escrever nos jornais que os trabalhadores não se interessam pela recuperação da economia.

Apesar de tudo, entregam aos ex-patrões empresas recuperadas pelos trabalhadores, depois de abandonadas ou sabotadas pelo patronato. Aqueles que julgam acalmar a fome do capital com cedências sucessivas, enganam-se. O capital, a direita e o imperialismo só pararão quando conseguirem recuperar totalmente o País para os seus interesses.

«A «ajuda» imperialista, tão reclamada e insistentemente, solicitada por responsáveis do Governo, para além de não resolver os grandes problemas económicos nacionais, traz consigo imposições inaceitáveis para um País que pretende caminhar para a independência nacional».

Denunciando a seguir os pactos sociais, de cujo resultado «temos conhecimento noutros países da Europa capitalista», aquele trabalhador concluiu: «Há numerosas propostas, estudos, resoluções, há todo um projecto para o futuro da economia do País, aprovado no Congresso de Todos os Sindicatos. Os trabalhadores definiram soluções realistas e muito válidas para a reestruturação e reconversão de sectores como o têxtil, o metalúrgico, metalomecânico pesado, para numerosas empresas cooperativas, intervencionadas e em autogestão, nomeadamente no recente Encontro Nacional das Empresas Intervencionadas e Cooperativas. Esses documentos, esses estudos essas soluções dos trabalhadores, não têm sido tomadas em conta pelos organismos responsáveis». No comício, em cuja tribuna estiveram delegações sindicais estrangeiras (S. Tomé e Príncipe, Hungria, Polónia, República Democrática Alemã e França), falaram ainda dirigentes sindicais dos Rodoviários e dos Metalúrgicos, além de Manuel Freitas, dirigente dos Têxteis e membro do Secretariado da CGTP.

O comício terminou com canções de luta nas vozes de Luís Viegas, Vitorino Fausto, Manuel Freire, Coral da Faculdade de Letras e Zeca Afonso. Este, cuja presença foi calorosamente saudada pelos muitos milhares de trabalhadores, cantou várias canções e encerrou com «Grândola Vila Morena» no que foi acompanhado por todos os participantes.

Onde está a RTP?

«O Povo não vê onde está a RTP» foi uma das palavras de ordem espontânea que ecoou no Estadio. Pela primeira vez, a televisão não deu cobertura directa dos acontecimentos, limitando-se a filmar e gravar alguns passos da manifestação e do comício. O Povo, naturalmente, percebeu. Daí o potesto, logo acompanhado de uma sugestão: «Não pagar a taxa».

Longe do bulício: sinal verde para a Carta Aberta e o PSD

— decide grupo de sindicalistas do PS

. A provação do documento do Secretariado Nacional «a questão sindical», repúdio e condenação da participação de elementos do PS nas estruturas directivas da CGTP-Intersindical e reconhecimento da necessidade de intervenção organizada dos trabalhadores socialistas no seio dos sindicatos e locais de trabalho — são as conclusões mais significativas saídas do Encontro Nacional de Sindicalistas do PS efectuado ontem na Cooperativa dos Pedreiros, no Porto, com cerca de duzentos participantes.

Na sua alocução de encerramento, Mário Soares considerou que o Encontro «pode vir a ser histórico para o Movimento Sindical», apelando para a mobilização do PS no sentido de galvanizar os militantes e todos os trabalhadores portugueses para o projecto sindical do Secretariado Nacional, apresentado por Maldonado Gonelha. Após ter afirmado que o grande mérito do Encontro foi «ter clarificado a nossa posição», o secretário-geral do PS sublinhou que «se nós queremos um dia chegar a uma situação de unidade do Movimento Sindical, essa unidade não pode ser atingida sem clarificação e sem afastar qualquer espécie de ambiguidades».

Numa clara alusão às comemorações promovidas pela CGTP-IN afirmou Mário Soares não ser difícil fazer manifestações ou comícios «coisa que já fizémos», difícil é — segundo acentuou — reunir e discutir como havia sido feito no Encontro. Saliente-se a propósito que na abertura do Encontro, o secretário-geral do PS considerou que «o dia do trabalhador não pode ser de maneira nenhuma uma forma de luta como era no tempo do fascismo».

Outra das conclusões resultantes do Encontro: incitar os militantes e lutar para que o movimento da «Carta Aberta» avance na organização e coordenação da acção sindical; apoio à criação da Fundação José Fontana; reconhecimento da «coragem e esforço desenvolvidos pelos sindicalistas integrados no movimento da «Carta Aberta», através do contributo importante que têm dado ao Movimento Sindical português e a denúncia do totalitarismo da Intersindical».

REJEIÇÃO DA CISÃO, ALIANÇAS À DIREITA

Nas conclusões não figura a institucionalização da cisão imediata ou a médio prazo, conforme havia sido sugerido durante o Encontro.

De acordo com a informação de alguns participantes, foi rejeitada a institucionalização de cisão e a formação de sindicatos paralelos. No entanto, segundo o documento do Secretariado, é recusada qualquer aliança com trabalhadores afectos à CGTP-IN e com a extrema-esquerda, nas eleições em que os militantes socialistas não puderem concorrer sozinhos. Foi admitida apenas a aliança com os sindicalistas «democráticos», ou seja, com elementos do PSD/PPD, como nos havia de referir um dos participantes mais explicitamente.

Após a leitura das conclusões Mário Soares afirmou: «Podemos avançar e vamos avançar para um grande projecto sindical em Portugal»

. Além do documento lido por Maldonado Gonelha, foi apresentado outro subscrito por 25 sindicalistas, grande parte dos quais dos Seguros do Sul. Este texto, porém, não diferia significativamente da proposta do Secretariado tendo por isso mesmo servido apenas de contributo para aspectos pontuais.

O Encontro foi presidido por António Macedo, que se encontrava ladeado por Mário Soares, Salgado Zenha, Marcelo Curto, Maldonado Gonelha, Cal Brandão, Manuel Reis e Alfredo Carvalho.

Representações estrangeiras

. Dezassete organizações de trabalhadores estrangeiros assistiram como convidadas às comemorações do 1.º de Maio, organizadas pela CGTP-IN em Lisboa, numa demonstração de solidariedade internacional. Foram as seguintes as organizações representadas: Federação Sindical Mundial, por Serafim Aliaga; Confederação Internacional dos Sindicatos Árabes, Driss Tabai; Conselho Central dos Sindicatos Soviéticos, Levon Saakian; União dos Sindicatos Livres da Alemanha — FDGB - RDA, Herrman Junge; Conselho Central dos Sindicatos Húngaros — Szot, Zoltan Fabok; União Geral dos Sindicatos Romenos; Frunza Jlie; Conselho Geral dos Sindicatos Polacos — CCSP Vieslav Rogowski; Conselho Central dos Sindicatos Búlgaros — CCSB — Ivan Borisov; Central de Trabalhadores de Cuba — CTC, Manolo Sanchez; Confederação Geral do Trabalho — CGT — França, Charles Massabiaux; Central Única de Trabalhadores Finlandeses — SAK, Ilmari Kosonen; Federação Unitária CGIL/CISL/UIL, Itália, Troiani; Confederação Sindical Comissiones Obreras — Espanha — Pastor; União Sindical Obrera — USO — Espanha, António Lopez; União Nacional dos trabalhadores Angolanos — UNTA — Izequiel Custódio; Movimento Sindical de S. Tomé e Príncipe, Carlos Rima.

Na bancada à esquerda da tribuna, onde estavam instaladas as delegações estrangeiras, apareceu ainda um grupo de trabalhadores suecos empunhando um estandarte vermelho onde, a letras brancas, se lia «Cumprimentos socialistas dos trabalhadores suecos».

As delegações foram aplaudidas à medida que Luís Filipe Costa as anunciava, tendo sido particularmente saudadas as de Cuba, do Chile e de Espanha, com gritos de «O Chile vencerá» e «A Espanha vencerá» a o trabalhador representante da organização sindical Angolana, a quem os trabalhadores portugueses saudaram com gritos de MPLA! MPLA!

Também em Coimbra os trabalhadores desceram à rua

EM COIMBRA

Vencer o combate sem esquecer as dificuldades

Na tarde de ontem Coimbra reviveu os tempos de entusiasmo e explosão popular que caracterizaram os 1.º de Maio de 74, 75 e 76. Vozes agoirentas prenunciavam uma manifestação frouxa e inexpressiva. E no entanto largos milhares de trabalhadores inundaram o trajecto previsto para esta manifestação, desde a Praça da República ao Estádio Universitário.

Fernando Tenente, membro da comissão organizadora e dirigente do Sindicato dos Electricistas, saudou «fraterna e calorosamente todos os trabalhadores do distrito de Coimbra e, através deles, todos os trabalhadores da nossa Pátria, que hoje pela quarta vez se manifestam em unidade e em liberdade», da tribuna do Estádio Universitário.

Saudou igualmente «o glorioso movimento dos capitães de Abril, que ao derrubar o odioso regime fascista e em aliança com o movimento popular, deu o primeiro passo na conquista das grandes transformações sociais verificadas no nosso país».

Joaquim Calhau, trabalhador bancário e membro do Secretariado da CGTP-IN evocou neste 1.º de Maio «os heróicos trabalhadores alentejanos que em 1962 conquistaram as oito horas de trabalho», e diria que «hoje, em 1977, o nosso 1.º de Maio é uma jornada de solidariedade internacionalista». E neste dia de unidade afirmaria: «O que não é entendível é que irmãos de classe, incluindo alguns dirigentes sindicais, se continuem a marginalizar, esgotando energias e dividindo forças cada vez mais necessárias para enfretarmos vitoriosamente os despedimentos, o aumento do custo de vida, a recuperação capitalista latifundiária, a que nos tentam submeter».

Aludindo à situação actual dos trabalhadores, diria ainda Joaquim Calhau: «a certeza de que venceremos o combate em que estamos empenhados não nos deve levar a subestimar as dificuldades da situação presente; às acções do imperialismo e do grande capital vem juntar-se a política antipopular do Governo. Às dificuldades económicas herdadas do fascismo e criadas pelo boicote do imperialismo veio juntar-se a política económica suicida».

E, a terminar, sublinharia: «Reforçando a sua unidade e a organização, os trabalhadores portugueses têm forças suficientes para garantir a melhoria das condições de vida, a defesa das conquistas do 25 de Abril, a recuperação da economia ao serviço dos trabalhadores».

Pub

NOTARIADO PORTUGUÊS
CARTÓRIO NOTARIAL DA GUARDA
A cargo do Lic. Lídia dos Santos

CERTIFICO, para efeitos de publicação que, por escritura de sete do corrente mês de Abril, lavrada neste Cartório, e exarada de folhas noventa e três a folhas noventa e quatro verso tório, e exarada de folhas noventa e três a folhas noventa e quatro verso do livro respectivo B-quarenta e cinco, foi constituída uma associação recreativa e cultural que se rege pelos seguintes estatutos:

ARTIGO PRIMEIRO — A associação tem a denominação de «ASSOCIAÇÃO CULTURAL E DESPORTIVA DE GONÇALBOCAS», tem a sua sede no lugar e freguesia de Gonçalbocas, deste concelho, e destina-se a promover o desenvolvimento de actividades culturais, recreativas e desportivas.

ARTIGO SEGUNDO — Podem fazer parte desta Associação todos os indivíduos de ambos os sexos, naturais da dita freguesia ou ligados a ela por laços de casamento e ainda os nela residentes.

ARTIGO TERCEIRO — São órgãos da Associação: A Assembleia Geral, a Direcção e o Conselho Fiscal.

ARTIGO QUARTO — A competência e forma do funcionamento da Assembleia Geral são as prescritas nas disposições legais aplicáveis, nomeadamente nos artigos cento e setenta a cento e setenta e nove do Código Civil. PARÁGRAFO ÚNICO — A direcção da Assembleia Geral é composta por cinco associados e compete-lhe convocar, dirigir e redigir as actas dos trabalhos da Assembleias Gerais.

ARTIGO QUINTO — A direcção é composta por cinco associados e compete-lhe a Gerência Social, administrativa, financeira e disciplinar, devendo reunir mensalmente.

ARTIGO SEXTO — O Conselho Fiscal é composto por cinco associados e compete-lhe fiscalizar os actos administrativos e financeiros da Direcção, verificar as suas contas e relatórios, e dar parecer sobre os actos que impliquem aumento de despesas ou diminuição de receitas sociais. O Conselho Fiscal reunirá, pelo menos, uma vez em cada trimestre.

ARTIGO SÉTIMO — No que estes estatutos sejam omissos, rege o regulamento geral interno, cuja aprovação e alterações são da competência da Asembleia Geral.

ESTÁ CONFORME

GUARDA E CARTÓRIO NOTARIAL, AOS DEZOITO DE ABRIL DE MIL NOVECENTOS E SETENTA E SETE

O AJUDANTE

(Augusto Alberto do Nascimento Lopes)

A Madeira "alinhou"

Nas ilhas da Madeira e Porto Santo, que constituem o arquipélago da Madeira, diversas organizações políticas e de classe, independentemente das suas ideologias, realizaram concentrações comemorativas do Primeiro de Maio, Dia do Trabalhador, segundo informa a Anop.

Na cidade do Funchal, decorreu ontem de manhã uma manifestação-comício que terminou no Parque de Santa Catarina com actividades culturais, em que participaram muitos trabalhadores funchalenses. No Largo do Município, teve lugar uma sessão livre de pintura infantil.

As crianças assistiram ainda a espectáculos de variedades. O colégio do Infante, na freguesia do Monte, associou-se às comemorações do Primeiro de Maio, tendo ali actuando um grupo folclórico.

Do mesmo modo, em diversas freguesias da Madeira, os festejos do Primeiro de Maio foram jornada de confraternização de todos os trabalhadores.

Pub

NOTÍCIAS DE ULTIMA HORA

Na Rua Gomes Freire, 9-B, no centro da cidade, continuam abertos ao público, das 10 às 20 horas, os salões de electrodomésticos e mobiliário, onde poderá adquirir esquentadores, 6 litros, desde 1499$90; 10 litros, 2799$90; auto-rádios c/altifalante, 1199$90; maples, tecido ou napa, 1599$90; grande sortido de fogões, máquinas de lavar roupa e loiça, frigoríficos, congeladores, televisores, gravadores gira-discos, rádios, sofás-cama, mobiliário, alcatifas, etc. Rádio Primavera — Telefones 49406 e 574042. Só boas marcas, com as melhores garantias.

SINDICATO DOS TRABALHADORES DO COMÉRCIO DO DISTRTITO DE LISBOA

CONVOCATÓRIA

Convocam-se os Delegados Sindicais para o dia 3 de Maio de 1977, pelas 21 horas, na Sede do Sindicato, para uma reunião com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

Ponto único — SEMANA INGLESA (apreciação do projecto edital da Câmara Municipal de Lisboa).

Lisboa, 27 de Abril de 1977

PEL'A DIRECÇÃO

Macau também

. Por ocasião da passagem do Dia Mundial do Trabalho, o governador de Macau em mensagem dirigida à população desejou que «o trabalho e o trabalhador sejam cada vez mais dignificados».

Garcia Leando depois de recordar que desde 1974 se comemora em Macau esta data, acrescentou que «o trabalho (...) nunca poderá ser alheio à dignidade e direitos da pessoa humanha», motivo que levou a que em princípios de Junho de 1976 fossem tomadas «medidas para a elaboração de uma Lei de Trabalho» no território.

O governador de Macau assinalou ainda as várias diligências que estão a ser feitas para pôr em prática legislação relativa ao trabalho de mulheres, menores e deficientes e ainda no sentido de criar um «departamento de emprego e trabalho que se encarregará, especificamente de preparar legislação de trabalho e respectiva fiscalização».

Ainda no âmbito do 1.º de Maio encontra-se em Pequim uma delegação da Associação Geral dos Operários de Macau, chefiada pelo seu presidente Leong Pui, que ali se deslocou a convite, para participar nas comemorações do Dia Mundial do Trabalho, na República Popular da China.

Também em Macau, as várias associações chinesas comemoraram a data através de reuniões e de manifestações culturais e desportivas.

ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE CONTABILISTAS

PLANO OFICIAL DE CONTABILIDADE

Informam-se os associados que irão ter lugar, a partir do próximo dia 9 de Maio (Segunda-Feira), uma série — de sessões de esclarecimento e divulgação do P.O.C., orientadas por José Rita Braz Machado.

— Para informacões e programas dos colóquios queiram dirigir-se à nossa Secretaria — R. dos Douradores, 20 - 1.º, Lisboa-2, telefone: 36 45 09

A DIRECÇÃO

Leopoldo Assunção Alves

PRIMEIRO DE MAIO NO ALENTEJO

"Não toquem na Lei da Reforma Agrária!"

«Neste momento temos, no nosso distrito, cerca de 3.000 homens desempregados e as mulheres encontram-se todas paradas. Isto deve-se à política de recuperação capitalista e agrária que tem vindo a ser praticada pelo Governo...» — afirmou José Soeiro, dirigente do Sindicato Agrícola de Beja, na grande concentração que decorreu, ontem no estádio municipal daquela cidade onde milhares de pessoas festejaram o Primeiro de Maio.

Foi um dia de festa mas também de luta porque os trabalhadores rurais do Alentejo não esquecem a ofensiva contra a Reforma Agrária desencadeada pelo ministro António Barreto. No distrito de Beja há 14 UCP's com o crédito cortado. Muitos trabalhadores já nem sequer recebem os salários coincidentes com as tabelas do Contrato Colectivo de Trabalho. O desemprego alastra de uma forma desesperante e o Governo continua a insistir nas alterações à Lei da Reforma Agrária. Essa uma das razões porque os trabalhadores rurais do distrito de Beja se manifestaram no Primeiro de Maio, em Beja. No entanto, não foi apenas na capital do distrito que os trabalhadores recordaram essa data carregada de significado. Também na Amareleja, na Aldeia dos Fernandes (Almodôvar) e em Aljustrel aconteceu festa... e luta.

Perto de 250 tractores e vinte camionetas enfeitadas com ramos de palmeira, flores e outros motivos decorativos desfilaram pelas ruas de Beja. Um cortejo que demorou quase três horas a passar. Mais tarde no estádio municipal dezenas de milhares de pessoas ouviram as intervenções de Valverde Martins, dirigente da União dos Sindicatos de Beja, Alfredo Bento, porta-voz do Secretariado Distrital das UCP's, José Soeiro, membro da direcção do Sindicato Agrícola de Beja e Manuel Lopes, do Secretariado da Intersindical.

Nesta quarta edição do Primeiro de Maio em liberdade Valverde Martins fez uma breve evocação da data e ao referir-se à crise interna vivida nos Estados Unidos falou da chamada «Europa está connosco» onde, segundo afirmou o sindicalista «há cerca de 6 milhões de desempregados e uma crise social das mais graves de toda a história». Em seguida aludiu à situação concreta do nosso País «onde trabalhadores são atirados para o desemprego por ordem do Ministério do Trabalho, outros condenados em tribunal por estarem solidários com os seus camaradas despedidos, terras, gados e alfaias são entregues aos antigos exploradores ...».

Valverde Martins apontou como responsáveis por toda a viragem que se está a verificar em Portugal «os oportunistas que aproveitando-se da máquina dum Governo falhado, estão fazendo o jogo dos capitalistas, dos imperialistas e dos reaccionários». A propósito citou nomes como Sotto Mayor Cardia, Marcelo Curto, Maldonado Gonelha, António Barreto e Carlos Portas, entre outros. Terminou mostrando-se confiante na aliança dos trabalhadores que «unidos com os militares de Abril, acabarão por derrotar a reacção».

Alfredo Bento de Matos, em nome do Secretariado das UCP's salientou o papel desempenhado pelos «bravos delegados sindicais que sem se furtarem ao esforço têm desenvolvido um intenso trabalho de levar a todos os trabalhadores o espírito, a luta e a organização sindical» Depois de recordar a acção dos trabalhadores agrícolas alentejanos na feitura da Reforma Agrária sublinhou que na hora difícil que se vive «não basta ter um Sindicato forte como o dos Trabalhadores Agrícolas de Beja mas deve-se ainda, consolidar a força do Secretariado Distrital das Unidades Colectivas de Produção.

Por sua vez Manuel Lopes, da Intersindical, afirmou que o Primeiro de Maio de 1977, era uma jornada de solidariedade internacionalista. Mas não só. Continua a ser uma jornada de luta pelos direitos conquistados. *«Foi na unidade que avançamos. É na unidade que defendemos aquilo que com tanto sacrifício conseguimos»*, disse. Em nome do Secretariado da Inter, Manuel Lopes exortou os trabalhadores a combaterem o sectarismo e o divisionismo e a reforçarem a *unidade* nos locais de trabalho, nos sindicatos. Acrescentou que os trabalhadores estavam dispostos ao esforço necessário para resolver os graves problemas do País, desde que seja «assegurado que a política económica e social beneficiará efectivamente os trabalhadores e as camadas mais desfavorecidas do nosso povo».

José Soeiro que encerrou a parte das intervenções, antes de se passar ao momento propriamente de festa, denunciou o papel divisionista do MUC (Movimento Unificado das Cooperativas) que tal como a «Carta Aberta» nas cidades procura cavar a divisão entre os trabalhadores, nos campos. Quem é o MUC, que interesses defende, quem financia o MUC?, perguntou José Soeiro. Depois de dizer que ainda não tinha visto o MUC protestar contra a política de recuperação agrária do ministro Barreto, condenar o pagamento dos subsídios de 8.500$00 àqueles que apenas souberam explorar os trabalhadores, José Soeiro acentuou que os «senhores do MUC são os mesmos que condenaram e condenam que os trabalhadores agrícolas apoiem os pequenos agricultores» e que «procuram a destruição dos Sindicatos agrícolas para ssim abrirem as portas aos grandes latifundiários parasitas». No entanto, o dirigente sindical teve o cuidado de estabelecer uma distinção entre os trabalhadores que andam enganados no MUC e aqueles que «consicentemente e muito bem pagos estão por detrás do referido Movimento».

Em Beja a festa encerrou com uma sessão de canto livre na qual actuaram o grupo das Caldas da Rainha, os Pioneiros de Beja, os Pioneiros da Cabeça Gorda, o grupo coral de Vale de Vargo e da Faro do Alentejo. *«Somos patrões de nós mesmos, poduzir é a nossa lei...»* cantaram os Pioneiros de Beja. *«A terra a quem a trabalha mesmo que a canalha diga não...»*, cantou o conjunto de Caldas da Rainha. O povo que comemorou o Primeiro de Maio em Beja aplaudiu, dançou, gritou, no estádio municipal.

E regressam nas galeriais para as suas aldeias ao fim da tarde. Muitos deles tiveram ainda de percorrer três horas de caminho.

A concentração no Estádio Municipal de Beja

Um momento do desfile pelas ruas de Évora

«NÃO MEXAM NA LEI DA REFORMA AGRÁRIA»

A palavra de ordem mais repetida no desfile de Montemor-o-Novo foi «Não mexam na lei da Reforma Agrária». Ela surgiu em diversos cartazes, na boca das pessoas que participavam no vistoso desfile que, durante a manhã de ontem, percorreu as ruas principais de Montemor ou na boca dos muitos «mirones» (activos) que viam o cortejo passar. Dezenas de cooperativas dos concelhos de Vendas Novas e Montemor estiveram representadas na festa do Primeiro de Maio que esta vila viveu intensamente. Operários das empresas locais, assalariados rurais e pequenos agricultores demonstraram a sua unidade neste Primeiro de Maio festejado em Montemor.

O cortejo de Montemor foi talvez um dos mais imponentes dos que fizeram no Alentejo: com banda de música, galérias enfeitadas com os instrumentos de trabalho e coloridos cartazes. As cooperativas «Agro Pecuária Estrela da Manhã», «Ciborro», «Andrade e Silva», «Vasco Gonçalves», «Pedro Soares», «Salvador do Pomar», «Maria Machado» «Cravo Vermelho» e outras mostraram a labuta agrícola do Alentejo com as queijarias, o pastor guardando gado, as mulheres cozendo pão. As oficinas, as empresas de serração, as fábricas de confecções também representaram em cima das galerias cenas alegóricas ao seu trabalho. Às janelas de algumas casas de Montemor estavam enfeitadas com as mantas regionais e os instrumentos de trabalho: o cocharro alentejano, o chapéu, o martelo e a foice, o cântaro de água, as ferramentas do sapateiro, a vassoura e a pá da dona de casa.

Em nome das delegações sindicais de Vendas Novas, e organismos promotores do Primeiro de Maio, usou da palavra Albano, que se referiu ao facto de Montemor e outros concelhos limítrofes terem sido «fustigados por um vendaval de crimes praticados pelos fascistas».

Após o desfile os trabalhadores dirigiram-se para o castelo onde fizeram um piquenique, onde actuaram os ranchos folclóricos do Ciborro, Vale de Figueiras e Montemor e ainda o grupo de teatro de Queluz.

Por outro lado em Évora, no jardim público, manifestou-se o povo dos concelhos de Mourão, Reguengos de Monsaraz, Évora, Arraiolos e Redondo. Houve também um desfile de tractores e discursos a cargo dos representantes do Sindicato Agrícola, União dos Sindicatos, Secretariado das Unidades Colectivas de Produção e da Intersindical.

NO SUPREMO TRIBUNAL DE JUSTIÇA

Homenagem ao dr. Abrantes Mendes

Personalidades marcantes da magistratura e da judicatura portuguesas prestaram esta tarde homenagem ao dr. Abrantes Mendes, que ao completar 70 anos, e por força das disposições legais sobre o limite de idade, deixa o cargo de secretário do Supremo Tribunal de Justiça que vinha desempenhando desde Setembro de 1974.

Abrantes Mendes é uma figura muito conhecida, não apenas nos meios lisboetas, mas em todo o País, em especial pela prática desportiva (foi atleta do Sporting, seleccionador nacional de futebol, jogador e técnico do Carcavelinhos, e treinador do Barreirense, CUF e «Fósforos»). Na década de 20, no Liceu Pedro Nunes, estudou com Barahona Fernandes, Fernando Olavo, Carneiro de Moura, Vasconcelos Marques e Ribeiro dos Santos, vindo a licenciar-se, mais tarde, em Direito.

Passou pelas comarcas de Arraiolos e Coruche antes da Boa-Hora e da relação de Lisboa, vindo a ser colocado no STJ há três anos, onde desenvolveu trabalho relevante na legalização de diversos partidos políticos, bem como nos processos dos candidatos à Presidência da República.

Nessa missão, várias vezes de madrugada, comunicou os resultados efectivos dos escrutínios e outras informações indispensáveis ao interesse público, facilitando significativamente o papel dos órgãos da Comunicação Social. Corajoso defensor dos ideais democráticos, que defendeu sem hesitações, também sofreu o ostracismo e a tortura em 1952, quando sobre ele recaíram suspeitas de ligações políticas com Henrique Galvão.

Amigos, admiradores e camaradas de trabalho vão promover-lhe, em data oportuna, em Lisboa, um jantar de homenagem.

Técnico holandês discute gestão orçamental

Chegou ontem a Lisboa o prof. Wolfson, da Universidade de Erasmus, em Roterdão, cuja visita se integra no âmbito da assistência técnica que a Holanda vem prestando ao nosso País.

O prof. Wolfson, que se encontra ligado ao ensino de Finanças e política orçamental, discutirá com técnicos portugueses a possibilidade de adopção de novas técnicas e métodos de gestão orçamental, a gestão da Tesouraria do Estado, nomeadamente as relações com a programação monetária, assim como o tratamento contabilístico da actividade financeira do sector empresarial do Estado.

Durante a sua estadia (de uma semana) o prof. Wolfson contactará com elementos do gabinete do ministro das Finanças, gabinete de Estudos e Planeamento, Direcção-Geral da Contabilidade Pública, Direcção-Geral do Tesouro e Banco de Portugal.

Política Nacional na ESMCS

. A sessão de hoje do Seminário de Jornalismo organizado pela Escola Superior de Meios de Comunicação Social tem por tema «Política Nacional» e nele participam José Carlos de Vasconcelos. Marcelo Rebelo de Sousa e Francisco Balsemão. A sessão é dirigida por José Manuel Tengarrinha e tem lugar às 21 e 30 na Avenida da República, 25, 3.º direito.

Tel. 366745

ABC

Não acons. a menores de 18 anos

Hoje, 20.30 e 22.45 horas

Domingos e Feriados há «matinées» às 16 horas

Descanso às 4.as feiras

SÉRGIO AZEVEDO apresenta

A NOVA E GRANDE REVISTA POPULAR DE LISBOA

EM ÁGUAS DE BACALHAU

com um super-elenco

Heidi (em grande). Uma grande criação de Nicolau Breyner

FLORBELA

NICOLAU BREYNER

OCTÁVIO DE MATOS (actor convidado)

VERA MÓNICA (actriz convidada)

SIMONE DE OLIVEIRA

VICTOR MENDES

ABC DANCER'S

Aviso: Devido à grande afluência de público e a empresa não podendo satisfazer todos, pede-se o favor de adquirirem antecipadamente os vossos bilhetes.

A Gerência

Zaire

Mais armas para um país super-armado

JONAS WIRTH (IPS)

Talvez seja o Zaire, a seguir à África do Sul, o país mais armado do continente. E era-o já antes de a França, Bélgica, Marrocos, Sudão e Estados Unidos se terem disposto — como fizeram agora — a reforçar Mobutu Sese Seko, como se este fosse uma vítima em presença de uma invasão estrangeira.

Os dados mais recentes indicam que as suas Forçar Armadas são compostas aproximadamente por 45 000 homens — voluntários — dos quais 40 000 pertencem ao Exército, 3000 à Força Aérea e apenas 400 à exígua Marinha. O Exército é formado por uma brigada blindada, outra mecanizada, catorze brigadas de infantaria, sete de pára-quedistas e quatro da Guarda Nacional (Polícia), todas com equipamento de origem francesa, britânica e norte-americana. Desse equipamento destaca-se uma centena de autometralhadoras «Panhard» e blindados «Scout». A Marinha costeira e fluvial dispõe de uma dezena de barcos-patrulha de pequena tonelagem, enquanto a Força Aérea conta com 17 aviões de combate «Mirage-V», cuja tripulação foi obviamente treinada por instrutores franceses, e uns 25 aviões de outras proveniências, tal como uma trintena de helicópteros «Puma» e «Alouette».

Como complemento do seu Exército regular Mobutu organizou um corpo de forças paramilitares (gendarmes e Guarda Nacional), com aproximadamente 20 000 homens. A magnitude desta dotação torna quase inexplicável que tenha requerido a assistência urgente das tropas marroquinas. Isso pode explicar-se não só pela identificação ideológico-política entre Hassan II e Mobutu mas porque as forças marroquinas já actuaram no Zaire e mostraram, além da sua eficácia combativa, a sua dupla lealdade: ao soberano da sua pátria e ao que lhes abriu a porta da sua sem desconfiança.

Quando a 11 de Julho de 1960 se deu a secessão no Catanga (hoje Shaba) e a 8 de Agosto seguinte a de Kasai do Sul, poucos dias após a proclamação da independência do Congo, o país caiu no caos previsto. A secessão foi obra de Moisés Tschombé, homem da Union Minière du Haut-Catanga, a multinacional belga que de facto dominava a vida económica do país. Tschombé desafiou assim o presidente Kasavubu e o seu primeiro-ministro Patrice Lumumba e, sem hesitações, propôs à Bélgica juntar-se-lhe como parte de uma «comunidade económica». Kasavubu solicitou então ajuda militar às Nações Unidas contra a «agressão belga», expressa no envio de tropas de choque destinadas a «assegurar a protecção» dos seus interesses no Katanga. Nessa altura o Conselho de Segurança decidiu o envio para o Congo de uma «ajuda militar», resolução que contou com o apoio dos Estados Unidos e da União Soviética, e abstenção da França e da Grã-Bretanha. Assim chegaram ao país os «capacetes azuis».

Tratava-se de uma força mista, composta por homens de diferentes nacionalidades. Face à advertência de Nikita Krutchev no sentido de que, «se a agressão continuasse, a URSS não hesitaria em adoptar medidas para lhe pôr termo», o secretário-geral da ONU, Dag Hammarskjold, propôs que se evitasse a presença de tropas europeias ou norte-americanas. A sua teoria baseava-se em que a operação devia ser, em primeiro lugar, uma manifestação do consentimento e

Mobutu Sese Seko

da capacidade dos Estados africanos de contribuírem com a sua ajuda, no quadro das Nações Unidas, para outro membro da «comunidade africana». A ideia foi aceite: era o melhor meio de impedir uma repetição em pequeno da Coreia e, no caso de haver matanças, que as vítimas fossem da mesma família.

A Etiópia, o Tchad, a Libéria, o Mali, a Tunísia e Marrocos puseram as suas forças à disposição da ONU — Marrocos com dois batalhões. Unificados pelos seus «capacetes azuis», propuseram-se desarmar os elementos díspares que constituíam a «Armée Nationale Congolaise» (ANC). O chefe do Estado-Maior de então, o coronel Mobutu, opôs-se. A 17 de Novembro de 1960 mandou desfilar as suas próprias tropas perante as formações da ONU. Daí que essa data tenha sido marcada por Mobutu como a do nascimento das Forças Armadas Zairenses (FAZ), o seu nome oficial.

Ao ser aniquilada a secessão katanguesa, nem por isso a ANC manteve a sua unidade. Em 1963 deu-se a rebelião de Kwilu, em 1966 o motim de Kisangani e em 1967 um de muito maiores proporções, outra vez em Kisangani, Bukavo e Shaba, provocado pelas forças mercenárias integradas na ANC por Tschombé quando ocupava o cargo de primeiro-ministro. Com a queda deste como primeiro-ministro Mobutu liquidou outro dos seus rivais e, de passagem, libertou-se dos mercenários incómodos, em consequência do que conseguiu substituir a ANC pelas suas próprias FAZ. Durante os últimos anos a aparente tranquilidade interna parecia a melhor prova da coesão destas forças em torno do chefe e criador, Mobutu. As verbas dos orçamentos militares (em milhões de dólares) do Zaire, a partir da constituição das FAZ, ilustram adequadamente os favores com que foram mimadas: 1967 — 65,8; 1968 — 53,6; 1969 — 63,0; 1970 — 96,0; 1971 — 90,9; 1972 — 70,6; 1973 — 62,0; 1974 — 48,9.

Um dado ainda mais impressionante é o correspondente a essa despesa militar em função da sua percentagem do Produto Interno Bruto: 1967 — 5,9; 1968 — 3,2; 1969 — 3,4; 1970 — 5,0; 1971 — 4,6; 1972 — 4,4.

Embora faltem as percentagens de 1973 e de 1974, a comparação no contexto da África permite afirmar que essa relação só é excedida pelo Sudão e pela Nigéria entre os quarenta países considerados. O aluvião de material bélico descarregado no país nos últimos dias pode complicar o quadro heteróclito das disponibilidades em armas: o armamento individual é de origem francesa, a artilharia ligeira e o material de comunicação são britânicos, os aviões e helicópteros franceses («Mirage», «Puma» e «Alouette»), italianos («Macchi») e norte-americanos («DC-3», «DC-4», «DC-6» e «C-130»). O factor logístico complicar-se-á com as recentes pontes aéreas da França, Marrocos e Sudão, publicamente admitidas, e com outras que talvez não o sejam, a não ser que sejam involuntariamente descobertas (Bélgica, China, Estados Unidos, Grã-Bretanha).

Que dizer deste aparentemente inexplicável conluio? O tempo o dirá, mas talvez sirva como elemento de compreensão o que, na sua edição de 7 de Março passado, ou seja, antes de se iniciarem as acções bélicas no Shaba, Simon Malley denunciava no semanário «Afrique-Asie»: que Mobutu tinha recebido «pessoalmente» da CIA uma soma superior a 50 milhões de dólares nos últimos dez anos, depositados em contas numeradas na Suíça e procedentes de fontes originariamente ligadas a Holden Roberto, seu cunhado e chefe da FNLA de Angola; que Hassan II de Marrocos tinha recebido da mesma procedência a soma de 27 milhões de dólares, os quais «entraram no palácio real directa ou indirectamente através de dois personagens próximos do rei»; que Numeiry, do Sudão, beneficiou nos últimos dois anos de uma soma não inferior a 5 milhões de dólares, graças à qual alguns dos seus ministros, sobretudo Mansour Khaled, chefe da sua diplomacia, fornecia relatórios permanentes ao responsável da CIA; e que Anwar Al-Sadate, do Egipto, recebera por intermédio de Kamal Adham, homem de negócios sudanês, chefe dos serviços secretos do seu país e principal contacto entre a família real sudanesa e a CIA, uma soma não inferior a 3 milhões de dólares durante o período imediatamente anterior à sua subida ao poder, quando morreu Gamal Abdel Nasser.

circular é viver

CARRIS – C. P. – METRO – RODOVIÁRIA NACIONAL – TRANSTEJO

PASSES SOCIAIS

1. Em conformidade com o comunicado já divulgado pelo Ministério dos Transportes e Comunicações através dos órgãos de Comunicação Social foi decidido alargar à C. P. o benefício do passe social.
Passa assim a vigorar também para a C. P., nos percursos entre Lisboa e Amadora, Cruz Quebrada ou Bobadela, o passe até agora válido para a CARRIS — METRO — R. N. (L-1), correspondendo à área da cidade de Lisboa e da primeira coroa.

2. Os passes intermodais em vigor a partir de 1 de Maio próximo são os seguintes:

a) CARRIS – METROPOLITANO

Válido dentro da cidade de Lisboa para autocarros, eléctricos, elevadores e metropolitano — 300$00

b) CARRIS – METROPOLITANO – TRANSTEJO

Com a mesma validade anterior e ainda para as seguintes carreiras fluviais da Transtejo:
— TERREIRO DO PAÇO — CACILHAS, CAIS DO SODRÉ — CACILHAS, BELÉM — PORTO BRANDÃO, BELÉM — TRAFARIA e TERREIRO DO PAÇO — SEIXAL — 500$00
— além destas, TERREIRO DO PAÇO — MONTIJO — 700$00

c) CARRIS – METROPOLITANO – C. P. – RODOVIÁRIA NACIONAL – TRANSTEJO

Válido dentro da cidade de Lisboa como em a) e fora dela numa primeira coroa definida externamente, na margem norte, por uma linha unindo as localidades ou paragens zonas situadas a uma distância de transporte rodoviário a que corresponde o preço simples de 4$00, englobando os troços e percursos das carreiras de autocarros e eléctricos de interesse local ou com características de exploração suburbana aí compreendidos e na margem sul (com términus no cais de embarque) para as seguintes carreiras fluviais da Transtejo: TERREIRO DO PAÇO — CACILHAS, CAIS DO SODRÉ — CACILHAS, BELÉM — PORTO BRANDÃO e BELÉM — TRAFARIA — 400$00

3. A requisição dos cartões e a venda dos bilhetes para o mês de Maio podem ser efectuadas nos seguintes locais e horas:

— *CARRIS* (das 8.30 às 20.00 horas):

Campo Pequeno	Algés	Areeiro
Estrela	Pr. Chile	Poço Bispo
Moscavide	Benfica	Rato
Cam. — Ferro	C. Sodré	Marquês Pombal
Lumiar	Gomes Freire	Rossio
Campolide	Graça	Sete - Rios

— C. P. (das 8.00 às 20.00 horas):
Estações do Rossio, St.ª Apolónia, Cais do Sodré, Amadora, Sacavém, Algés e Cruz Quebrada

— *METROPOLITANO* (8.30 às 20.00 horas nos dias 30 de Abril e 2 e 3 de Maio, e 9.00 às 19.00 horas nos restantes dias):

ESTAÇÕES:

Entrecampos	— Tabacaria
Sete - Rios	— Cabine
Rotunda	— Tabacaria (Marquês de Pombal)
Restauradores	— Loja (do lado do Cinema Eden)
Restauradores	— Tabacaria (do lado do Cinema Condes)
Rossio	— Cabine (do lado da Praça da Figueira)
Arroios	— Tabacaria
Alvalade	— Loja

— *RODOVIÁRIA NACIONAL* (9.00 às 12.00 e 13.00 às 19.00 horas de Segunda a Sexta-Feira):

Rua da Palma, 256	Rua Jardim Regedor, 35
Rua Antero Quental, 5	Praça Londres, 35
Calçada do Desterro, 30	Praça Sete-Rios
Odivelas	
Sacavém	
Queluz de Baixo	
Venda Nova	

— *TRANSTEJO* (13.00 às 21.00 horas de 2.ª a 6.ª feiras e 8.00 às 13.00 aos Sábados):

Terreiro do Paço (Cais da Alfândega)
Estação Fluvial de Belém
Estação Fluvial do Cais do Sodré

'REVOLUÇÃO OU REACÇÃO'

medalha sobre o General
VASCO GONÇALVES
modulo 80mm
bronze

anverso — numeradas 300$ — reverso

pedidos ao
ATELIER
BELO MARQUES
R. TRINDADE 5-2º dto
T: 37 12 54 LISBOA
envios sem encargos

INTERMÉDIO ELEITORAL NA INDONÉSIA

Ojectivo 70 por cento

PATRICE DE BEER

DJACARTA — A campanha para as eleições de hoje abriu sob o signo do «Banyan». Essa árvore, a que os indonésios atribuem poderes misteriosos, serve de símbolo ao Golkar ou Grupos funcionais, momento pró-governamental a meio caminho entre um partido político e uma organização corporativa. Para que os eleitores supersticiosos não dessem os seus votos ao Golkar, certos propagandistas dos outros dois países autorizados — o PPP muçulmanos e o PDI, que agrupa os antigos partidos nacionalistas e cristãos — afirmaram que, se se marcasse o Banyan no boletim de voto, libertavam-se os espíritos maus que nele moram. Por seu lado, os partidários do Golkar explicaram aos muçulmanos que marcar o Kaaba — edifício sagrado no centro da mesquita da Meca —, que é o símbolo de PPP seria uma falta de respeito pelo Islão.

A campanha eleitoral não se limitou a isto. Manteve-se no entanto, fraca, à falta de polémica aberta entre partidos, debates sobre grandes opções, propostas ou discussões, propostas ou discussões, à falta também de homens novos. Os cartazes floresceram em todas as ruas foram organizadas comícios, quase sempre do Golkar, que tinha o apoio de todo o aparelho governamental e que iniciou a sua campanha muito antes do PPP e do PDI.

Estes dois partidos não se encontram, porém, numa oposição que não poderia existir, visto todas as formações autorizadas respeitarem o presidente Suharto e os Pancasila (os cinco princípios que regem todos os aspectos da vida na Indonésia: crença em Deus, humanismo, unidade nacional, democracia, justiça social). Estão mesmo associados ao governo e cada um deles dispõe de uma pasta de segundo plano. Como não podem criticar-se mutuamente são obrigados, para mostrar uma espécie de identidade e originalidade, a insistir em certos temas: justiça social para o PDI, religião islâmica para o PPP. Esta é um factor importante que poderia dar ao PPP eleitores ainda influenciados pelo clero tradicional.

O Golkar afirmou, pela voz do seu presidente, general Amir Murtono, que queria respeitar a regra do jogo. No entanto, segundo o jornal **Merdeka**, só os seus candidatos puderam apresentar-se às eleições locais numa província das Celebres. No Lste de Java, aldeias inteiras filiaram-se mais ou menos voluntariamente no Golkar. Várias cenznas de candidatos do PPP e do PDI foram invalidados. Muitas tropas foram ostensivamente enviadas para as províncias, enquanto que os serviços de organização anticomunista do Kopkamtib, outrora especializados na caça aos «vermelhos», descobrem hoje «complots» de fanáticos muçulmanos. Ao falar no Parlamento, em princípios de Fevereiro, um deputado do PPP acusou **representantes governamentais de espancar pessoas na província**.

Também foram utilizados para chamar a atenção dos eleitores, métodos menos contestáveis e mais tradicionais. Recentemente, realizou-se perto de Surabaya um seminário dos **dalangs** — os homens que mostram o teatro de sombras, tão popular em Java —, no quadro de reuniões destinadas a informar os «media» das intenções e da política do Governo quanto às eleições.

O **wayang** (teatro de sombras) desde há muito que é

O único hotel de traça moderna em toda a cidade de Djakarta, capital da Indonésia: o «Hotel Indonesia». Está permanentemente cheio

utilizado como meio de propaganda. Outrora facilitou a introdução do Islão nos campos. Os **dalangs** intercalam cenas tipicamente javanesas, com figuras cómicas muito apreciadas pelo público, os **panakawans**, em histórias inspiradas no Ramayana, de origem indiana. Os **dalangs** também podem criticar acontecimentos ou personagens, com grande gáudio dos espectadores.

Estes **panakawans** tornaram-se, de certo modo, porta-vozes das autoridades. Ao mesmo tempo evitam a propaganda de ideias subversivas ou contrárias aos seus interesses. Assim, os **dalangs** não podem abordar assuntos políticos delicados, apoiar formações políticas ou religiões ou criticar o Governo, mas devem dar imagens positivas da limitação de nascimentos ou do desenvolvimento.

O método é extremamente eficaz e pouco caro, e o **wayang** é representado muitas vezes nas aldeias, por ocasião de festividades, durante noites inteiras. A electricidade e portanto o cinema ainda são raros nos campos e, como as tradições culturais e religiosas continuam muito vivas na sociedade javanesa rural, o **wayang** é muito apreciado.

O papel do Parlamento limita-se, de facto, à eleição do presidente — não há dúvidas de que o general Suharto se apresentará como candidato único — e à adopção das grandes linhas do programa do Governo. Os dirigentes dos dois partidos políticos foram seleccionados pelas autoridades entre aqueles que tinham personalidade menos forte. As candidaturas às eleições foram examinadas por uma comissão composta por representantes dos ministérios do Interior, da Justiça e de vários serviços especiais. Perto de um milhão e meio de eleitores irradiados das listas desde 1965 por «comunismo» continuam sem ser reintegrados. A Imprensa está submetida a novas regras muito estritas. Para o Golkar o problema está em obter uma percentagem de sufrágios que esteja o mais perto possível dos 70 por cento, mas sem ultrapassar esse número, a fim de dar a impressão de as eleições terem sido regulares (em 1971 obteve 62 por cento).

Uma figura política importante, próxima do Poder, disse-nos com crueza: **Não precisamos de utilizar a força com os eleitores. Basta, por exemplo, mostrar-lhes uma lista dos membros do Golkar da aldeia deles, lista essa que tem em primeiro lugar o nome do lurab (chefe da aldeia). Eles compreendem logo muito bem o que devem fazer.**

Um especialista de ciência política dá-nos a seguinte análise dessa consulta: **Nos países em vias de desenvolvimento como a Indonésia, as eleições são para a população mais uma obrigação do que um direito. Aquele que pudera impor essa obrigação é que ganha as eleições: o Golkar. As eleições ainda são um ritual em que se deve tomar parte, uma festa simbólica como o eram na Idade Média a vossa Paixão ou o vosso Natal!**

Mas que problemas foram tratados durante a campanha? **Nenhum. Trata-se simplesmente de continuar a política actual... De resto, é proibido criticar as religiões, falar de problemas raciais ou étnicos, de ideologia. Pode falar-se de corrupção mas em termos gerais, sem ataques pessoais. Não há ninguém que se sinta tão limpo que possa atirar a primeira pedra!**

Durante essa **festa simbólica** todos os indonésios de mais de dezassete anos devem eleger 360 membros da Câmara dos representantes do povo (Dewan Perwalikan Rakyat ou DPR) e os seus representantes nas assembleias provinciais e de regência. Outros cem membros do DPR serão nomeados pelo presidente, e setenta e cinco serão militares. Actualmente, 236 dos membros eleitos pertencem ao Golkar, 94 do PPP e 30 ao PDI (amálgama dos restantes partidos, católico, protestante, e membros do Partido Nacionalista (PNI) de Sukarno, aos quais o actual governo permitiu continuar as suas actividades políticas). Tanto o PPP como o Golkar esperam um aumento dos seus votos, e atribuem poucas possibilidades ao PDI, muito dividido.

A Assembleia consultiva popular (Majelis Permusyawaratan Rakyat, ou MPR) compreende os 460 membros do DPR, mais outras 460 individualidades nomeadas pelo Governo a fim de representar os **grupos funcionais**, isto é, as corporações ou profissões, reagrupadas em associações sob a égide do Golkar, que assim é duas vezes representado — regiões e militares.

Que pensam os indonésios dessas eleições? Como sabê-lo quando todo o contacto com a população é interdito desde o início da campanha eleitoral? Fora de Djacarta, todas as nossas tentativas se revelaram vãs. **Ah, o senhor é jornalista? Então o que quer saber?** Mas a palavra **eleições** cortava imediatamente qualquer início de conversa.

(«Le Monde»)

D/77

FIL AGRO 77

16 a 25 Setembro

I SALÃO INTERNACIONAL DA AGRICULTURA E INDÚSTRIAS AFINS

AGRICULTURA PORTUGUESA PASSAPORTE PARA A EUROPA

AGRICULTURA: Mecanização, adubos e correctivos, pesticidas, culturas alimentares, fruticultura, produtos industrializados, máquinas para a industrialização dos produtos alimentares, floricultura, vinhos e outros. PECUÁRIA: Mecanização, produtos industrializados, máquinas para a industrialização de carnes e lacticínios e outros. SILVICULTURA: Madeiras, cortiças, material de apicultura e outros.

INSCREVA-SE DE 2 DE MAIO A 30 DE JULHO

FIL-FEIRA INTERNACIONAL DE LISBOA

CONQUISTAS DO TRABALHADOR NA VIA SOCIALISTA

medalhas comemorativas das

nacionalizações

DA BANCA

PARA O PÚBLICO 300$00

80 mm

PARA TRABALHADORES DA BANCA 250$00

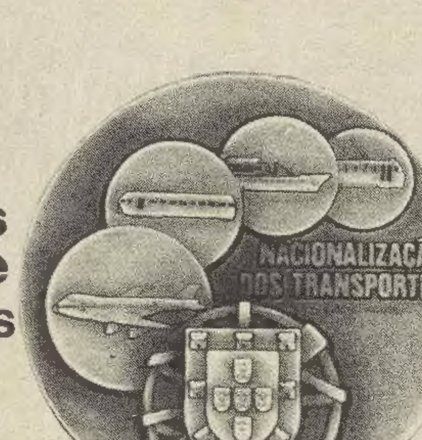
80 mm

DOS SEGUROS

PARA O PÚBLICO 300$00

TRABALHADORES DOS SEGUROS 250$00

medalhas de bronze numeradas



70mm

PARA O PÚBLICO 250$00

TRABALHADORES DOS TRANSPORTES 200$00

DOS TRANSPORTES

pedidos ao ATELIER

BELO MARQUES

R. TRINDADE 5-2.º dto

T: 37 12 54 LISBOA

envios sem encargos

Pedro Coelho convidado a visitar Guiné-Bissau

«O sector das pescas é favorável à cooperação entre os nossos dois países», declarou ao «DL» o secretário de Estado das Pescas da Guiné-Bissau, Joseph Turpin, após ter-se reunido com o eng. Pedro Coelho. Os dois responsáveis pelas pescas em Portugal e na Guiné-Bissau acordaram em intensificar os contactos pessoais para concretizar projectos antigos de cooperação no sector. O próprio eng. Pedro Coelho terá aceite o convite para se deslocar a Bissau em data oportuna esperando-se que possa, então, assinar o acordo para a formação de uma empresa mista de pescas entre os dois países.

Joseph Turpin foi recentemente nomeado secretário de Estado das Pescas do seu país — cargo que pela primeira vez existe na estrutura do Governo guineense — e tinha cumprido a sua primeira missão relacionada com as pescas, participando numa reunião da FAO, em Roma. Passando por Lisboa, de regresso a Bissau, pode encontrar o secretário de Estado das Pescas do governo português, eng. Pedro Coelho, sendo ainda recebido no Ministério dos Negócios Estrangeiros e no Gabinete Coordenador da Cooperação.

Disse-nos o responsável guineense:

«Estamos particularmente interessados em desenvolver as nossas relações no domínio da comercialização de pescado, formação de quadros, investigação e troca de experiências, e formação de uma sociedade de economia mista, dando, aliás, execução a um projecto que existe há muito tempo. Estas visitas vão prosseguir, de uma parte e da outra, para intensificar os contactos pessoais que nos parecem muito importantes. Tudo milita a favor do desenvolvimento da cooperação entre os nossos dois países que têm de comum um traço tão importante como a língua e um passado histórico de íntimo relacionamento. De momento, as pescas parecem ser o terreno mais favorável para uma cooperação duradoira e econòmicamente vantajosa para ambos. A cooperação não é só num sentido mas nos dois».

Joseph Turpin, secretário de Estado das Pescas da Guiné-Bissau, que passou recentemente em Lisboa, estabelecendo contactos para o desenvolvimento da cooperação no domínio das pescas.

A criação da Secretaria de Estado das Pescas, e elevação de 150 para 200 milhas das águas territoriais guineenses e as tentativas para alargar a cooperação a outros países e não apenas à França, Argélia, URSS e Suécia dão uma ideia dos esforços da Guiné-Bissau para aproveitar no sentido do desenvolvimento económico os inexplorados recursos pesqueiros das suas costas. O camarão e a sardinela parecem ser as espécies mais aproveitáveis, imediatamente, para a procura de divisas externas. Outras espécies exigem investigação prévia para um correcto e planificado aproveitamento.

Portugal está em condições de colaborar em todas as fases dessa intensificação das pescas. Segundo deu a entender Joseph Turpin, o próximo passo será dado pelo eng. Pedro Coelho que deverá deslocar-se a Bissau muito brevemente, a convite do governo guineense, sendo de esperar que nessa altura possa ser já assinado o acordo para a formação de uma empresa mista de pescas entre Portugal e a Guiné-Bissau.

Sublinhe-se que Joseph Turpin, quadro importante da organização do PAIGC (pertence, mesmo, ao Conselho Superior da Luta, organismo correspondente ao Comité Central) aproveitou esta passagem por Lisboa para rever antigas amizades portuguesas nomeadamente figuras políticas exiladas durante o fascismo. Como pertencia, há muitos anos, aos quadros diplomáticos do PAIGC Turpin tinha contactos regulares com a oposição no exílio, nomeadamente com os cidadãos portugueses residentes em Argel. Já depois da independência, Joseph Turpin desempenhou o cargo de Secretário-Geral do Ministério dos Negócios Estrangeiros.

AGOSTINHO NETO NO PRIMEIRO DE MAIO

"Teremos resposta para um Zaire agressivo"

O presidente angolano Agostinho Neto defendeu, ontem, o desenvolvimento das Organizações de Defesa Popular (ODP) através de todo o país, tendo em vista a luta «contra os bandidos e os fantoches que continuam a atacar-nos».

O chefe de Estado angolano, que discursava por ocasião do comício do Primeiro de Maio, acusou o Zaire e a África do Sul de fornecerem um apoio logístico a esses «fantoches». «Há também, acentuou, concentrações de tropas no Zaire e na África do Sul. Se o nosso território for ameaçado, acrescentou, não hesitaremos em tomar as medidas necessárias».

Dirigindo-se a várias dezenas de milhares de trabalhadores mobilizados por um enorme desfile convocado pela União dos Trabalhadores Angolanos (UNTA - Central Única), o presidente Neto recordou, por outro lado, que o ano de 1977 seria o da criação em Angola de um «partido de vanguarda da classe operária».

Além do tradicional desfile de trabalhadores, este Primeiro de Maio foi marcado em Luanda pela entrega, pela primeira vez, de «Diplomas de Honra» aos melhores trabalhadores e aos representantes das empresas que estiveram integradas numa «campanha de emulação socialista» desde 1 de Março, campanha que se destinava a aumentar de maneira considerável a produção em mais de setenta empresas.

As medalhas e insígnias que acompanhavam os «Diplomas de Honra» foram feitas em Portugal, no decurso dos meses de Março e Abril.

Técnicos franceses mortos num ataque da Polisario

Guerrilheiros da Frente Polisario atacaram as instalações mineiras de Zouerate, 750 quilómetros a nordeste de Nouakchott, bem no interior da Mauritânia, provocando a morte de dois técnicos franceses. Mais seis cidadãos franceses terão desaparecido durante a acção, segundo anunciou um informador governamental mauritano.

A agência France Presse, que dá a notícia a partir da capital da Mauritânia, acentua o facto de não terem sido fornecidos mais detalhes acerca do ataque. Nomeadamente, não se faz referência ao número de baixas civis e militares mauritanas e ao número de guerrilheiros envolvidos na acção.

Desde há muito que a Frente Polisário está a levar a sua luta ao interior de Marrocos e da Mauritânia.

Cairo vai ajudar Mobutu

O presidente Anwar Sadat anunciou que ajudará o Zaire, com a sua Força Aérea, a lutar contra os rebeldes que se encontram na província de Shaba.

No discurso que pronunciou em Alexandria alusivo ao dia Primeiro de Maio, o chefe de Estado egípcio salientou que a invasão da província zairense de Shaba ameaça directamente o Sudão e as nascentes do Nilo, que são vitais para o Egipto.

Sadat acrescentou que a sua decisão constitui também uma forma de manifestar a sua gratidão pelo apoio que o presidente zairense, Mobutu Sese Seko, tem dado ao Egipto e aos povos árabes no seu conflito com Israel.

O presidente egípcio revelou ainda que a China enviou armas, munições e outro equipamento militar para o Zaire.

Entretanto, a FLNC (Frente de Libertação Nacional do Congo) continua em Shaba, dando combate e sendo combatida. «Trata-se de uma guerra que se vai prolongar» — disse Nathanaal M'Bumba, um dos dirigentes da FLNC.

Governo de Bissau reserva mais importações

O Governo guineense chamou a si o exclusivo da importação de mais alguns produtos considerados essenciais ao consumo interno do país.

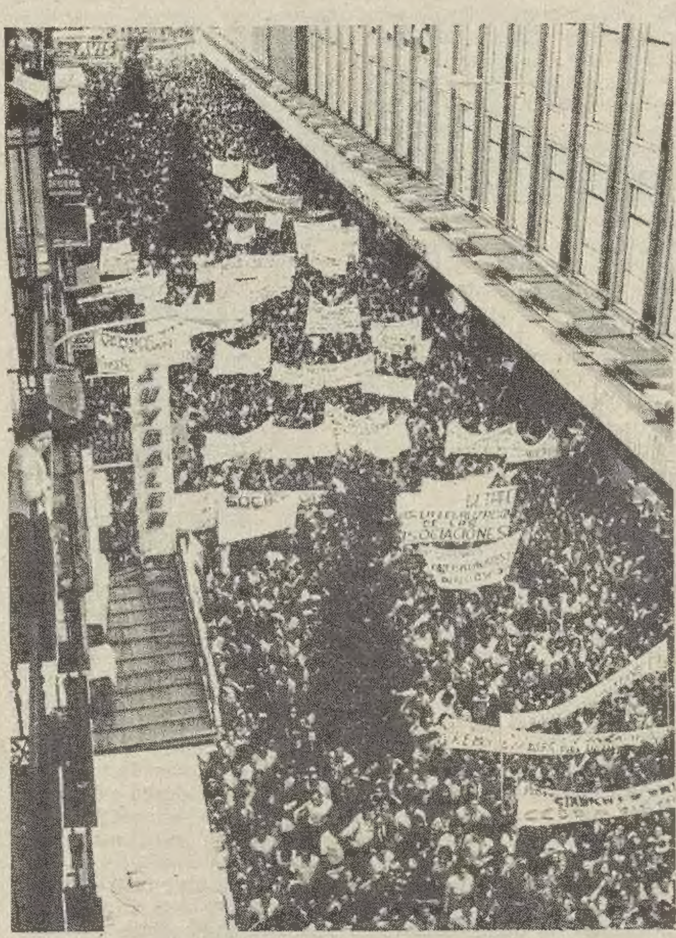
Aos medicamentos e aos combustíveis, cuja importação já anteriormente o Estado considerara «reservada», juntaram-se agora o arroz, açúcar, a farinha de trigo, o cimento, os vinhos e o sabão.

O regime de exclusividade foi justificado pelas vantagens que oferece, em termos de capacidade de negociação, de preços, de condições comerciais e, ainda, de poupança de divisas.

O PRIMEIRO DE MAIO NO MUNDO

Festa e sangue no Dia Mundial dos Trabalhadores

O dia 1 de Maio, Dia Mundial do Trabalhador, foi comemorado ontem em todo o mundo. Nos países socialistas, o dia foi de regozijo e festa nacional, com comemorações oficiais, onde as tarefas revolucionárias já realizadas e por realizar foram tema principal dos festejos. Nos países de democracia ocidental, os trabalhadores desceram à rua em jornada de luta contra a difícil situação que se vive na actual sociedade capitalista. Nos países submetidos a regimes ditatoriais, as comemorações, de índole mais ou menos clandestina, saldaram-se por violência das forças repressivas sobre os trabalhadores. Em Espanha, a «democratização» do regime mostrou uma vez mais que o franquismo continua a pesar ameaçadoramente na vida quotidiana: 200 feridos, 50 presos, espancamentos, granadas de gás lacrimogéneo, barricadas nas ruas — eis o balanço da acção policial contra os manifestantes, que usavam do seu legítimo direito de reunião e expressão. Em Israel, judeus e árabes, unidos na sua condição de trabalhadores, desfilaram pelas ruas de Telavive, enquanto nos territórios árabes ocupados a Polícia dispersava violentamente os manifestantes. Em Santiago do Chile, o movimento de massas, apesar das duras condições impostas pela ditadura, mostrou que continua a ter energias. Cento e vinte e seis organizações sindicais exigiram ao presidente Pinochet a mudança da política económica e social do Governo, e protestaram contra a proibição das comemorações do 1.º de Maio. Por outro lado, a homilia do cardeal Silva Henriquez nos festejos do Dia de São José Operário, intitulada «Dignidad y Unidad», foi pretexto para uma manifestação marcadamente política: milhares de fiéis gritaram «Liberdade, liberdade», em uníssono com as declarações do cardeal, que assinalaram uma clara e inequívoca ruptura com o regime, ficando bem expresso que o prelado defende a resistência à ditadura. Na Turquia, maoístas, aliados às forças da extrema-direita, atiraram sobre a multidão de 150 mil pessoas, que assistia a um gigantesco comício promovido pelos sindicatos de esquerda em Istambul. Trinta e duas pessoa morreram e mais de 200 ficaram feridas.



A foto documenta uma impressionante manifestação pacífica dos trabalhadores espanhóis, a quem as autoridades impediram, uma vez mais, de festejar o 1.º de Maio

A quarenta dias de eleições (as primeiras em regime de liberdade desde há quarenta anos), os trabalhadores espanhóis viveram ontem um dos dias mais violentos dos últimos tempos. As três principais centrais sindicais — Comissiones Obreras, USO e UGT — tinham programado festividades de grande brilho nas principais cidades do país. Mas uma impressionante mobilização policial impediu que as comemorações se realizassem. Cinquenta presos e duzentos feridos foram o balanço das «operações de polícia» em Madrid. No País Basco e em particular em Bilbao a polícia dispersou brutalmente os manifestantes, o mesmo acontecendo em Barcelona, onde os manifestantes ergueram barricadas para se defenderem da fúria policial.

Durante a tarde, no parque madrileno «Casa do Campo», foi possível, apesar de tudo, que vários milhares de pessoas se reunissem em ambiente de festa por vezes interrompida para gritar «slogans» unitários e cantar a «Internacional».

Hoje os dirigentes sindicais darão uma conferência de Imprensa sobre os acontecimentos, que lançam graves dúvidas quanto à «democraticidade» dum regime que não hesitou ontem em fazer reviver os tempos do franquismo.

Alguns comícios puderam, entretanto, ser feitos no fim-de-semana. O dirigente do PSOE, Felipe Gonzalez, afirmou ontem em Barcelona que o seu partido iria ganhar as eleições, apesar de estas não serem limpas.

Por outro lado, os dirigentes sindicais anunciaram que vão apresentar um protesto junto da Organização Internacional de Trabalho, enquanto uma central sindical com sede em Bruxelas apresentou já protestos públicos contra a actuação do Governo de Madrid.

Foi em Istambul, porém, que as comemorações se revestiram aspecto mais sangrento, saldando-se por 32 mortos e mais de 200 feridos. Segundo a agência Reuter, os incidentes surgiram na praça Taksim, em Istambul, quando franco-atiradores dispararam sobre os dirigentes sindicais de esquerda, organizadores do comício. Extremistas de esquerda, com particular destaque para os maoístas, atacaram os sindicalistas, tendo sido utilizadas navalhas na refrega. O Governo turco reunido em sessão de emergência declarou que seriam tomadas as devidas medidas de segurança e constituiu uma comissão de inquérito.

Nos países da Europa capitalista, o tema fulcral das manifestações foi o combate ao desemprego e a luta pela melhoria da economia dos respectivos países. Na Itália, a luta contra a violência política e pelo realançamento da economia foram dominantes a luta contra o desemprego foi a tónica das comemorações na RFA, na Bélgica e na Áustria.

Em França houve desfiles em quase todas as cidades. O de Paris encabeçado pelos dirigentes das duas principais centrais sindicais Georges Seguy (CGT) e Edmond Maire (CFDT) reuniu mais de 100 mil pessoas. O desemprego e a política económica do governo dominaram as manifestações.

Finalmente em Atenas a luta pela semana de 40 horas e os protestos contra a alta do custo de vida dominaram as celebrações tendo-se registado incidentes onde ficaram feridas 20 pessoas.

MÉDIO ORIENTE E ÁFRICA

No Líbano a esquerda comemorou o Primeiro de Maio sob a égide do dirigente Kamal Jumblatt, há pouco assassinado por elementos de direita.

O filho de Jumblatt, Walid, em discurso que proferiu por ocasião das celebrações, afirmou-se como fiel continuador da obra do seu pai. A «Jornada Árabe e Internacional Kamal Jumblatt» reuniu milhares de libaneses na zona ocidental de Beirute, na presença de várias delegações estrangeiras.

Em Israel grupos de extrema-direita atacaram a manifestação organizada em Telavive pelo Partido Comunista e outras organizações de esquerda, o que não impediu o desfile de árabes e judeus, empunhando em conjunto bandeiras vermelhas e com as cores de Israel celebrassem a festa dos trabalhadores. Incidentes ocorreram em territórios ocupados, enquanto, por outro lado, nova aldeia agrícola foi fundada na margem ocidental do Jordão em território que não pertence a Israel.

Noutro local desta edição, damos conta do que foram os festejos nas antigas colónias portuguesas de África. Na Etiópia, o chefe do governo militar, Mengistu Haile Mariam, dirigiu-se a centenas de milhares de pessoas concentradas na capital, afirmando que a expulsão de cinco agências governamentais norte-americanas do país constitui uma vitória histórica terminando com a escravatura imposta à Etiópia por Washington.

AMÉRICA LATINA

No Chile, como acima dissemos, o 1.º de Maio de 1977 marca uma data assinalável na luta do povo chileno contra a opressão fascista. Num acto de coragem e grande combatividade, 126 organizações sindicais formularam as suas exigências ao Governo de Pinochet, exigindo que ele altere a sua política social e económica, enquanto a igreja, na pessoa do cardeal Silva Henriquez, deu mais um passo na ruptura insanável com a Junta. A doutrina das encíclicas foi reafirmada na catedral de Santiago, onde decorreu uma impressionante manifestação pela liberdade e justiça social. Em El Salvador, onde o fascismo impera em força depois da farsa eleitoral, oito pessoas foram mortas pela polícia quando se manifestavam, comemorando o 1.º de Maio. Na Colômbia, os festejos foram permitidos, abrindo-se uma excepção ao estado de sítio. No Uruguai as ruas da capital ficaram desertas, porque, por decisão oficial, não funcionaram os transportes públicos. No Brasil, houve prisões, e comemorações oficiais, na cidade de Belo Horizonte, sob a presidência do presidente Geisel, que almoçou com 330 dirigentes sindicais. Na Argentina, as autoridades também fizeram as suas comemorações, às quais poucos trabalhadores compareceram. No México assistiu-se este ano ao maior desfile até hoje visto em qualquer 1.º Maio. Mais de um milhão de trabalhadores defilou pelas ruas da capital, protestando contra a alta do custo de vida. No Peru as autoridades tornaram pública uma mensagem contra «grupos políticos que realizaram uma campanha antilaboral» enquanto os sindicatos protestaram contra a politica economica do Governo.

ÁSIA

No continente asiático nos países não socialistas, registaram-se prisões em Manila, capital das Filipinas, onde os trabalhadores converteram a jornada do 1.º de Maio em Luta contra o Governo. No Paquistão, o presidente da República lançou um apelo à unidade, depois dos graves e sangrentos incidentes que têm vindo a colocar o país à beira da guerra civil. O principal dirigente da oposição foi libertado, enquanto os partidos contrários a Ali Bhutto, depois do fracasso da «longa marcha» contra o primeiro-ministro, parecem dispostos a dialogar com o poder, tendo desistido de exigir a demissão do chefe do Governo.

Em Hong-Kong, sob regime colonial inglês, as manifestações foram proibidas, tendo sido presas oito pessoas.

No Japão, as festas contaram com a presença de mais de 10 milhões de trabalhadores. Em Tóquio, mais de 50 mil trabalhadores concentraram-se num comício onde discursaram dirigentes dos principais partidos da oposição.

MUNDO SOCIALISTA

Em todas as cidades soviéticas e nas capitais das 15 repúblicas da URSS, o Primeiro de Maio foi celebrado numa atmosfera de paz e alegria. Em Moscovo, com um tempo quente e cheio de sol, milhares de trabalhadores agitando bandeiras vermelhas e flores deslocaram-se à Praça Vermelha, ornamentada com inúmeras palavras de ordem («Proletários de todo o mundo, uni-vos», «O comunismo vencerá» eram das mais repetidas) e com enormes retratos de Marx, Engels e Lenine. Na tribuna, Leonid Brejnev, acompanhado dos restantes membros do CC. O desfile decorreu sob o o signo do 60.º aniversário da Grande Revolução de Outubro e durou mais de duas horas.

Convidados estrangeiros e membros de representações diplomáticas estiveram presentes às cerimónias, durante as quais se exaltou a paz, desanuviamento e o socialismo.

A paz e a coexistência pacífica foram tema de idênticas celebrações na Polónia, na Checoslováquia, na Hungria e nos demais países socialistas europeus. Na capital da RDA, Berlim, as agências assinalam uma novidade nas comemorações: o tradicional desfile militar foi substituído por um desfile de milícias populares (paramilitares) não armadas.

Na China, centenas de milhares de trabalhadores espalharam-se pelos parques de Pequim, onde espectáculos de todo o género eram acessíveis ao público. Os observadores notaram a omnipresença de Hua Kuo-feng, nas tradicionais alusões políticas aos dirigentes.

A agência Nova China salientou, entretanto, que as festas decorreram «numa atmosfera de unidade e vitória», em clara alusão aos graves conflitos internos derivados da eliminação política do chamado «bando dos quatro».

No Vietname o dia foi celebrado na cidade de Ho Chi Minh (antiga Saigão) com um gigantesco desfile no Estádio da Reunificação com a presença de vários dirigentes.

Noticiário em colaboração com as agências ANOP France Presse, Inter Press Service, Novosti, Prensa Latina e Reuter

ANÁLISES CLÍNICAS LABORATÓRIO

URGÊNCIAS E DOMICÍLIOS
Rua da Escola Politécnica 25 - 1.º
Tele 326951 (Urg. até às 20 Horas)
URGÊNCIA DEPOIS DAS 20 HORAS
TELEF. 366579

ALCATIFAS PLÁSTICAS ESTAMPADAS
Para revenda — Lindas cores
com base de feltro — 127$50 + 12% IT
com base de amianto — 147$50 + 12% IT
Só vendemos rolos de 60 a 70 m2

José Barros Lda.
R. José Duro, 22-D — Alvalade

Canal da Crítica

Por MÁRIO CASTRIM

DO SUL AO NORTE, O 1º DE MAIO FOI MAIS FORTE

A RTP procedeu mal quando resolveu não transmitir em directo a festa e comício no Estádio do 1.º de Maio. Em primeiro lugar, para nos mantermos no território do pragmatismo, a tradição existe. Talvez uma tradição de pouca longevidade, mas de grande significado. Em termos de longevidade, a tradição orientava-se noutro sentido, não? T'arrenego!

Quando se recusou a estar presente, a RTP, às ordens não se sabe de quem, vibrou um golpe numa das conquistas do 25 de Abril: *a obrigatória* presença das organizações seriamente representativas dos trabalhadores nos órgãos de Informação controlados pelo Estado.

Aliás, com uma Constituição que aponta o papel essencial das classes trabalhadoras na evolução para uma sociedade sem classes, não poderia ser doutra forma.

AQUI FICA A SUGESTÃO

A RTP procedeu mal, ainda, quando programou para as 11 horas da noite (11 e 15 na prática) a transmissão de uma panorâmica das comemorações do 1.º de Maio. A transmissão acabou em cima da meia-noite. Convenhamos que, para uma emissão destinada aos trabalhadores, não se pode considerar uma hora ideal.

Suponho estarem em estudo os novos horários da programação. Ignoro que estudos serviram de base à sua fixação. No entanto, quer-me parecer que um elemento não deveria perder-se de vista — e seria a distância dos empregos nos centros de maior audiência e as dificuldades de transporte, obrigam cada vez mais os trabalhadores a levantarem-se cedo. A Televisão devia acabar cedo.

Nunca depois das 11 horas. A fixação de horários, na Televisão de um País como o nosso, hoje, define um critério, uma opção. Através dos horários, ficamos a saber *a quem* pretende a Televisão dirigir-se. Eis porque, para já, não pode deixar de se condenar a marcação do grande telejornal para as 21 horas. Isto significa que o fruir das emissões aponta para as cercanias da meia-noite...

A transmissão de ontem das reportagens do 1.º de Maio obviamente não se destinava aos trabalhadores. O mal pode ainda resolver-se transmitindo-se hoje, perto do telejornal, as reportagens mais significativas.

Veremos o que faz a RTP.

PITORESCO CONTRA A POLÍTICA

Posto isto, aponte-se o grande esforço da RTP no sentido de cobrir as manifestações à escala nacional. Certamente foi visível a preocupação de despolitizar essas manifestações.

Através de hábeis montagens, deu-se prioridade ao pitoresco, à presença humana, à alegria dos convívios através dos desportos, do canto livre, das manifestações festivas. *Esqueceram-se* por sistema, as intervenções políticas, de análise à situação do País. E algumas dessas intervenções, pelas críticas formuladas à actuação delinquente, perdão!, à actuação defeituosa do Governo, e também pela determinação manifestada de contribuir, com todas as forças e sacrifícios, para a recuperação económica na perspectiva dos trabalhadores — algumas dessas intervenções eram altamente educativas e mobilizadoras para o combate à crise.

Se procuramos bem, vamos encontrar na *proibição* da transmissão directa, o receio das críticas e dos ataques. Lástima! Primeiro porque quem não deve, não teme e depois porque os trabalhadores querem, não a passividade e o alheamento, mas a responsabilidade e a negociação.

Os trabalhadores não querem apenas a liberdade de manifestar o seu descontentamento: querem sobretudo a liberdade de contribuir para a eliminação das causas do seu descontentamento. Ou o Governo compreende isto — e a crise será ultrapassada; ou não compreende — e ficará sem alternativa patriótica para vencer a crise. E não será a História que o vai condenar amanhã: serão os portugueses que o condenarão já hoje.

UMA BELA EQUIPA!

Seja como for, e com todas as deficiências que um trabalho desta envergadura implica numa organização como a RTP que *vive exclusivamente do sacrifício e do engenho dos seus trabalhadores*, a verdade é que o saldo do dia de ontem, que as reportagens reflectem, se pode considerar impressionante.

Em todo o País, de norte a sul, com mais ou menos dificuldades, os trabalhadores conviveram, desfilaram, cantaram a sua luta e a sua esperança. Aqueles que se esforçam por criar barreiras artificiais entre o Norte e o Sul (!!!) devem ter ontem, diante da Televisão, roído as unhas de raiva. As unhas, quero dizer, as garras.

Afinal, quer se tratasse de Lisboa ou do Porto, de Beja ou de Viana do Castelo, de Évora ou de Vila Real, de S. João da Madeira ou da Marinha Grande — o que vimos nós? Vimos os trabalhadores fraternalmente unidos na defesa dos seus interesses, na defesa das sagradas conquistas do 25 de Abril — pois, como recordou Kalidás Barreto, o 25 de Abril e o 1.º de Maio estão indissoluvelmente ligados.

Percam de vez as esperanças os divisionistas ceguetas, defensores do dividir para reinar: os trabalhadores portugueses — como afinal os trabalhadores de todo o mundo — sabem que a unidade na acção, por motivos bem concretos é a condição de vitória.

Esta é a grande lição vivida

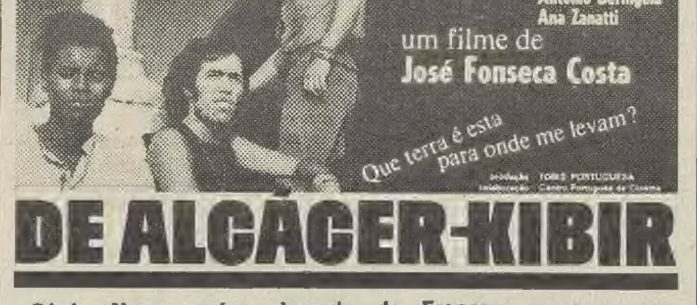
Continua na pág. 18

Todas as noites às 21.30
matinées: sábados e domingos às 16 h.
TEATRO LAURA ALVES
Tel. 86 47 56
Uma comédia de JOSÉ VILHENA
CALCINHAS AMARELAS
com: IRENE ISIDRO • BARROSO LOPES • MANUELA MARIA • LUÍS HORTA • CARLOS MIGUEL • TERESA ZILOC • MARIA JOÃO • PAULA LIMÃO
A mais divertida comédia portuguesa dos últimos 54 anos.

UNIVERSAL
Em EXIBIÇÃO de 2 a 5 de ABRIL inclusive
Às 15, 17, 21 e 23 horas
apresenta
CATHERINE DENEUVE
na engrenagem do vício!

A Bela de Dia
(Belle de Jour)
Uma obra admirável de
LUIS BUÑUEL
Grande Prémio do Festival de Veneza
JEAN SOREL · MICHEL PICCOLI · GENEVIÉVE PAGE
COLORIDO
Interd. a men. de 18 anos

Amor é também segurança!
Ao conduzir leve sempre o seu filho no banco de trás!
circular e viver.

EM EXIBIÇÃO
Às 15, 17, 19, 21 e 23 horas
distribuição animatógrafo
OS DEMÓNIOS


DE ALCÁCER-KIBIR
Cópia Nova recém chegada de França
Écran normal respeitando o enquadramento

UM FILME SÉRIO E FUNDAMENTAL!
tema: SOLTEIROS, CASADOS, FAMÍLIA E SOCIEDADE
SEXO NO CONFESSIONÁRIO
636 CONFISSÕES GRAVADAS
DEPOIMENTOS DE SEXÓLOGOS, PSICÓLOGOS E SOCIÓLOGOS
uma realização de VITTORIO DE SISTI
EM EXIBIÇÃO estúdio 444
EASTMANCOLOR NÃO ACONSELHÁVEL A MENORES DE 13 ANOS FILMES OCIDENTE

Hoje

Amadeu de Sousa Cardoso

I PROGRAMA

1.º Período

13.30 Ciclo Preparatório TV
18.05 Fecho

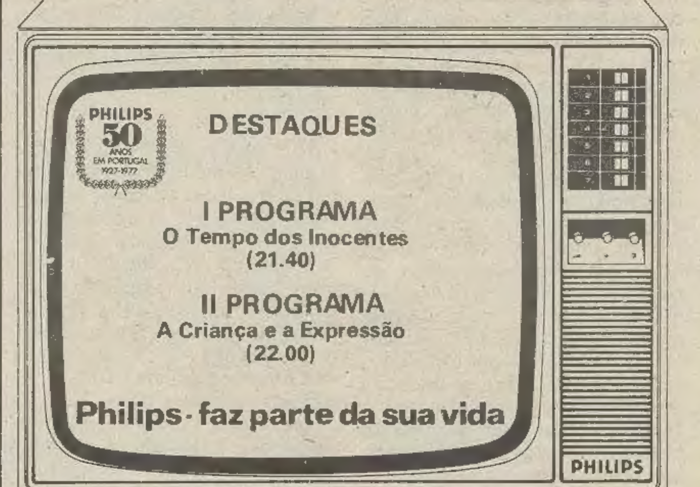
2.º Período

18.30 Abertura. **Bonecos** — Nodi e Diário das Fábulas
19.00 Abre-te Sésamo
19.28 Prevenção Rodoviária Portuguesa
19.30 Um Lugar para Ouvir Música — Quarteto de Luís de Freitas Branco
20.00 Teledesporto — O fim-de-semana desportivo, através do comentário e da imagem
20.30 Telejornal — 1.ª edição
21.05 Biografia — Amadeu de Sousa Cardoso
21.40 O tempo dos Inocentes — Autor: Siegfried Lens. Adaptador: Jacque de Decker. Produtor: RTB. Realizador: Michel Jakar.
A fim de fazer confessar um preso político, autor de um atentado contra o governador, o chefe da polícia fecha-o num quarto com 9 cidadãos inocentes, garantindo que os deixaria sair logo que o tivessem feito revelar os nomes dos cúmplices.

TUDOR
BATERIAS · PILHAS

II PROGRAMA

21.02 — **O Holandês Desaparecido.** «A Tempestade». 3.º e último episódio com Mathias Habich, Didi Perego, Francisco Carnelutti, Ana Maria Guarnicri, Rada Rassimove e Giuseppe Pambieri. Realizador: Alberto Negrin.
22.00 A Criança e a Expressão — Realização de José Elyseu.
22.30 Telejornal
23.05 Fecho



Amanhã

I PROGRAMA

1.º Período. 13.30: Ciclo Preparatório TV; **18.05:** Fecho. **2.º Período. 18.30:** Abertura e Vem ver como se faz o leite e os rebuçados; **18.55:** Peço a palavra; **19.28:** Prevenção Rodoviária Portuguesa; **19.30:** Em toda a parte aprendemos; **19.55:** Fiat T — Magazine Teatral; **20.30:** Telejornal — 1.ª edição; **21.05:** Colditz — 4.º episódio; **22.15:** Um programa da Direcção de Informação; **23.10:** Fecho

II PROGRAMA

21.00: Abertura e Cinco vezes Bona; **21.35:** Bailado: Duo por estrelas do Bolschoi; **22.50:** Telejornal; **23.20:** Fecho.

PARA REPARAÇÃO DO SEU TV
SOS - CLÍNICA DE TELEVISÃO
COM RADIO-TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
DESLOCAÇÃO E ORÇAMENTO GRÁTIS — SERVIÇO PERMANENTE
Telefs. 722786-834271
Avenida S. João de Deus, 13-B - Rua Macau, 8

HÓQUEI PATINADO EM HORA INÉDITA

Oeiras na final da "Taça das Taças"

Sporting e Oeiras ultrapassaram, vitoriosamente, os obstáculos europeus para o seu hóquei patinado. Mas, de modo bem diferente: entre sorrisos e abraços, festa e admiração, o Sporting na Suíça; no meio dos maiores enxovalhos, desde agressões a cuspidelas, o Oeiras em Itália, numa cidade chamada Novara onde não se aconselha qualquer turista destas bandas a colocar pé nos anos mais próximos.

Em Montreux, carregando de Lisboa uma vantagem mais que confortável (18-1) os «leões» limitaram-se a assinar o ponto: 11-3 desta feita, perante extremo desportivismo dos moços suíços e da escassa assistência (menos de seis centenas de pessoas) que foram a um hangar da aviação espreitar o desporto-espectáculo que tem Livramento e seus pares como notáveis artistas.

Os pupilos de Marcel Monney foram presa fácil dos comandados por Torcato Ferreira. Eis as formações e goleadores:

Montreaux: Conte, Gordonnier, Grenoud (1), De Siebenthal (1), Briol, Kochenikov (1), Maillardet e Piemontesi.

Sporting: Ramalhete, Rendeiro (3), Sobrinho, Chana (6), Livramento (2), Carlos Alberto, Jorge e Paiva.

Um perfeito ambiente de simpatia rodeou os «leões» que proporcionaram o esperado «show».

Em Novara, foi **o fim da macacada**. Marchando de Oeiras com pequenina dianteira (5-4), os portugueses tiveram de arrostar, não apenas com a dificuldade já esperada (em função do mérito do competidor) mas, sobretudo, com a indisciplina, arrogância e excessivo «patriotismo» de uma multidão irada, **em ponto de rebuçado**, espicaçada pelos sobressaltos do marcador.

No termo do tempo regulamentar, o Novara equilibrara a balança: 4-3, a colocar as coisas como no momento inicial da eliminatória. No prolongamento, nova igualdade: 1-1. Na marcação de grandes penalidades, outra vez o nulo: 3-3. Por fim, o árbitro suíço Armatti atirou a moeda ao ar: sorte para os portugueses, que se abraçam, em cacho. Mas, logo, protestos violentíssimos do público e dos jogadores transalpinos, porque a moedinha **batera na biqueira de um sapato do juiz**. Repetiu-se o acto: novamente a moeda a colocar o Oeiras na final da Taça das Taças. Então, foi o bom e o bonito, com o enviado da RDP (o relator José Barroso) a apanhar uma **tareia de criar bicho**, com os elementos do grupo de Oeiras a saírem do recinto no meio de uma chuva de latas de refrigerantes, de paus e de cuspidelas. Uma vergonha!

As turmas e marcadores:

Novara: Ramussi, Borrini (1), Fona Zafinetti (2), Batistella (3), Chibandis (2), Sachetti e Piemontesi.

Oeiras: Zé Manuel, Rosado I, Rosado II (3) Salema (1) Carvalho (1), Cristóvão (2), Ricardo e Carlos Alves.

Concretizadores de grandes penalidades: Chibandi, Borrini e Batistella (Novara); Cristóvão, Salema e Carvalho (Oeiras). Falharam: Zafinetti, Fona, Rosado I e Rosado II. De notar que o Oeiras esteve a ser largamente batido (0-3) recuperando mercê da entrada de Cristóvão, em hora certa chamado à liça pelo técnico José Lisboa.

Deste modo, a Associação Desportiva de Oeiras está na final da Taça das Taças enquanto ao Sporting resta o Voltegrá (de Barcelona) para se colocar na «derradeira» da Taça dos Campeões Europeus.

LISBOA DOMINA O ANDEBOL

O nacional andebolístico teve a 3.ª jornada: S. Bernardo, 17-Belenenses, 22 e Porto, 20-Sporting, 20. Imediatamente ressalta o belo comportamento das turmas lisboetas que, salvo qualquer incidência radical, devem discutir o título entre si. Linhas e marcadores:

Árbitros: Fernando Silva e Fernando Rodrigues, de Lisboa.

S. Bernardo: Chinca; Hélio (2) Éber (6), A. Carlos, David, Ulisses (3), Hélder (6), Combo, Branco, Matos, Vieira e Ricardo.

Belenenses: J. António; J. Manuel (4), Ferreira (1), Jorge (6). Espadinha (2), Montenegro (6), Hernâni (2), Sousa, Bernardino (1), Armando, Ricardo e Carrasco.

Árbitros: Joaquim Mateus e Manuel Abreu, de Lisboa.

F. C. Porto: Amorim, Orlando, Agostinho (3), Remelhe (4), Vítor, Mário, Monteiro (2), Areias (3), Leandro (1), Rocha (2), Pinho (5) e Lourenço.

Sporting: Mesquita; Branco Lopes (1), C. Correia (1), Franco (4), João Manuel (2), Banha, Fernando Jorge (1), Adão (1), Alfredo (1), Brito (8), Perrolas (1) e P. Miguel.

Infelizmente, nem tudo foram rosas: no termo do Porto-Sporting veririfcou-se um autêntico arraial de pancadaria, culminado com pedras atiradas contra o autocarro dos «leões», que ficou com vidros estilhaçados. Um tristíssimo sinal de inconformismo ou o espelho da deformação de Desporto em certos «apaixonados pelo seu emblema»?

Classificação neste campeonato de andebol: Sporting, 8 pontos; Belenenses, 7; S. Bernardo, 5; Porto, 4.

ENCONTROS — EM PORTUGAL, PELA PRIMEIRA VEZ, reuniram-se as principais indústrias têxteis do País para uma única apresentação dos confeccionadores e Armazenistas. Ontem, no LISBOA PENTA HOTEL. Tecidos maravilhosos da Têxtil Manuel Gonçalves, SARL (felicitações a Jan Willem Van Asch), sedas e confecções da Fábrica de Tecidos Lionesa, SARL, Terylene e algodões de Sampaio Ferreira e C.ª Lda., rendas Vivalsa e ainda mais nove ou dez representações. Hoje, no Casino Estoril, a International Fashion Council, Têxtil Manuel Gonçalves, SARL, Fábrica de Fiação e tecidos A Flor do Campo, promove e oferece passagem de modelos e jantar. ENCONTROS — para apresentação das novidades 78, e, para enriquecimento do País.

Em PORTIMÃO o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na CASA INGLESA

A BARRACA
R. Alexandre Herculano, 70
«BARRACA CONTA TIRADENTES»
M/13 anos
ENCENADOR: Augusto Boal
elenco: «A Barraca»
Dias úteis: 21H15
Folga: 2.ª feira
MATINEÉS:
SAB: 16H00
DOM: 18H00

INSCREVA-SE NO CONJUNTO
'TRABALHADOR'
MEDALHAS DE EXALTAÇÃO ÀS LUTAS, DIREITOS E FORÇA DOS TRABALHADORES
nada nem ninguém vergará os metalúrgicos

80 mm bronze
numeradas

anverso
preço ao público 300$
trabalhadores da especialidade.... 250$
reverso
TÊXTEIS
unidos e organizados venceremos
A LUTA CONTINUA
80 mm bronze
numeradas

anverso
reverso
pedidos ao
ATELIER BELO MARQUES
R. DA TRINDADE, 5-2º D
T: 371254 LISBOA
SEGUINDO-SE
OS CERÂMICOS
DA CONSTRUÇÃO
AGRÍCOLAS
DA INSTRUÇÃO
HOTELEIROS
envios sem encargos
AINDA OS GRÁFICOS, DOS ESPECTÁCULOS, DA SAÚDE, DO MAR, ELECTRICISTAS, ETC...

Benje: o desalento. Benfica: o trivial

Faltam 3 pontos ao Benfica

Dezoito golos rendeu a ronda: a melhor colheita (aninhada nas redes do Estoril) pertenceu ao Sporting que se encarregou (com o concludente e iniludível 5-0) de ofertar aos apaniguados um reavivar de certa confiança.

Por seu turno, o Porto ultrapassava o esquema táctico setubalense (3-1), enquanto o Benfica terminava em beleza a guerrilha nortenha (2-1 ao Leixões e Nené a continuar falhando marcação de grandes penalidades) e o Braga, em casa própria, deixava um ponto escoar-se para a bagagem do Varzim (0-0, no termo da esgrima). No Sul, o triunfo algarvio sobre o Guimarães (2-1) abre novas perspectivas ao Portimonense (de José Augusto) enquanto arrasta a turma de Fernando Caiado para inesperadas dificuldades, agora que o campeonato está a dar as últimas.

Meirim vingou-se de antigo patrão: o Beira-Mar ganhou ao Belenenses (1-0) e o êxito aveirense pecou por modesto em demasia. E, ao mesmo tempo que o Atlético naufraga na voragem da causa (0-1, no seu relvado, face ao sensacional Académico de Coimbra), o astuto Montijo vergou o Boavista (1-0) e criou alento para um cometimento que parecia desapercebido do olhar.

Foi uma jornada de transição para o arranque final: os quatro da frente parecem encontrados, com o Académico (de Juca) a tirar do caminho dois «onzes» de hábitos europeus (Boavista e Vitória de Setúbal). No fundo da pilha, hora muito difícil para o Atlético, com os gladiadores mais próximos a fugirem da má companhia.

PONTUAÇÃO

Tabela da pontuação dos clubes: Benfica, 43; F.C. Porto e Sporting, 37; Académico, 30; Boavista, Vitória de Setúbal e Varzim, 27; Braga, 26; Belenenses, 24; Guimarães e Estoril, 22; Leixões, Portimonense e Montijo, 20; Beira-Mar, 19, Atlético, 15.

FUTURO

. A próxima ronda (27.ª, apenas com outras três no programa) apresenta o seguinte cartaz: Varzim-Portimonense, Guimarães-Leixões, Benfica-Beira-Mar, Académico-Sporting, Boavista-Porto, Belenenses-Montijo, Setúbal-Atlético e Estoril-Braga.

A TAL "SELECÇÃO DE EUSÉBIO"

Enredo policial e riso amarelo

Um estranho imbróglio e um confuso desencontro, rodeiam a história (que terá de ser esclarecida) da viagem do Atlético a Paris onde, sob a capa de «Selecção», jogou com o Bastia, nada tenho recebido do prometido «cachet».

Sábado, após o embate dos alcantarenses com o Académico de Coimbra, houve Conferência de Imprensa, no departamento futebolístico da Tapadinha. Agostinho Gil e o médico da colectividade (dr. José Feio), com o testemunho de jogadores, fizeram o seu ponto da situação: o Atlético lesado, a tentar uma acção de indemnização, por perdas e danos, do empresário húngaro Polgar.

Durante uma larga hora, o dirigente Agostinho Gil apontou factos e confirmou pormenores que quase tinham ficado inéditos até ao momento. Assim, soube-se que, nos cartazes e prospectos distribuídos em França para a propaganda do jogo com o Bastia sempre figurava o nome «Selecção de Eusébio», omitindo-se a presença (real) do Atlético que se apresentava com o seu melhor «plantel» e, de força, apenas levava Eusébio (Las Vegas), Zezinho (Braga), Óscar e Eurico (Estoril). Este bloco de futebolistas actuou com uma camisola diferente da habitualmente usada pelo Atlético e o público ficou bastante admirado porque não via, no relvado, alguns dos nomes que lhe tinham sido garantidos na publicidade ao «match»: casos dos benfiquistas Artur, Barros e Toni, mais do setubalense Jacinto João. Inclusivé, parece que, aos micros do estádio, foi anunciada uma formação aos campos da Europa»...

O chefe da comitiva excursionista, Agostinho Gil, falou do «cachet» de 200 contos que não foi pago ao Atlético sob vários pretextos: o último e mais inconsequente residia na afirmação de que Mário Wilson era obrigado a alinhar durante a hora e meia, para um clube interessado na sua transferência o poder observar em plena acção.

Ora, manda a verdade que se diga que o jóvem futuro-benfiquista, com o mais próximo contrato firmado com o clube da Luz, não podia pensar em qualquer outra mudança de situação, nos tempos mais próximos. E jogou durante 70 minutos, embora lesionado na coxa esquerda, o que foi um esforço que implicou não estar em condições de defrontar depois o Académico de Coimbra onde era muito mais precisa a sua colaboração ao Atlético.

Ficou no ar, no decorrer da Conferência de Imprensa, um certo endossar de algumas dúvidas para sobre a posição assumida, em todo o caso, por um redactor do nosso camarada «Mundo Desportivo» que, a convite do empresário Polgar **(e com ele mantendo negócios)** viajou até Paris incluído na caravana. Só o próprio, porém, estará em condição precisa de comentar a sua posição nesta complicada história que tem muitos pontos escuros ou bastante quentes.

De certeza, isto: o Atlético pretende, para além dos 200 contos prometidos, mais uma boa máquia de indemnização. A Embaixada de Portugal está a tratar do assunto. A Federação e a Associação de Lisboa apoiaram os protestos alcantarenses: só a RTP, desprezando a luta dos homens de Alcantara, se alheou deliberadamente de uma simples citação no grande «écran», reservando o seu espaço-tempo para cobertura de outros temas mais da predilecção do seu departamento desportivo.

TOTOBOLA
BOLETIM COM 13

Portimonen. - Guimarães	1
Leixões - Benfica	2
Beira-Mar - Belenenses	1
Montijo - Boavista	1
Porto - Setúbal	1
Atlético - Académico	2
Sporting - Estoril	1
Braga - Varzim	X
Régua - Famalicão	1
Tirsense - Espinho	X
Peniche - Marinhense	X
U. Santarém - Portaleg.	2
Marítimo - Barreirense	1

PARA O MUNDIAL

Polónia ganha dianteira

A Polónia derrotou a Dinamarca, por 2-1, em jogo a contar para o seu grupo de qualificação para o campeonato mundial de futebol, no qual Portugal está integrado. Ao intervalo, a Polónia já vencia por 1-0.

Lubanski marcou para a Polónia aos 7 minutos, o dinamarquês Allan Simon igualou (aos 5 minutos da 2.ª parte) e o mesmo Lubanski, cinco minutos depois, marcava o 2.º golo para a Polónia.

Com esta vitória, a Polónia confirmou o seu favoritismo no grupo. Resta-lhe defrontar, em casa, a Dinamarca e Portugal, e deslocar-se a Chipre. Entretanto, Portugal ainda terá de se deslocar à Dinamarca.

É a seguinte a classificação actual no grupo: Polónia (3 jogos, 3 vitórias, 6 pontos); Dinamarca (4 jogos, 2 vitórias, 2 derrotas, 4 pontos); Portugal (3 jogos, 2 vitórias, 1 derrota, 4 pontos), Chipre (4 jogos, 4 derrotas, 0 pontos).

DESFECHOS

Entretanto, também em eliminatórias que contavam para o «mundial», dois resultados: Áustria, 9-Malta, 0 (grupo 3) e Hungria, 2-U.R.S.S., 1 (grupo 9).

HOLANDA

. O Ajax (Amesterdão) conquistou o título nacional de futebol, na Holanda.

PORTUGAL

ATLETISMO

O Sporting triunfou na Taça Olímpica, em Atletismo, colocando a sua representação júnior à frente das embaixadas do Benfica, F. C. Porto, Santa Clara, Liceu de Faro, Vitória, Belenenses e Estrela Azul. Na prova de 3000 metros, o «leão» João Campos cobriu a distância em 8m. 23s, tornando-se o 4.º atleta a qualificar-se para os campeonatos europeus da categoria. Por seu lado, a «portista» Elisa Santos, com um pulo de 5,88 m, bateu um recorde nortenho.

HÓQUEI EM CAMPO

O Futebol Benfica é, uma vez mais, campeão lisboeta de hóquei em campo. No último jogo da competição, bateu o Cascais (3-1). Comandados pelo técnico Henrique Silva, eis os campeões: Virgílio, Caio, Jaime, Saraiva, José Manuel, Alcino, Carlos Ramos, Tó Carreira, Tibúrcio, Jaime Francisco, Júlio Silva e Carlos Silva.

PARA ALÉM DAS "ESTRELAS"

Riopele: será desta?

Para além do grande jogo de cristas do torneio maior no areópago de futebol, toquemos no campeonato da 2.ª divisão: a zona Norte reflecte a «tendência Riopele», para o Centro há uma dupla que não esmorece (Feirense e Estrela de Portalegre) e, mais para o Sul, Marítimo tremeu, mas não foi apeado.

Resultados no Norte: Tirsense, 1-Espinho, 1; Vilanovense, 2-Penafiel, 3; Chaves, 2-Salgueiros, 1; Fafe, 0-Lourosa, 0; Régua, 3-Famalicão, 2; Paredes, 2-Paços de Ferreira, 2; União de Lamas, 2-Gil Vicente, 1 e Riopele, 3-Vila Real, 0. De notar, nova derrota salgueirista, a colocar o clube a um passo da descida automática, enquanto que o Riopele recebe tácito apoio de estranhos (Tirsense e Paredes) no refrear dos entusiasmos dos competidores mais directos.

Pontuação no bloco nortenho: Riopele, 40; Sporting de Espinho, 38; Paços de Ferreira, 37; Fafe, 33; Lamas, 32; Chaves, Gil Vicente e Famalicão, 28; Régua e Lourosa, 27; Vila Real e Paredes, 25; Penafiel e Salgueiros, 24; Tirsense, 17; Vilanovense, 13. Na próxima jornada, o calendário indica: Lamas-Lourosa, Gil Vicente-Régua, Famalicão-Vilanovense, Penafiel-Chaves, Salgueiros-Tirsense, Espinho-Paredes, Paços de Ferreira-Riopele e Vila Real-Fafe. De focar que está em atraso o jogo entre Riopele e Paredes.

PORTALEGRE ACESA

De braço dado, Feirense e Estrela de Portalegre levam dianteira ao Portalegrense, no que bate à porta da zona Centro, onde os «placards» registaram estes desfechos: União de Coimbra, 2-Alba, 1; Peniche, 0-Marinhense, 0; Feirense, 5-Torres Novas, 1; Estrela, 4-Torriense, 0; União de Leiria, 4-Caldas, 1; União de Tomar, 2-Sanjoanense, 0; União de Santarém, 2-Portalegrense, 3 e Covilhã, 1-Académico de Viseu, 1. A tabela ficou ordenada como segue: Feirense e Estrela de Portalegre, 39; Desportivo Portalegrense, 37; Sporting da Covilhã, 34; União de Coimbra e União de Santarém, 31; Sanjoanense e Marinhense, 29; Peniche, 27; União de Tomar e Académico de Viseu, 26; Caldas, Torriense e União de Leiria, 24; Torres Novas, 16; Alba, 12. Jogos imediatos: União de Tomar-Torres Novas, Sanjoanense-União de Coimbra, Alba-Peniche, Marinhense-União de Santarém, Desportivo Portalegrense-Estrela de Portalegre, Torriense-União de Leiria, Caldas-Covilhã e Académico de Viseu-Feirense. Para já, uma certeza: no domingo próximo, Portalegre será «o fim do Mundo»...

MARÍTIMO CONTINUA

A indecisão mora no Sul, onde três emblemas podem aspirar à subida. Mas, lembremos como ficaram as coisas, em termos de números, no tocante a jogos de sábado: Juventude, 2-Sesimbra, 1; Farense, 1-Esperança, 0; Cuf, 3-Alcochetense, 0; Marítimo, 2-Barreirense, 1; Almada, 1-Odivelas, 1; Sintrense, 0-Olhanense, 1; Oriental, 0-Montemor, 0 e Vasco da Gama, 2-Lusitano, 1. Classificação: Marítimo, 40 pontos; Cuf, 39; Vasco da Gama, 38; Juventude, 35; Barreirense, 34; Almada, 30; Odivelas e Olhanense, 28; Lusitano de Évora e Farense, 27; Sesimbra e Sintrense, 25; Alcochetense, 23; Esperança de Lagos e União de Montemor, 18; Oriental, 13. Ronda que se segue: Sintrense-Esperança de Lagos, Olhanense-Almada, Odivelas-Marítimo, Barreirense-Vasco da Gama, Lusitano-Juventude, Sesimbra-Cuf, Alcochetense-Oriental e União de Montemor-Farense.

CASOS

Vários factos emergem desta jornada do nacional secundário. Assim (e por exemplo) a zona Norte teve uma expulsão (Neves, do Vilanovense) e vários cartões amarelos: ao massagista do Espinho, mais aos jogadores João (Vilanovense), Faia (Salgueiros) e Brandão (Paços de Ferreira). No grupo de concorrentes do Centro, as coisas foram pior: expulsões a António Jorge (União de Coimbra) e Albano (Alba), cartões amarelos para Coelho e Gaspar (Caldas), Caetano (União de Tomar), Moreira (Sanjoanense) e Penteado (Académico de Viseu). No Sul, foram expulsos o delegado ao jogo por parte do Sesimbra e Orlando Ramim (treinador do Esperança de Lagos), além de dois jogadores: Miguel (Almada) e Rosa (Odivelas) enquanto o cartão amarelo era mostrado a Viola (Farense), Mira (Barreirense), Calisto e Ângelo (Marítimo), Dinis (Oriental) e a jogadores do Sesimbra a quem o árbitro lisboeta Graça Oliva, em fase de desnorte, repreendeu a torto e a direito. Casos de Pirata e Turíbio.

Ainda um pormenor: foi na recarga a um penaltie (aos 90 minutos) que Norberto conseguiu dar a vitória que permite ao Marítimo manter o comando.

Em matéria de despromoções, nomes assegurados para a queda: Tirsense, Vilanovense, Torres Novas, Alba, Esperança de Lagos, União de Montemor e Oriental.

TERCEIRA

Na 3.ª divisão, Aliados de Lordelo e Amora assinaram o termo de posse para a escala superior. Mas, veja-se como vai a pontuação nos blocos:

. A: Rio Ave, 43; Vianense, 40; Desportivo de Monção, 38; Bragança, 36; Aves, 35; Tadim, 32; Cabeceirense, 29; Mirandela e Joane, 28; Limianos e Maria da Fonte, 26; Mondinense, 24; Esposende, 20; Forjães, 15; Mogadourense e Bairro Latino, 12.

B: Aliados do Lordelo, 43; Paços de Brandão, 36; Infesta e Avintes, 35; Lamego, Oliveirense e Freamunde, 34; Leverense, 30; Arrifanense, 26; Viseu e Benfica e Valecambrense, 25; Cocujães, 23; Leça, 22; Vildemoinhos, 21; Penalva do Castelo, 15; Trancoso, 10.

C: Recreios de Águeda e Mangualde, 41; Marialvas e Oliveira do Bairro, 39; Naval 1.º de Maio, 38; Anadia, 31; Covilhã e Benfica, 28; Ançã e Guarda, 27; Tondela, 25; Febres, 23; Ala Arriba e Esperança, 22; Gouveia, 21; Os Vilanovenses, 15; Tabuense, 7.

D: Cartaxo, 42; Marrazes, 40; Ponte de Sôr, 37; Ginásio de Alcobaça, 36; Almeirim, 34; Batalha, 33; Alcanenense, 31; Matrena, 28; Campomaiorense, 27; Lousanense, 26; Bombarrelense, 25; Benfica e Castelo Branco, 22; Vieirense, 20; Pombal, 19; Alferrarede, 15; Nisa e Benfica, 10.

E: Cova da Piedade, 40; Sport Lisboa e Olivais, 38; Alverca, 36; Nacional da Madeira, 35; O Elvas e Bucelenses, 33; Desportivo dos Olivais, 32; Loures, Os Elvenses e Sacavenense, 27; Casa Pia e Estrela de Vendas Novas, 26; Benavente, 24; Vilafranquense, 22; Alhandra, 10; Trafaria, 8.

F: Amora, 48; Luso, 41; Aljustrelense e Santiago do Cacém, 35; Seixal, 34; Desportivo de Beja, 33; Paio Pires, 32; Silves, 29; Quarteirense, 24; Reguengos e Rosairense, 22; Costa da Caparica, 21; Torralta, 20; Lusitano de Vila Real, 19; Odemirense, 16; Moura, 12.

JUVENTUDE

Na Taça Nacional de Juvenis, as tabelas permanecem confusas, a uma ronda do final. Note-se o comando duplo (Braga e Prado), na 1.ª série; as vantagens do Guimarães (2.ª), Varzim (3.ª), Douro (4.ª), F. C. do Porto (5.ª), do par Valecamvrense e Candal (6.ª), Guarda (7.ª), Abrantes (8.ª), Torriense (9.ª), União de Santarém (10.ª), Campomaiorense (11.ª), Benfica (12.ª), de um trio na série 13 (Sintrense, Estoril e Fundação), Sporting (14.ª), Sporting de Cuba (15.ª) e Farense (16.ª).

A derrota do Sporting (1-2 perante a Cuf, no Lavradio) não afectou o comando da sua série, na Taça Nacional de Iniciados, que tem os líderes seguintes: Porto (série A), Braga e Moncorvo (B), Sanjoanense (C), Liceu de Castelo Branco (D), União de Coimbra (E), Sporting (F), Belenenses (G) e S. Luís (H).

Por seu turno, o nacional de juniores trouxe a surpresa maior: derrota (1-2) do Benfica, face ao Sporting de Braga, no «1.º de Maio». No outro jogo, primeiro triunfo do Sporting na competição: 2-0 ao F. C. do Porto. Assim, a escala de valores mostra este panorama: Braga e Benfica, 5 pontos; Porto, 4; Sporting, 2.

LEIXÕES, 1-BENFICA, 2

Nelinho na "aceleração"

Sérgio de Matos

Favorita desde o primeiro minuto, coube à equipa de Mortimore a iniciativa atacante, com jogadas envolventes que começavam atrás e passando por Shéu (o maestro da técnica) ou por Toni (o patrão da táctica), bifurcando o futebol benfiquista pelos flancos, onde apareciam Bastos Lopes (mais avançado que defesa), José Luís (sempre balanceado no ataque), ou os «incómodos» Chalana e Nelinho. Embora dominando territorialmente (e monopolizando a posse da bola), o Benfica nunca chegou a esmagar o Leixões, que optando pela expectativa se encolhia espasmodicamente no seu meio campo, dando réplica nos instantes curiais.

Efectivamente, o sector defensivo local conservava-se muito coeso, dirigido pelo indómito Guilherme, e como a turma da casa se aguentava no «miolo» do campo, (zona bem guarnecida pelo pequeno-gigante Varela e pelo talentoso Frasco, um miúdo com pés de craque), o despique dividia-se. Desapoiado ficava, todavia, ataque leixonense, onde Fernando e Folha (sozinhos) lutavam bravamente, mas em vão, contra a sólida defesa lisboeta, onde sobressaíam o estofo atlético de Eurico e a classe de Pietra. Assim «arrumados» no rectângulo verde, os contendores atingiram o termo dos 45 minutos iniciais com o homem do marcador posto em sossego pela inércia dos artilheiros.

No reinício da partida, logo se modificou a fisionomia do encontro que vinha decorrendo a meio gás. Entrando a jogar decidida e velozmente, o Benfica mostrou querer arrumar (depressa) a questão, conseguindo realizar os seus intentos. Aos 50 minutos, após uma excelente jogada de Nelinho, Pietra com um remate pronto levava o esférico a anichar-se pela primeira vez na baliza de Benje. Pouco depois (58), novo golo, desta vez de Nené, a cruzamento de Chalana, mas que levantaria enormes protestos nas hostes matosinhenses, que invocaram possível fora de jogo. Baseado, porém, na descrição do seu auxiliar que acompanhou o lance (e segundo o qual Guilherme estaria mais próximo da linha de cabeceira do que Nené), Francisco Lobo validou o tento.

Enfrentando uma desvantagem de dois golos, o Leixões (perdido por um perdido por mil), levantou o ânimo à altura da situação e arregaçou as mangas. Inverteram-se as posições, passando a supremacia atacante para o conjunto de João Mota. Fruto deste «forcing» desesperado, a equipa da casa obteria um golo (aos 68 minutos), num excelente golpe de cabeça de Folha. Poder-se-á mesmo afirmar que a eventual reviravolta só não aconteceu porque, com o aproximar dos momentos derradeiros, mais mandaram os nervos que a cabeça. O Leixões acabou a «bater o pé» ao Benfica, mesmo com Nené a falhar um penalti, no último minuto, que castigava uma mão (desnecessária) de José Manuel dentro da grande área.

LEIXÕES: Benje; José Manuel, Adriano, Guilherme e Licínio (Boia); Josefá, Sá e Varela; Fernando, Frasco (Zezé) e Folha.

BENFICA: Bento; Pietra, Alhinho, Eurico e Bastos Lopes; José Luís (Vítor Martins) Shéu (Artur) e Toni; Nelinho, Nené e Chalana.

Árbitro: Francisco Lobo

FC DO PORTO, 3-SETUBAL, 1

Seninho é nome de grua?

Abel Ferreira

Os sadinos desceram ao relvado das Antas com evidentes propósitos defensivos, o que se tornou mais gritante no decorrer dos primeiros 45 minutos. Fernando Vaz não dissimulou durante esse período uma táctica predominantemente defensiva no maltratado relvado portuense. Daí resultou que se tivesse jogado (invariavelmente) só para um lado, e os setubalenses como avançado posicional apenas Mirovaldo, e, de quando em vez, mais Jacinto João, ambos presa fácil para uma defensiva que nada tinha que fazer. Rebelo, Caíca e Jaime Graça, foram os «polícias» de Oliveira, Octávio e Duda, enquanto o quadro defensivo apenas se ocupava de Gomes e corria às iniciativas de ataque de Rodolfo que, sem marcação, poderia (nos primeiros dez minutos) ter feito dois golos.

Não havia clareza no jogo ofensivo dos «azuis-e-brancos» (na circunstância totalmente branca), e os centros (frequentes) à procura das cabeças de Gomes e de Duda, eram de uma maneira geral anulados. Pedroto fez entrar (então) Seninho, um jogador veloz, de características para «bloquear» a muralha sadina. Saiu Gabriel, Octávio recuou um pouco para a zona onde deambulava J.J., e Seninho acabaria por ter preponderante acção na manobra ofensiva do Porto e na construção do resultado. Às suas fintas, «raides» e deambulações em progressão se ficou a dever a oscilação na defesa «alvi-verde», com reflexos directos no primeiro golo, que Gomes marcou cinco minutos após a sua entrada (40 minutos).

Acontecida a cinco minutos do intervalo, fatalmente que a desvantagem do golo de Gomes despertaria o Vitória para outro tipo de toada. Nem outra coisa seria de esperar, até porque o «onze» setubalense, possuidor de bons praticantes, está muito mais à vontade liberto de rigorismos tácticos. Wagner ficou no balneário em troca por Lito e o certo é que já se viram os setubalenses a desbobinar lances de ataque. Não deixou, todavia, o F.C. do Porto de manter ascendente territorial, mas a sua pressão era muito menos contínua, até porque Oliveira se «acomodou» (acusava certa deficiência física) à marcação de Rebelo e não colaborava com a sua habitual técnica nos lances ofensivos.

Vitória mais confiante enquanto o Porto não marcava, espaço em que Lito se movimentou bem. Depois a defesa portista foi seriamente posta à prova pelos dianteiros (agora três) setubalenses. Entretanto, Simões lesiona-se e é rendido por Freitas, que se revelaria muito longe da capacidade do seu companheiro. No Vitória, dois minutos antes, João Cardoso rendera Jaime Graça. Jogava-se, praticamente, taco-a-taco, até que o Setúbal teve ocasião de empatar num remate de cabeça de Mirobaldo, bem servido por Lito, mas mal coberto por Freitas, que depois de passar Torres (também fora da baliza) levou o esférico ao poste. A defesa portista nessa altura, não acertava, mostrava-se mesmo intranquila, incluindo Torres. A seguir, contudo surgiu o segundo golo, em mais uma excelente jogada de Seninho (que Gomes concluiu), e ainda de cabeça, Duda, elevaria o resultado. Os setubalenses, um minuto depois (81) marcaram por Mirobaldo. Este período final salvou o jogo, emprestou-lhe a emoção que lhe havia faltado.

Árbitro: Castro e Sousa (Coimbra).

F. C. PORTO: Torres, Gabriel (Seninho), Teixeira, Simões (Freitas) e Murça; Rodolfo, Octávio e Celso; Oli-

VITÓRIA: José Martins; Lino, Carlos Cardoso, Narciso e Rebelo; Tomé, Caíca, Wagner (Lito) e Jaime Graça (João Cardoso); Mirobaldo e Jacinto João.

SPORTING, 5-ESTORIL, 0

Treino em tarde morna

João Ferreira

O 90.º minuto do Sporting-Estoril foi atingido precisamente quando Manuel Fernandes disparou o 5.º golo da turma leonina. Mal a bola beijou as malhas da baliza de Rui Paulino, o avançado do Sporting virou-se para a bancada de sócios (topo Norte) e invectivou-a. É que, durante cerca de meia hora, o n.º 9 de Alvalade fartou-se de ouvir assobios daquele sector, como se estivesse a jogar mal de propósito.

Não vamos acreditar que Manuel Fernandes ande em «greve» por causa do patrão o não ter deixado ir arrecadar uns dólares aos Estados Unidos. O que nos parece é que o jogador baixou de forma, o que aliás aconteceu a todo o conjunto. Assim, não aplaudimos: nem os assobios dos sócios, nem as palavras que (lá de muito longe) o ex-cufista lhes dirigiu. Como também não podemos deixar de censurar a atitude do massagista do Estoril que, ao ver o cartão amarelo que o árbitro lhe mostrou (por indicação do seu fiscal de linha) bateu pala ao juiz da partida, com todo o ar de gozo, vendo logo de seguida (muito bem) o rectângulozinho vermelho que o fez recolher às cabinas.

Bonito foi ver o massagista do Sporting, o prestigioso Manuel Marques, oferecer-se de imediato ao adversário. Foi um bom exemplo de sã convivência desportiva, numa altura em que a intolerância impera, em que não se admite a derrota nem as decisões dos árbitros, homens que estão ali para fazer o melhor possível mas que têm os seus falhanços como qualquer Keita deste mundo.

Bem. Começámos pelo 5.º golo, voltemos ao zero a zero.

O jogo (em si) não tem grande história para contar. Desde o primeiro minuto o Estoril mostrou bem qual era a sua intenção: reforçar o sector defensivo procurando adiar o golo, se possível, durante os 90 minutos, como o fizeram naquele mesmo relvado outros conjuntos de igual categoria (até o Atlético). Terá sido esse o erro do Estoril. O Sporting, para além de não possuir a pujança e a boa forma técnica dos primeiros tempos deste campeonato, perdeu a chama da luta pelo título (ou alguém ainda tem dúvidas de quem é já o campeão?) e, psicologicamente o «onze» não anda muito equilibrado. Daí que, depois de tantos desaires do Sporting, a turma da Costa do Sol, necessitada como anda de pontos, devesse ser mais atrevida do que foi. Isto permitiu ao Sporting um domínio territorial bastante acentuado e um matraquear constante junto da baliza de Rui Paulino. Aberto o activo (por Márinho, cerca dos 13 minutos) ficaram criadas as condições indispensáveis para os «leões» ganharem a partida. Por sorte, 10 minutos depois Vítor Gomes (num pontapé que mais parecia para centro) enfiou a bola pela 2.ª vez na baliza estorilista e, mais 5 minutos decorridos, Márinho elevou para 3-0. Estava resolvido o problema. O intervalo chegou sem mais nada digno de nota. Aliás, apesar do «score» o Sporting não jogou bem. A partida decorreu até num tom morno, por vezes maçador: mas o Estoril, com a mania de defender o que ainda não conquistara, tornara-se presa demasiado fácil para um «leão» que, mesmo trôpego das pernas, ainda tem nomes que não permitem brincadeiras.

No 2.º tempo, os visitantes rectificaram a sua posição no terreno e o jogo tornou-se mais interessante, pois havia um despique que raramente acontecera antes: porém o Sporting já estava lançado para a vitória e pode ainda fazer mais dois golos (por Keita, aos 9 minutos e outro oferecido pelo mali ao companheiro, no nítido propósito de mostrar à assistência que não tinha razão para assobiar Manuel Fernandes.

Sporting: Matos; Inácio, Laranjeira, José Mendes e Da Costa (Freire); Vítor Gomes, Valter (Barão e Baltasar; Márinho, Manuel Fernandes e Keita.

Estoril: Rui Paulino; Vieira, Zuledo, Amílcar e Carlos Pereira; Óscar, Torres (Clésio) Nelson e Manuel Fernandes; Eurico (Quim aos 76 min.) e Cepeda.

LÁ FORA

NATAÇÃO

Quatro triunfos individuais e um colectivo caracterizaram a presença de nadadores do F. C. Porto em Nottingham (Inglaterra). Vasco de Sousa foi a vedeta da embaixada: 1.ºs lugares nos 100 m bruços e 100 mariposa. Depois, ao lado de Vítor Mota, Rogério Silva e Paulo Torres Pinto ajudaram ao êxito nos 4x33.

ATLÉTICO, 0-ACADÉMICO, 1

Coimbra: em frente!

Talvez a última oportunidade do Atlético garantir poiso entre os donos do futebol português (Federação excluída...) escoou-se entre pés e mãos alcantaresens, a pôr de sol, no sábado. A triste ideia de ir até Paris nesta altura do campeonato, apresentar aí um jogador preso por arames (Wilson, pedra fundamental na Tapadinha) e, ainda por cima, andar de Herodes para Pilatos às espera dos «cobres», ajudaram (e muito) a um Académico, verdade grande do chuto local, saltar para 4.º lugar no campeonato à custa de êxito na Ajuda. Não restam (portanto) quaisquer dúvidas: Académico venceu o exame, mas o Atlético fez o que pôde para ajudar...

Um magro golo escreveu o «placard»: Costa marcou um «canto» da direita, Gregório atrofiou Azevedo, a defesa ficou incompleta e Joaquim Rocha, furibundo, atirou para a rede. Bem se esforcaram dois alcantarenses por tentar o pior: ainda mais confirmara o tento conimbricense, acontecido aos 51 minutos, já depois do Atlético ter esgotado o último fôlego e desesperado, dar o mote para uma toada dura, quase violenta, que o árbitro das botas amarelas não travava por inépcia, disciplicência ou recio.

O tento aconteceu já depois do Atlético ter perdido a chama e andar de língua de fora. Aliás, todo o golpe inicial foi a trote: a mais não era obrigado o rendilhado Académico, face a alcantarenses a pedirem praia e água fresca. Os alunos de Artur ganharam «cantos», chegraram a ter ao alcance o remate certeiro (Norton) mas também as visitas podem recordar uma bola na trave caseira (Rocha) depois de um trabalho primoroso de Rachão, o manda-chuva de Coimbra.

Pouco mais a dizer. Destaques para os 45 minutos do novo setubalense (Rachão) de Gervásio, Rocha e Franque, Apatia de quem não podia com a bola e apitadelas que não surgiram na altura em que as coisas resvalavam para a violência. No resto, Coimbra marcha em frente, enquanto Atlético cai verticalmente.

NEVES DE SOUSA

César Correia (com Odílio Raimundo e João Gralho) veio de Faro para dirigir os grupos.

Atlético: Azevedo; Coelho, Tó Zé, Franque e Costa; Nelo, Cardoso, Franquelim (José Maria) e Rui Silva (Avelar); Luís Filipe e Norton de Matos.

Académico: Hélder; Brasfemes, José Freixo, Alhinho e Martinho; Gervásio, Gregório, (M. Campos), Rachão (Rogério) e Costa; Camegim e Joaquim Rocha.

"Vuelta": Mendes em 8º

O belga Freddy Maertens ganhou a 5.ª etapa da «Volta à Espanha» em bicicleta, entre Benidorm e Valência (159 km) à frente do seu compatriota Dirk Ongenae. É a 4.ª vitória em etapa do campeão mundial que consolida assim a sua posição de «leader» da «Vuelta».

Depois desta tirada, a classificação ficou assim ordenada:

1.º Freddy Maertens (Bélgica) 14 h 2 m 37 s; 2.º Miguel Maria Lasa (Espanha) 14.02.54; 3.º Peter Thaler (Alemanha) 14.03.25; 4.º José Gonzale (Espanha), 14.03.38; 5.º Jos Pesarrodova (Espanha) 14.03.39; 6.º José Luís Viej (Espanha), 14.03.50; 7.º Agu tin Tamames (Espanh 14.03.53; 8.º Fernando Mend 14.04.09; 9.º Domingo Perur na (Espanha), 14.04.09; 1(Fedor Den Hertog (Holanda 14.04.44. Em 14.º lugar encontra-se Joaquim Agostinho com o tempo de 14.07.24.

MOTOS: SANGUE NO "GP DA ÁUSTRIA

As provas motociclistas no Circuito de Salzeburgo foram interrompidas pouco depois de iniciada a primeira corrida (350 cc) do «Grande Prémio da Áustria», após uma queda colectiva. O acidente, que causou um morto, (o suíço Hans Stadelmann) parece ter sido provocado pelo italiano Franco Uncini que, na 7.ª volta embateu contra a barreira de segurança, na curva que precede a parte rectilínea do circuito, onde se encontram os «stands». O choque projectou-o para a pista, onde vários corredores chocaram contra ele antes deles próprios caírem.

Não sobreviveu aos seus ferimentos o corredor motociclista suíço Hans Stadelman (36 anos) vítima de fractura do crânio.

Em 15 dias, a Suíça perde assim o seu segundo corredor. Com efeito, Franz Kunz, considerado a melhor esperança do desporto motociclista helvético, perdera a vida em Castellet, há duas semanas.

A sinalização errada (por parte do pessoal instalado à beira da pista) e a falta de disciplina dos outros concorrentes, que continuavam a prova sem afrouxar, demoraram a chegada das ambulâncias até à 15.ª volta, momento em que finalmente a competição conseguiu ser interrompida pelos organizadores.

A corrida dos 350 cc, que era a segunda dos campeonatos do Mundo, não terá classificação, dado que não tinham ainda sido percorridos dois terços da prova (35 voltas no total).

Por outro lado, o estado do francês Patrick Fernandez (outro dos feridos) é considerado pelos médicos como «muito grave». Sofre não só de múltiplas fracturas das costelas e vértebras, mas também de ferimentos internos. O venezuelano Johny Cecotto e o alemão ocidental Dieter Bruan, apesar da gravidade dos seus ferimentos, não estão em perigo de morte. Por último, o italiano Franco Uncini, que se encontra num outro hospital de Salzeburgo, não parece sofrer, segundo um primeiro diagnóstico, de ferimentos de grande gravidade.

PERÚ: IGUAL

Dois «pilotos» perderam ontem a vida, no decurso da 1.ª etapa, do «Grande Prémio Automobilístico 1.º de Maio», organizado pelo Automóvel Clube do Peru, em Lima, quando o carro que conduziam (um «BMW») se precipitou por uma ribanceira, caindo no mar. Os dois «volantes» (Javier Swayne Parra Del Riege e Carlos Akira Gushiken) morreram afogados.

Noutro acidente da etapa, um «VW» conduzido pelas únicas duas mulheres em prova, Sandra Cecchi e Florisa Pastorelli, capotou, mas não se registaram acidentes pessoais.

SERVIÇO DE ESTRANGEIROS FOI DESCUTIDO NO MAI

No Ministério da Administração Interna realizou-se anteontem a segunda e última reunião para análise e apreciação de um projecto de diploma que regulará, em novos moldes, a entrada, permanência e saída de estrangeiros do nosso País.

Participaram nesta sessão de trabalho, elementos do Serviço de Estrangeiros e representantes dos Ministérios dos Negócios Estrangeiros, Justiça, Finanças, e Comércio e Turismo.

Dois acidentes de viação fizeram seis mortos

SETÚBAL, 2 — Três pessoas perderam anteontem a vida na serra da Arrábida quando o automóvel em que seguiam saiu da estrada e caiu de uma altura de cerca de 50 metros junto à praia da Figueirinha.

Apercebendo-se pelo ruído do que se passava, alguns populares correram para o local, mas nada puderam fazer senão retirar dos destroços os cadáveres das vítimas.

Perderam a vida, além do condutor, Josêncio Silva, que se dirigia para Setúbal com um carregamento de remédios destinados ao hospital, os dois passageiros que o acompanhavam, Manuel Antunes e António Rodrigues.

OUTROS TRÊS MORTOS NA ESTRADA

FELGUEIRAS, 2 — Ao tentar ultrapassar um veículo que seguia à sua frente despistou-se no lugar da Estradinha um automóvel conduzido pelo industrial Joaquim Teixeira Moreira. No momento em que regressava à estrada o carro embateu de frente com um tractor que seguia em sentido contrário, tendo morrido, segundo se crê imediatamente, o condutor e dois dos cinco passageiros que o acompanhavam, Abílio Mourão Ribeiro e Alfredo Alves de Magalhães.

Dois outros passageiros, José Costa Lopes de Sousa e Manuel Braga Teixeira, foram transportados em estado grave para o Hospital de S. João, onde se encontram na sala de observações.

Canal da Crítica

Continuação da pág. 15

ontem.

Quem tiver olhos, veja. Quem tiver ouvidos, oiça.

Na certeza de que a dignidade está em investir com o nosso trabalho, e não investir com o dinheiro dos outros. A solução principal está nos trabalhadores portugueses e não nos onerosos empréstimos estrangeiros.

Jogamos em casa. Temos uma grande equipa para ganhar. Provou-se ontem.

Imolou-se pelo fogo

Um cidadão doente, reformado, de 50 anos de idade, imolou-se pelo fogo pegando lume à barraca em que vivia, no Pátio do Vapor, à Rua da Fábrica da Pólvora.

O acontecimento deu-se no sábado e foi dele protagonista Manuel Ribeiro Coutinho. Na véspera (isto passou-se no sábado) havia confraternizado, alegremente, com um vizinho. Pela manhã contactou de novo o mesmo vizinho e entregou-lhe quatro mil escudos e o livro de cheques. «É para me fazeres o funeral», disse.

O vizinho do Manuel Ribeiro não acreditou (de véspera, comendo e bebendo tranquilamente nada fazia prever um desenlace trágico...), mas passado pouco tempo a barraca ardia em chamas sendo rapidamente devorada, tudo indicando que fora previamente regada com gasolina. Todos os esforços para apagar o fogo foram baldados e apenas pode ser retirado o corpo completamente carbonizado do cidadão Manuel Ribeiro Coutinho que decidira imolar-se, cansado da vida e dos sofrimentos diários.

Taxista de Viana assassinado na serra da Agra

VIANA DO CASTELO, 2 — A GNR do posto de Lanhares procede a investigações que a levem à descoberta do autor do crime de morte que vitimou o taxista desta cidade José Gomes Caldas, de 62 anos, assassinado com seis facadas no tórax num local bastante ermo de S. Lourenço da Montaria, na serra da Agra.

A vítima transportou na passada quarta-feira no seu carro um jovem desconhecido. Como não mais fosse visto no local onde fazia praça, os colegas alertaram as autoridades. Foi uma mulher que apascentava gado que encontrou o corpo num valado, em frente do automóvel. Apresentava, como dissemos, seis facadas, uma das quais lhe perfurou o tórax de um lado ao outro.

NO MERCADO COMUM DO RISO
A MAIS BARATA DAS GARGALHADAS
A PARÓDIA
UMA REVISTA DE PAPO CHEIO
ÁDÓQUE teatro
NO MARTIM MONIZ - TEL 87 44 76
TODAS AS NOITES
DUAS SESSÕES: 20.30 e 22.30
FOLGA ÀS QUARTAS-FEIRAS
Um grande manguito nas tristezas
«MATINÉES» AOS DOMINGOS, ÀS 16 HORAS
Não aconselhável a menores 18 anos

arlequim

APRESENTA NO HOTEL MUNDIAL, À RUA D. DUARTE, 4, LISBOA, A SUA COLECÇÃO OUTONO/INVERNO, DE 2 A 10 MAIO, DAS 9.30 ÀS 24 HORAS.

tempo

Situação do tempo 09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava geralmente nublado e vento fraco.

TEMPERATURAS EXTREMAS

TAVIRA	Máxima	22,3°
PENHAS DA SAÚDE	Mínima	0,4°

PREVISÃO GERAL ATE ÀS 24 H. DE AMANHÃ

A norte do sistema montanhoso: Períodos de céu muito nublado; possibilidades de aguaceiros. A sul do referido sistema montanhoso céu geralmente pouco nublado e vento fraco ou moderado de Noroeste.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H

PORTO	10°
P. DOURADAS	0°
COIMBRA	10°
PORTALEGRE	7°
LISBOA	12°
SAGRES	12°
FARO	14°
P. DELGADA	13°
FUNCHAL	16°

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
1.51	4,1 m	7.36	0,8 m
14.16	4.2 m	19.57	0.7 m
DIA 3			
2.38	4.2 m	8.20	0.7 m
15.02	4.3 m	20.42	0.6 m
DIA 4			
3.25	4.3 m	9.04	0.6 m
15.47	4.4 m	21.27	0,6 m

AMANHÃ

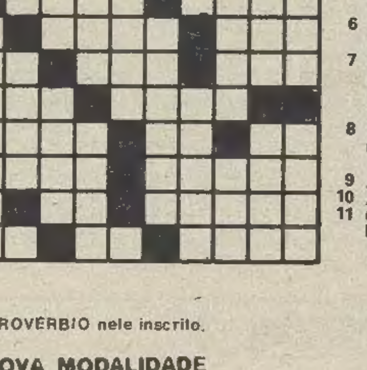
NASCER ÀS 6.37
OCASO ÀS 20.30

Dia 3 Dia 10 Dia 18 Dia 26

palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO

PROBLEMA N.º 11 731



HORIZONTAIS:

1 Padrão. Rosto.
2 Amourei. Bolo de farinha de arroz e azeite de coco usado na Ásia.
3 Assassinam. Fileiras.
4 Formam as abas a. Oferecerá.
5 Brisa. Rezes. Raer.
6 Faz doação de. Camareira. Pega.
7 Doença que dificulta a respiração. Espécie de mangueira do Gabão (pl).
8 Gorgulho tropical. Distar. Oferece.
9 Tempo forte, entre os Latinos. Pessoas estúpidas.
10 Nota musical. Campeão. Olvide.
11 Preposição e artigo (pl). Alternativa. Campeões.

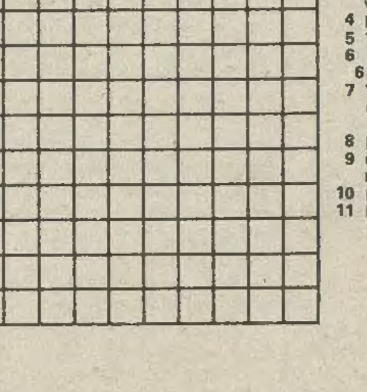
VERTICAIS:

1 Bofetada. Governanta.
2 Magnete natural. Enfiada.
3 Comentário. Patrões.
4 Demónio. Cantiga.
5 Equipara. Cada uma das partes duras e calcificadas que formam o esqueleto dos animais.
6 Tempo do verbo ser. Centro.
7 Cento e um em romano. Diz-se do cavalo cujo pelame é branco, vermelho e preto.
8 Preposição latina que designa movimento. Em má hora. (ant).
9 Amofinaras. Duas vezes.
10 Afies. Merecimento.
11 Guarnecera de asas. Membros de aves.

Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 7791



HORIZONTAIS:

1 Rede de arrastar. Invólucro.
2 Suspiros. Braço de mar.
3 Gastes. Apelido.
4 Deus dos pastores. Sobra. Reis.
5 Baús. Restos mortais.
6 Vais para fora. Macaco americano.
7 Abreviatura da palavra inglesa mister (senhor). Fruto da ateira. Cobalto (s.q).
8 Confrontara.
9 Afio. Desfalque (fig).
10 Aqui. Plantio de amieiros. Prefixo de negação.
11 Anel. Sapo do Amazonas. Costume.

VERTICAIS:

1 Alisas. Nome de fruto.
2 Astuto (inv). Oceano.
3 Figura que simboliza o povo americano. Anfiteatro.
4 Remaras para trás. Fileira.
5 Tostes. Odor.
6 Preposição. Caminhar.
6 Preposição. Caminhar.
7 Vila e concelho do distrito de Portalegre. Cidade da Suíça.
8 Elegante. Lista.
9 O mesmo que bonzo. Esmurram.
10 Rasgado. Duas vezes.
11 Misturo. Divisão.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 11 730

HORIZONTAIS:

1 Que. Irene.
2 Maria. El.
3 Am. Sia. Sara.
4 Nau. PÃO.
5 Ca. Casas.
6 Obá. Casar.
7 Coito. In.
8 Pecasse. Pag.
9 Avise. Laico.
10 Remo. MOLE.
11 Ossa. Amue.

VERTICAIS:

1 Quando. Paro.
2 Ma. BREVE.
3 Em. Uçá. Cimo.
4 As. Casos.
5 Iris. Cose.
6 Ria. Cais. Má.
7 Ea. Castelo.
8 São. Ala.
9 Apar. Piem.
10 Eras. Cai.
11 Alão. ENGOLE:

PROVÉRBIO: PÃO MOLE BREVE SE ENGOLE.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7790

HORIZONTAIS

1 Abis. Pará.
2 Raivara.
3 Be. Ta. Pá. Br.
4 Armes. Airão.
5 Irós. Sura.
6 Aal. Sol. Más.
7 Raba. Anão.
8 Rem. Tas.
9 An. Colar. Op.
10 Sabor Orara.
11 Anosas. Amar.

VERTICAIS:

1 Abaia. Casa.
2 Errar. Nan.
3 Br. Molar. Bo.
4 Iates. Becos.
5 Sias. Samora.
6 Vº.
7 Papa. Latão.
8 Arais. Narra.
9 Ra. Rumas. Am.
10 Barão. Ora.
11 Croas. Apar.

farmácias de serviço

LISBOA

AFRICANA — R. Bernardino Costa, 45 (tel. 369120)
ARNALI — Rua Escolas Gerais, 88-A (tel. 863940)
ASCENSO — Praça do Norte, 11-A (B.º ncarnação) (Telefs. 311216-310172)
AVENIDAS — Av. República, 27-A (tel.533688)
AZEVEDO FILHOS — Pr. D. Pedro IV, 31 (Rossio) (Tel. 327478)
CARRASCO — Rua Presidente Arriaga, 39 (Tel. 667460)
CELTA — Rua Moura Girão, 3-B (tel. 890621)
CENTRAL DO LUMIAR — Rua do Lumiar, 77 (Tel. 790480)
CUNHA — Rua Escola Politécnica, 16 (Tel. 325455)
DIMAR — Rua Conde Monsaraz, 17-B (Tel. 842533)
G. SILVA — Rua Francisco Tomás da Costa, 3-C (Tel. 771873)
GAMA — Calçada da Estrela, 130 (Tel. 660339)
J. RIBEIRO — Estr. da Luz, 199-A (Tel. 780969)
JOÃO XXI — Av. João XXI, 16-A (Tel. 726462)
MARLUZ — Calç. da Picheleira, 140-B (Telefs. 720703-728395)
MENDES GOMES — C.ª da Ajuda, 222 (Tel. 638256)
NOBEL — Rua Actor Vale, 53 (Tel. 842152)
OLIVEIRA — Rua de Campolide, 54-A (Tel. 684424)
OLIVEIRA VIEGAS — R. Viriato, 29-A (Tel. 548966)
ORIENTAL DE LISBOA — Rua Alves Torgo, 2-B (Tel. 663349)
PORFÍRIO — Rua Francisco Metrass, 59-B (Tel. 663349)
RAINHA SANTA — R. Afonso Lopes Vieira, 57-B (Tel. 765262)
S.A. E SILVA, Fos. — Rua S. João da Mata, 72-74 (Tel. 661010)
SALTER — Rua de Xabregas, 63-65 (Tel. 381185)
SANEX — Av. da Igreja, 31-C (Tel. 897505)
SIMÃO — R. Cidade de Cabinda, 16-A (Tel. 310581)
TAPADA — Calç. da Tapada, 83-A (Tel. 634721)
UNIÃO — Estr. de Benfica, 592-594 (Tel. 700092)

PERMANENTE

ARNALI — Rua Escolas Gerais, 88-A (Tel. 369120)
CENTRAL DO LUMIAR — Rua do Lumiar, 77 (Tel. 790480)
MARLUZ — C.ª da Picheleira, 140-B-C (Telefs. 720703-728395)
MENDES GOMES — Calç.ª Ajuda, 222 (Tel. 638256
SALTER — Rua de Xabregas, 63-65 (Tel. 381185)
OLIVEIRA VIEGAS — R. Vitória, 29-A (Tel. 548966)
PORFÍRIO — Rua Francisco Metrass, 59-B (Tel. 663349)
UNIÃO — Estrada de Benfica, 592-594 (Tel. 700092)
SANEX — Av. da Igreja, 31-C (Tel. 872060)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Miraflores, R. António Granjo, 2 (Tel. 2113161)
ALCABIDECHE
Carvalho, Até às 21 horas
PORTO SALVO
Ferreira Bastos, Até às 21 horas
CARCAVELOS
Central, Até às 24 e das 0 às 9 horas
S. DOMINGOS DE RANA
Godinho da Silveira, Av. Sabóia, 29-B (Tel. 260085) Até às 21 horas.
PAÇO DE ARCOS
Pargana, Av. Eng.º Bonneville Franco (Tel. 2435147) Até às 22 horas
OEIRAS
Oeiras, L. Henrique Paiva Couceiro (Tel. 2430485) Até às 24 e das 0 às 9 horas
NOVA OEIRAS
Leal, Até às 21 horas
PAREDE
Brandão, Av. da República, 77-C (Tel. 2471054). Até às 24 e das 0 às 9 horas
PAREDE
Junqueiro, Mendes Até às 21 horas
S. JOÃO DO ESTORIL
S. João, Quinta da Carreira, 29-A (Tel. 261186) Até às 24 e das 0 às 9 horas
AMOREIRA
Amoreira, (Tel. 262313/267314). Até às 22 horas
CASCAIS
Misericórdia, R. Regimento 19, 41 (Tel. 280141). Até às 21 horas; Cascais, R. Conde de Monte Real-B.º Caixas (tel. 282407). Até às 24 e das 0 às 9 horas.

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Cavaca, R. Elias Garcia, 209 (Tel. 930019) Serviço permanente; Flama, R. Elias Garcia, 78-B (Tel. 932485) Até às 22 horas; Confiança, Av. D. Nuno Álvares Pereira, 15-A (Tel. 938149) Até às 22 horas
DAMAIA
Lemos, R. de Goa, 21-A (Tel. 971121)
MERCÊS
Claro Russo
QUELUZ
Gil, Av. Miguel Bombarda, 28 (Tel. 950117)
CACÉM
Central, R. Elias Garcia, 55 (Tel. 2940034)
MEM MARTINS
Quimia, Est. de Mem Martins, 285 (Tel. 2910012)
RIO DE MOURO
Riomouro, Av. Óscar Monteiro Torres, 8 (Tel. 2960194)
SINTRA
Marrazes Vila (Tel. 2930155)
COLARES
Abreja, (Tel. 299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Nunes, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (Tel. 234137)
ALHOS VEDROS
Gusmão, R. Cândido dos Reis, 30 (Tel. 204020)
BAIXA DA BANHEIRA
Nova Fátima, Est. Nacional, 244-A (Tel. 2040141)
BARREIRO
Central, Av. Alfredo da Silva, 48 (Tel. 2073007)
ALMADA
Central, R. de Olivença, 11-B (Tel. 2750504)
COVA DA PIEDADE
Cerqueira Afonso, P. 5 de Outubro, 18 (Tel. 2750254)
MOITA
União Moitense, Av. Dr. Teófilo Braga (Tel. 239025)
MONTIJO
Diogo, R. Almirante Reis, 50 (Tel. 2310032)
SESIMBRA
Leão, Av. da Liberdade, 13 (Tel. 2233471)
SETÚBAL
Bocageana, R. do Romeu (Tel. 23425); Bairros, N.º Santos Nicolau (Tel. 23330)
SEIXAL
Soromenho, R. Paiva Coelho, 38 (Tel. 2218560)

PORTO

MARTINS SUCR — Praça Marquês de Pombal, 122 (Tel. 480747)
POMBEIRO — Campo Mártires da Pátria, 152 (Tel. 311295)
PRELADA — Rua Central de Francos, 316 (Tel. 64312)
S. ROQUE DA LAMEIRA — Rua S. Roque da Lameira, 1111 (Tel. 51739)
SÁ DA BANDEIRA — Rua Sá da Bandeira, 236 (Tel. 22164)
FERREIRA DA SILVA — Rua Mártires da Liberdade, 150 (Tel. 24023)
S. LÁZARO — Av. Rodrigues de Freitas, 297 (Tel. 27043)
MELO TAVEIRA — Rua Alcaide Faria, 77

DE DIA E TODA A NOITE

AMEAL — Rua do Ameal, 1227 (Tel. 483550)
CAMPO ALEGRE — Rua do Campo Alegre, 723 (Tel. 62245)
PENINSULAR — Rua Chã, 100 (Tel. 20707)

COIMBRA

SILVA SOARES — Rua Mouzinho de Alburquerque, 26 (Tel. 71454)
SITÁLIA — Largo da Sé Velha, 13 (Tel. 23234)

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

BARRACA
R. Alexandre Herculano, 70
21.15 (13 anos)
«Barraca Contra Tiradentes»

COMUNA
21.30 (13 anos)
«Gioconda perdeu o Sorriso»

TEATRO DO BAIRRO ALTO
21.30 (18 anos)
Matinée Mágica»

TRINDADE
20.30 e 22.45 (18 anos)
Grupo de Campolide «1383»

VARIEDADES
21.30 (13 anos)
«Isto é que me Dói»

LAURA ALVES
21.30 (18 anos)
«Calcinhas Amarelas»

ÁDÓQUE
20.30 e 22.30 (18 anos)
«A Paródia»

ABC
20.30 e 22.45 (18 anos)
«Em Águas de Bacalhau»

LISBOA/Cinemas

EUROPA
21.15 (18 anos)
«O Importante é Amar»

LUMIAR
21.15 (13 anos)
«O Homem que Queria Ser Rei»

CINEARTE
21.00 (18 anos)
«Grizzy — O Monstro da Floresta»

PARIS
21.15 (18 anos)
«1900» — 2.ª parte

CAPITÓLIO
21.15 (18 anos)
«A Vida Sexual de Romeu e Julieta»

RESTELO
21.15 (13 anos)
«Lutador da Rua»

OLÍMPIA
Ses. permanentes (18 anos)
«Até os Bichinhos Gostam»

SATÉLITE
21.15 (13 anos)
«O Casal»

CINEBOLSO
21.30 (18 anos)
«Os Grandes Calores»

PROMOTORA
21.15 (18 anos)
«A Cólera do Vento»

CINE AUDITÓRIO
21.15 (13 anos)
«Horizontes Desconhecidos»

VOX
21.15 (18 anos)
«Que Ricas Tias»

MONUMENTAL
21.15 (13 anos)
«Xica da Silva»

CALEIDOSCÓPIO
21.15 (13 anos)
«Desgraças de um Citadino»

LINHA DE CASCAIS

ESTORIL
Casino
17.00 e 21.15 (6 anos)
«A História de Cinderela»

CASCAIS
Oxford
16.00, 21.15 (18 anos)
«Sonhos Húmidos»

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Lido
21.15 (18 anos)
«Survive»

AMADORA
Cinestúdio
21.30 (13 anos)
«Uma Mulher fiel»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível
21.15 (18 anos)
«Fogo Real»

ALMADA
Academia
21.15 (6 anos)
«Hei na Montanha»

PORTO/Teatros

ANTÓNIO PEDRO
21.30 (13 anos)
«Os Preços»

PORTO/Cinemas

BATALHA
21.15 (13 anos)
«Gator — O Implacável»

VALE FORMOSO
21.15 (18 anos)
«A Escada de Caracol»

OLÍMPIA
21.15 (18 anos)
«Bel-Ami»

OLÍMPIA
21.15 (13 anos)
«Deus no Céu»

ESTÚDIO
21.15 (13 anos)
«A Intentona»

ESTÚDIO 400
21.15 (13 anos)
«Operação Selvagem»

RIVOLI
21.15 (18 anos)
«O Intruso»

COLISEU
21.15 (13 anos)
«Sofrimento de amor»

CARLOS ALBERTO
21.15 (13 anos)
«A Marquesa D'Ó»

ÁGUIA DE OURO
21.15 (13 anos)
«O Tubarão»

S. JOÃO
21.00 (18 anos)
«Os Barões da Medicina»

ESTÚDIO FOCO
21.15 (13 anos)
«Os Homens do Presidente»

JULIO DINIS
21.15 (18 anos)
«Para que Servem os Amigos»

SALA BEBÉ
21.15 (18 anos)
«Os Rapazes do Grupo»

PASSOS MANUEL
21.30 (13 anos)
«Sexo no Confissionário»

SÁ DA BANDEIRA
21.30 (18 anos)
«Coxas Quentes»

cinemas • cinemas • cinemas

ALVALADE
Tel. 897480
15.30, 18.30, 21.15
Não acons. a men. 18 anos
O TRONO DE FOGO
Uma nova dimensão nos horizontes do macabro!
com Christopher Lee, Dennis Price, Maria Schell

APOLO 70
Tel. 763319 14.15, 17.45 e 21.15
N. Acons. men. 13 anos
BARRY LYNDON
10.ª Semana
um filme de Stanley Kubrick
Às 0.30h - Grupo D. m. 18 anos
SEREI DO MISSISSIPI

AVIS
Tel. 47163 15.30, 18.30 e 21.15
Para todos (M/6 anos)
MAS QUE TROPA!
Franco Franchi, Ciccio Ingrassia
2.ª semana

BERNA
Tel. 776098 15.00, 18.00 e 21.15
Um espectáculo de rara distinção!
A HISTÓRIA DE CINDERELA
6.ª Semana
com Richard Chamberlain, Gemma Craven
Para todos
Atenção: O filme começa à hora do espectáculo

CALEIDOSCÓPIO
Te 795093
14, 16.30, 19 21.15
Jack Lemmon/ Anne Bancroft
DESGRAÇAS DE UM CITADINO
um filme de Melvin Frank
Não acons. a men. de 13 anos

D. JOÃO V DAMAIA
Tel. 971794 Às 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
SE TE ENCONTRO MATO-TE

CASTIL
Tel. 630194 Às 15, 17, 19, 21.15h
Não acons. men 13 anos
FOXTROT
Charlotte Rampling, Peter O'Toole, Max Von Sydow
um filme de Artur Ripstein

CONDES
Tel. 322523
14.00, 16.30, 19.00, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
Kalur Bedi é
O CORSÁRIO NEGRO
5.ª semana

EDEN
Tel. 320768 14, 16.30, 19.00 e 21.15
Roy Scheider, Robert Shaw, Richard Dreyfuss
TUBARÃO
(JAWS)
6.ª Semana
Um filme de Steven Spielberg
Não acons. a men. de 13 anos
Atenção: O filme começa à hora do espectáculo

ESTÚDIO
Tel. 535134 15.30, 18.30, 21.15
O arranque do novo cinema brasileiro
O CASAMENTO
c/ Adriana Prieto, Paulo Porto

ESTÚDIO 444
Tel. 7790951 4.30, 16.45, 19.00 e 21.15
Não acons. m/13 anos
SEXO NO CONFESSIONÁRIO
Às 24 h ante-estreia (Int. a m. 18 a.)
CASAIS CLANDESTINOS

IMPÉRIO
Tel. 555134/5 15.15, 18.30 21.30
Não acons. m/ 13 anos
Gene Hackman/ Condice Bergen
DESAFIO À CORAGEM
em 2.ª semana
um filme de Richard Brooks

LONDRES
Tel. 801313 14.15, 16.30, 19 e 21.15
Não acons. a men. de 18 anos
O INTRUSO
c/ Laura Antonelli
7.ª semana
um filme de Luchino Visconti

MUNDIAL
Tel. 538743 15.15, 18.15, 21.30
3.ª semana
TAXI DRIVER
Palma de ouro - Grande Prémio Festival de Cannes

NIMAS
Tel. 574362 14.15, 16.30 18.45 e 21.15
Não acons. men. 13 anos
Um documento único, real e importante
HOMENS E TUBARÕES
o filme de Bruno Vailati

ODEON
Tel. 326283 15.15, 18.15 e 21.15
Não acons. men. 18 anos
A MÃO IMPIEDOSA DA LEI
c/Philippe Leroy
Acção-romance e suspense (colorido)

PATHE
Tel.821933 14.15, 16.30, 18.45, 21.15
Int. men. 18 anos
OS PRAZERES DISCRETOS DA ALTA RODA
este filme cont. cenas event. chocantes

POLITEAMA
Tel. 326305 14.15, 16.30, 19 e 21.30
Int. men. 18 anos
O MAIS QUENTE ESPECTÁCULO DO MUNDO!
em 2.ª Semana
O único circo sexy do Mundo

RESTELO
Tel. 610375 Às 21.15
Nao acons. men. 13 anos
LUTADOR DA RUA
c/ Charles Bronson, James Coburn

ROMA
Tel. 727778 15.30, 18.30 e 21.15h
Não acons. m/ 13 anos
FOXTROT
Peter O'Toole, Charlotte Rampling Max Von Sydow

ROXY
Tel. 48560 14.15, 17.45, 21.15
Da India uma bela história de amor e aventura!
PASSADO INESQUECÍVEL
Um filme de Nasir Hosain
6.ª Semana
Não acons. a men. de 13 anos

S. JORGE
Tel. 554153/4 15.15, 18.15 e 21.15
Marlon Brando/ Jack Nicholson
DUELO NO MISSOURI
Um filme importante de Arthur Penn
Não acons. a men. de 18 anos

STADIUM (Algés)
Tel. 2112544 Às 18 e 21.30
Int. men. 18 anos
A GRANDE FARRA

TIVOLI
Tel. 570595 15.15, 18.30 e 21.15
Michel Piccoli, Gerard Depardieu Jane Birkin em
«OS BARÕES DA MEDICINA»
um Filme de Jacques Rouffio
Não acons. a Menores de 18 anos

UNIVERSAL
Tel. 774402 15, 17, 21 e 23
A BELA DO DIA
Um filme de Luís Bunuel

rádio

1.º Programa

16.00: Noticiário «Musivária»; **17.00**: Música Popular; **17.30**: Orquestras; **18.00**: «Música portuguesa»; **19.00**: Música variada; **20.00**: «Jornal da Noite»; **20.30**: Instrumentistas; **21.00**: 3.º episódio do folhetim «Os Emigrados» de Judite Navarro; **21.14**: «Contraponto»; **00.00**: «Último jornal»; **00.30**: Canções da Europa; **01.00**: «Música na noite.

2.º Programa

16.00: Intercâmbio musical — Festival de Berlim de 1976; **16.30**: Música de bailado: Fragmentos do bailado «Cinderela», de Prokofiev; **17.20**: Quintento, em fá menor, op. 34, de Brahms; **18.00**: As sinfonias de Beethoven: Sinfonia n.º 9, em ré menor, op. 125; **19.15**: Música electroacústica: «Bidule em Ut», de Pierre Schaffer; Impulsos electrónicos, de Boris Blacher; Seis estudos, de Herbert Eimert; **19.40**: Canções de Schubert; **20.00**: Ciclo Mozart: Música fúnebre maçónica, K 477; Sonata, em ré maior K. 311; Serenata, em só menor K. 388; **21.00**: «O Canto e os seus intérpretes», por Maria Helena de Freitas; **22.00**: Música sinfónica: Dvorak: Sinfonia n.º 9, em mi menor, op. 95 «Novo Mundo»; Rapsódia eslava n.º 3 em lá bemol maior, op. 45; **23.00**: Transmissão das sonatas de Beethoven para piano: Sonata, em si bemol maior, op. 106; **23.45**: Intercâmbio musical: Dois motetes de Michel Richard Delalande; **00.45**: Doze pequenos corais p/órgão, de Erik Satie; **01.00**: Fecho.

3.º Programa
Local (18715 m)

18.00: «Entardecer»; **18.15**: Sal e pimenta (repetição); **19.10**: Tempo e a vida; **20.20**: Desportivamente, por Jorge Schnitzer; **21.00**: Fecho.

4.º Programa
Emissão total em estereofonia

19.00: «Em Órbita»; **20.00**: Programa da noite; **22.00**: «Auditório»; **24.00**: «Prisma»; **02.00**: Fecho.

RÁDIO RENASCENÇA

16.05: Sequência da tarde; **18.08**: Apelos; **18.15**: Igreja em notícia - palavra do dia; **18.30**: Transmissão do terço do Externato do Parque; **19.00**: Programa da Liga dos Amigos da RR; **20.00**: Objectivo; **20.54**: Apelos; **22.00**: Quando o telefone toca; **22.30**: Temas vivos; **23.05**: Última hora; **23.30**: Estante giratória; **23.55**: Meditando; **01.00**: Rotação; **02.00**: Encerramento da estação.

circular é viver

RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO-GERAL
RUA CASTILHO, 185, 1.º, 2.º
TELEF. 654531/2/3/4
REDACÇÃO, SERVIÇOS TÉCNICOS
E PUBLICIDADE
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEF. 321154/5, 320271/2/3
RUA DA ROSA, 75
END. TEL. DIBOA TELEX 12363
LISBOA-PORTUGAL

Explosão em Cabo Ruivo: dois mortos

Uma explosão na Metalúrgica Luso-Italiana, a Cabo Ruivo, fez esta manhã dois mortos. Há ainda sete operários feridos, mas estes sem gravidade.

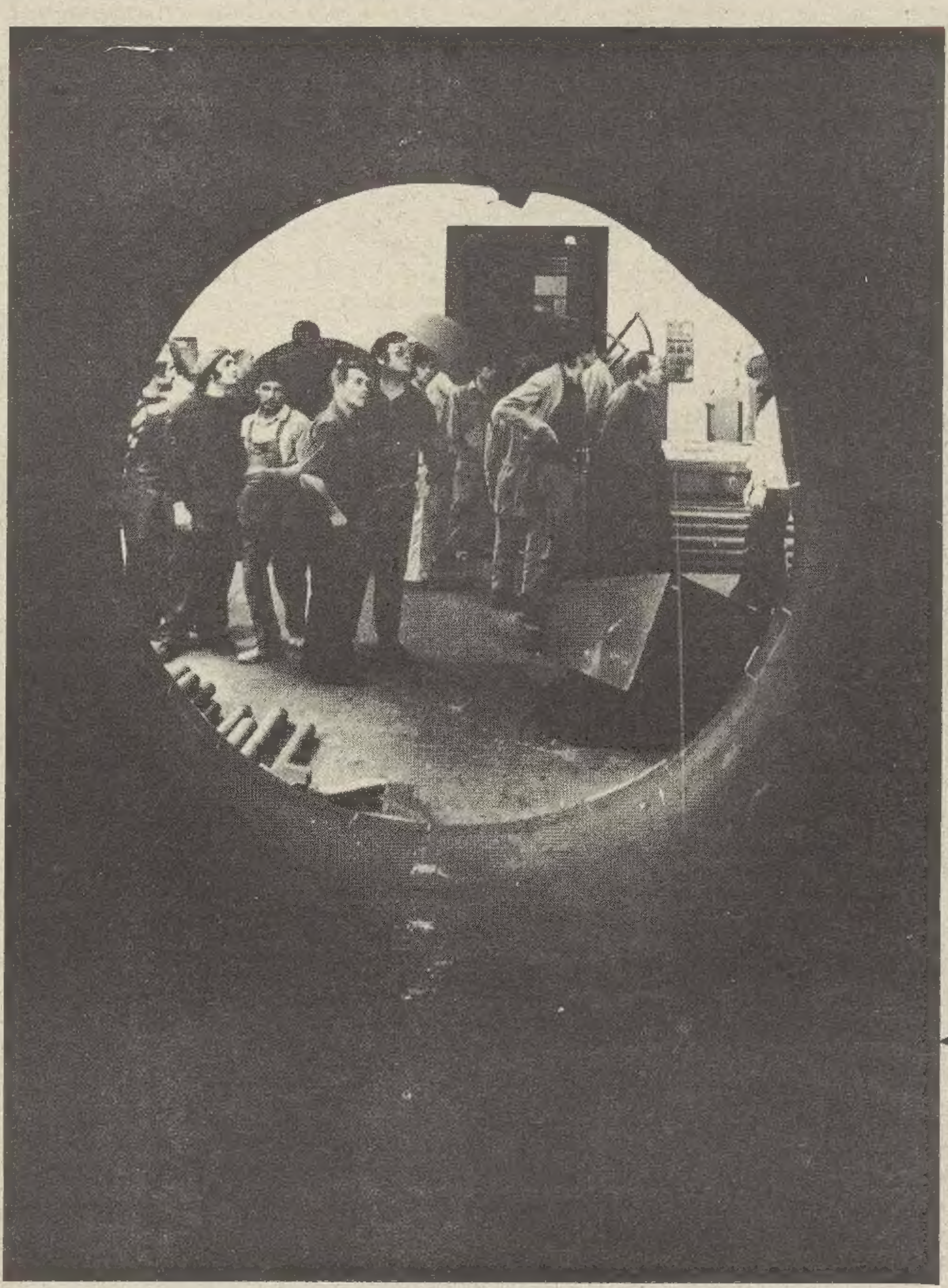
O rebentamento ocorreu na secção de Serralharia Civil, que ocupa 80 dos 630 trabalhadores da empresa, e ter-se-á verificado pela aproximação de um maçarico de um depósito de vácuo à experiência. Eram cerca das 10 horas e o pânico foi indescritível, propagando-se a todas as restantes secções. Entretanto ambulâncias transportavam para o Hospital de S. José os operários José Dias Vaz, cujo óbito foi ali confirmado; e José Manuel Branco, que viria a expirar pouco antes do meio-dia.

José Vaz tinha 46 anos de idade, era casado e pai de uma menina de 12. José Manuel Branco, de 28, igualmente casado, tinha dois filhos gémeos de 18 meses.

Contrariamente ao sucedido anteontem na Portucel, caso a que nos reportamos mais abaixo, as causas da explosão na Luso-Italiana de modo algum poderão ser atribuídas a qualquer negligência na conservação do material e das máquinas. O acidentes disseram-nos no local vários operários, foi perfeitamente fortuito e imprevisto. Os dois mortos faziam parte de um grupo que na altura verificava se existia alguma fuga de gás, depois de haver sido introduzida pressão no depósito.

O abalo provocado pelo rebentamento foi de tal ordem que há fendas um pouco por toda a parte nas paredes da secção atingida e vidros partidos na generalidade das instalações.

Logo após o acidente, e por unânime manifestação de solidariedade para com os colegas atingidos, os trabalhadores do turno da manhã decidiram interromper a laboração, que será reatada em princípio amanhã.



Trabalhadores aglomerados no local da explosão.
Esta deu-se no depósito através do qual foi feita a foto

DOIS MORTOS NA PORTUCEL

Dois mortos e três feridos são o trágico balanço do acidente ocorrido sábado de manhã na Portucel, em Setúbal, quando do rebentamento de uma caldeira de alta pressão.

Embora ainda se desconheçam as razões que motivaram a explosão, esta verificou-se pelas 12 horas, tendo ocasionado a morte imediata de António Manuel Paz Pirocas e de Armando Baptista das Dores. Os feridos, Aníbal Pereira Godinho, José Manuel Rapaz Lérias e António Manuel Bargulho Baião, deram entrada com várias queimaduras no Hospital de Setúbal, sendo um deles mais tarde transferido para o Hospital de S. José, do qual entretanto teve alta em virtude do seu estado não inspirar grande preocupação.

Morreu Fausto Gonçalves

Fausto Gonçalves, um dos mais antigos jornalistas portugueses, foi ontem a enterrar coberto pela bandeira de «A Voz do Operário».

Companheiro de Mário Castelhano e de Manuel Ribeiro, Fausto Gonçalves desempenhou um papel importante na luta sindicalista e foi, em determinada altura da vida, dirigente da C.G.T., distinguindo-se no combate pelo descanso dominical, que no início da década de 30 não passava ainda de uma esperança para milhares de trabalhadores portugueses.

Colaborador de «A Bandeira Vermelha» e de «A Batalha», foi redactor das revistas «O Diabo», «Mundo Gráfico» e «Gazeta dos Caminhos de Ferro», e de outras publicações periódicas como «O Rebate», «Diário da Noite», «Diário do Alentejo», «Gazeta de Coimbra» e «Notícias de Coimbra». Em 1946 assumiu a direcção da «Revista Alentejana», órgão da Casa do Alentejo, função que desempenhava à data da sua morte.

O extinto, que foi perseguido pela polícia política fascista, deixa viúva D. Ester de Almeida Lopes Gonçalves e era pai de Maria Luísa Gonçalves e de Maximiano Gonçalves.

"Prémio Lenine da Paz" para Neto e Samora Machel

Os presidentes de Angola e Moçambique, Agostinho Neto e Samora Machel, respectivamente, foram distinguidos com o prémio Lenine da Paz (biénio 75/76), numa demonstração do interesse soviético e comunidade socialista pelos problemas de África Austral.

Ao publicar a sua resolução, o Comité Internacional do Prémio Lénine da Paz informou também terem sido igualmente distinguidos com este galardão (contrapartida do Nobel no mundo socialista), o dirigente húngaro Janos Kadar; a viúva do presidente chileno Salvador Allende, Hortensia Busy de Allende; e uma série de personalidades como o francês Poujade, o irlandês Sean Mcbride (alto comissário para a Namíbia) e o poeta grego Yannis Ritsos.

O prémio é do valor de 25.000 rublos (cerca de 1250 contos).

O Comité é presidido pelo académico soviético Nikolai Blokhin e inclui representantes de vários outros países.

Comunicados

Dada a profusão e diversidade dos comunicados que, para efeitos de divulgação e algumas vezes com o pedido de publicação integral, nos são enviados, o «D.L.» declara que se não responsabiliza:

a) Pela publicação integral de quaisquer comunicados;

b) pela sua autenticidade;

c) que, de futuro, não aceitará divulgar comunicados que não estejam devidamente autenticados ou em relação aos quais não se verifique uma responsabilização e a identificação da pessoa que os entregue nos nossos serviços.

Ortopedistas dispensados do Hospital de Matosinhos

PORTO, 2 — Durante uma reunião para o fim da manhã de hoje no Hospital de Matosinhos, entre a administração e a comissão instaladora, será tratado o problema dos médicos ortopedistas recentemente dispensados devido à entrada em vigor do «regime parcial» para os médicos do quadro. Segundo este regime, os médicos só poderão prestar serviço num hospital, com um horário de quatro horas diárias. Acontece que os cinco médicos do sector de Ortopedia do Hospital de Matosinhos dão também consulta no Hospital de Santo António em tempo completo e segundo nos informaram, optaram por este último estabelecimento hospitalar.

Assim, na reunião de hoje deverá ficar resolvido se os médicos que prestavam serviço e foram agora dispensados continuarão a dar consulta naquele Hospital até que sejam contratados novos ortopedistas.

Recrutas da PSP têm instrução em Torres Novas

Para formar e exercitar os novos alistados da PSP foi criado em Torres Novas, no antigo Regimento de Administração Militar, um Centro de Instrução directamente dependente da Escola de Formação da corporação.

O Comandante do Centro, capitão de cavalaria Mendes Centeiro, adiantou à ANOP estarem ali inscritos cerca de 370 recrutas, admitindo ainda que aquele número poderá vir a ser ultrapassado muito em breve, de acordo com a urgência em dar satisfação ao recompletamento de efectivos da PSP, e resposta oportuna à necessidades decorrentes da estruturação dos seus quadros.

Ministério das Finanças passa a coordenar dispêndios oficiais em moeda estrangeira

As entidades do sector público ficam dependentes de autorização prévia do Ministério das Finanças sempre que pretendam realizar dispêndios tais como negociar ou celebrar contratos que possam resultar em pagamentos ou encargos liquidáveis em moeda estrangeira.

A medida foi anunciada em comunicado do Ministério das Finanças, tendo em vista, segundo se anuncia, «a necessidade premente de assegurar a execução de uma política de austeridade» e partindo do princípio de que «o sector público não pode deixar de ser o primeiro a dar o necessário exemplo».

Felicitações pelo 25 de Abril

Em nota à Imprensa comunica o Ministério dos Negócios Estrangeiros que o titular da pasta, Medeiros Ferreira, recebeu mensagens de felicitações pela passagem do terceiro aniversário da Revolução do 25 de Abril, enviadas pelos seus homólogos da Argélia, Peru, Costa Rica, Checoslováquia, Roménia, Irão, República Democrática Popular da Coreia, Israel Colômbia e Egipto.

Alliance Française

Está em Lisboa, para uma série de conferências, o director-adjunto e conselheiro pedagógico da Alliance Française de Paris, sr. Pierre Gibert. O primeiro contacto com o público é hoje à tarde (18 e 30) na sede portuguesa daquela organização, à Rua Braamcamp, 13, sobre o tema «Petite Mythologie du Métro Parisien».

TIRAGEM MÉDIA DIÁRIA
EM FEVEREIRO: 46.233
(Hoje 20 páginas)